

Carlos de Brito Imbassaby

Cão de Favela



Romance de época

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

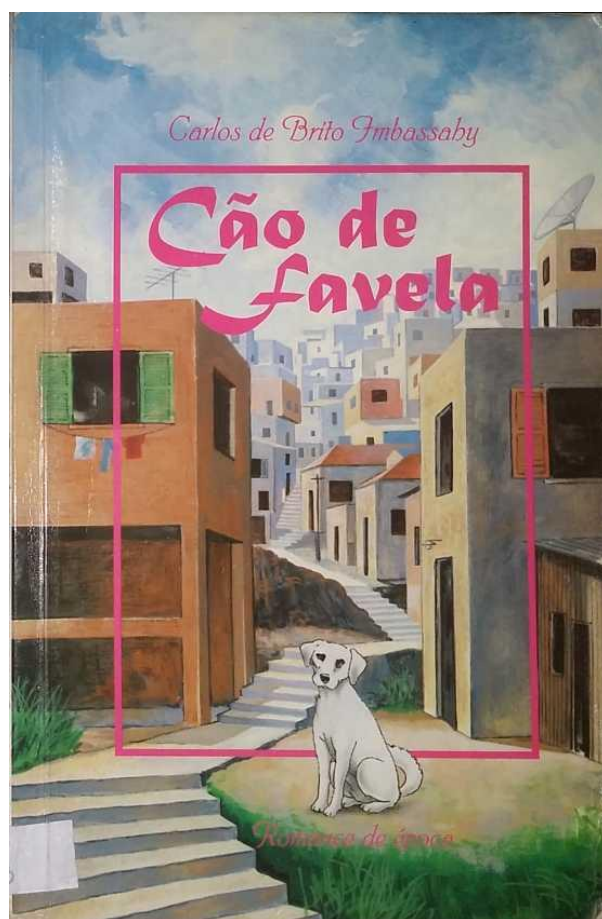
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Prefácio

O Caramelo ou Pirata, Cão de Favela, teve uma vida muito parecida como a de homens que, esquecidos do sentimento amoroso, rodam sem destino pelas ruas do mundo: de boa estirpe, mimado, vadio, viciado, vaidoso, angustiado e sofrido, somente porque não soube descobrir, na hora certa, o que devia fazer. Não há muita diferença entre um outro, quando se fala de amor: no homem o livre-arbítrio, embotado pela ignorância, leva-o ao desamor; no cão, sem livre-arbítrio, por ignorância, o amor é como uma folha ao vento.

Confessou-me o autor que toda a parte dos fenômenos mediúnicos inseridos no contexto são autênticos, permitindo ao leitor, afeito aos postulados do Espiritismo, analisar os fatos claramente e aos outros, não-espíritos, como descobrir as tramas que enreda a alma do homem entre um mundo e outro.

O leitor deverá estar atento para o desenvolvimento do enredo em três tempos distintos que, aos poucos, aparentemente estranhos, vão se entrosando, até chegar a um amálgama único, mostrando a correlação entre personagens díspares e que, inicialmente, pareciam não se engranzar.

Só mergulhando na obra é que, com a seqüência dos capítulos, poder-se-á entender toda a trama que se

desenvolve em nossos dias. A fértil imaginação do romancista, associando fatos mediúnicos reais com uma nova forma de escrever romance, encaminhando cada caso separadamente, a fim de deixar o leitor intrigado e, só no fim, descobrir a correlação entre um assunto e outro: saiu do lugar-comum e repetitivo de tudo o que existe por aí; foi feliz, tenho certeza, inovou.

É uma crônica social de alguns anos inespecíficos da vida brasileira, evidenciando que o homem, qualquer que seja sua posição, dentro das classes sociais ou de sua posse de bens materiais, perde-se quando não tem Deus no coração.

O amigo Carlos de Brito Imbassahy, com o seu *Cão de Favela*, dá ao leitor uma série de lições básicas da Doutrina Espírita, mostrando a comunicabilidade dos Espíritos, as vidas que se enovelam através das reencarnações, os reajustes obrigatórios impostos de lei de causa e efeito entre uma alma e outra, os processos de obsessão e de auxílio de Espíritos. Mostra, seguindo os ensinamentos de Jesus, que a caridade, para enriquecer a alma, não pode ser aparente, a exemplo da “pioneira de Maria”, levando alimentos e roupas aos favelados; revela que grande parte destes, mesmo vivendo no submundo social e submetidos a duras provas, são orgulhosos, vaidosos e egoístas; e exemplifica que muitas pessoas querendo fazer o bem, sem saber como o bem fazer, fazem o mal, como ocorre em muitos casos de adoções de crianças.

Também o homem, como o Caramelo, um dia, depois de múltiplas reencarnações, aprendendo e valorizando o amor ao próximo, deixará de viver nas favelas do mundo, onde coabita com a miséria e com a dor, para ascender a recantos de felicidade, ao libertar-se da coleira da ignorância que o prende submisso à influência da natureza animal.

A exemplo do autor, dizemos que nosso prefácio termina aqui, quando começaria uma outra história, a da vida dos Espíritos Benévolos, vivendo num mundo de Regeneração.

Durval Ciamponi⁽¹⁾

1 - Durval Ciamponi é articulista dos jornais “O Semeador” e “o Jornal Espírita”, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, de onde também é expositor e conselheiro. E autor dos livros “Reflexões Sobre as Bem-Aventuranças”, “A Evolução do Princípio Inteligente” e “Alternativas da Humanidade (Na Era do Espírito)”, todos Edições FEESP. - (Nota do editor) -

Palavra do editor

O autor tem vivenciado uma série de fenômenos mediúnicos os quais lhe fizeram meditar a respeito da ocorrência espírita; catalogou diversos desses casos e resolveu adaptá-los a um romance, de sorte que pudesse

inserir-los num contexto cuja trama se desenvolvesse em torno dos mesmos.

Para isso, criou os personagens que vivem as cenas do romance que, inspirado em um cão que teve sorte parecida com a do Caramelo, aparecem configurados com um pouco da realidade do nosso país.

Trata-se, evidentemente, de uma obra de ficção, ocorrida em algum lugar inespecífico do Brasil, com pessoas imaginárias e fatos relatados nos jornais e noticiários de televisão; o único intuito do seu autor, todavia, é o de fazer um romance que saia do lugar comum e repetitivo de histórias ultrapassadas ou de *leit motifs* explorados.

O leitor deverá estar atento para o desenvolvimento do enredo em três tempos distintos que, aos poucos, aparentemente estranhos, vão se entrosando, até chegar a um amálgama único, mostrando a correlação entre personagens díspares e que, inicialmente, pareciam não se entrosar.

Só mergulhando na obra é que, com a seqüência dos capítulos, poder-se-á entender toda a trama que se desenvolve em nossos dias.

Se o enredo é elaborado segundo a fértil imaginação do romancista, o mesmo não acontece com os fenômenos que, se não descritos com toda sua fidelidade, a fim de não correlacionar com seus verdadeiros protagonistas, ocorreram, de fato e explicam certos acontecimentos do dia a dia que muitas pessoas não compreendem o porque deles.

o enredo é voltado ao drama, para que possa ser fiel ao envolvimento dos fatos, fugindo ao estilo natural do seu autor, sempre voltado para o lado lírico e pitoresco da vida, caracterizado em seu romance anterior, *A Rainha Reencarna-da*, em seus livros de contos e em seus escritos em geral.

De qualquer forma, para o leitor sôfrego em busca de aventuras e ávido de participar da vida dos personagens, a seqüência dos textos fará com que se prenda à leitura, devendo ter o devido cuidado e prestar a atenção no modo indireto pelo qual o tempo dos fatos é caracterizado, senão, tornar-se-á difícil sua interpretação.

O editor

Como tudo se inicia

Os tempos mudam pela lei da evolução e, em todas as épocas, ouve-se sempre algum saudosista lamentar-se do passado, como se as mudanças do seu presente causassem grande diferença de vida, quando, na realidade, o que se modifica é a pessoa, com o peso dos anos vividos.

Envelhece-se.

Messias pensava nisso e no que havia transcorrido com ele ao longo daqueles anos, como se voltassem à

lembrança os fatos, enquanto folheava velho *diário* escrito pelo seu falecido tio Angélico, um irmão do seu pai que houvera sido sargento da Marinha brasileira e chegara, até, a servir na frente de guerra. Isso lhe valera três promoções, uma por mérito e bravura e mais duas ao passar para a reserva, o que o tornara um Capitão-tenente, conseguindo, depois, chegar a Corveta no QAO.

O tio Angélico deixara viúva a dona Conceição, sem herdeiros porque, durante muito tempo andaram evitando filhos para que sua esposa não tivesse essa preocupação enquanto o velho marinheiro estivesse embarcado. Planejavam um para quando ele passasse a servir numa corporação desembarcada; veio a Segunda Grande Guerra, o que fez com que tais planos fossem adiados. Depois, o destino cuidou do resto.

O curioso é que enfrentara muitos perigos, passara por momentos aflitivos, aquele bravo marujo, para acabar sua vida em uma forte gripe, durante aquela internada que o pegou na casa dos setenta anos. Muito alquebrado, não resistiu e “bateu a caçoleta”.

Marino Angélico de Souza, nas horas vagas, anotava suas memórias em um caderno que, na verdade, não era diário, senão um relato dos momentos críticos. Quando sargento da Marinha, seguira a política de Luís Carlos Prestes, era fanático admirador de Lênin e, apesar de seu enquadramento à hierarquia militar, defendia a falsa igualdade entre todos do regime político que adotara. Era sincero e lutava pelos mais fracos, revoltando-se contra as desigualdades.

Diziam, mesmo, que a Marinha era o *antro* dos esquerdistas, naquela época e Angélico, como bom lobo do mar, seguia as trilhas de seus companheiros, talvez, mais influenciado por sua comunidade que mesmo por ideologia ou idealismo.

Messias fora ajudar sua tia a fazer uma arrumação no sótão de sua casa e lá encontrara essas anotações perdidas. Sob condição de devolvê-las intactas, pelo menos na estrutura, conseguira que ela lhe emprestasse o manuscrito: queria saber o que pensava aquele velho tio.

Ali estava ele, de página em página, dando sua primeira virada, sem se ater no conteúdo, mais curioso em saber o enredo que conteria aquela literatura escrita por um homem simples, que ele conhecera em vida e que nunca fora afeito às letras, embora não escrevesse errado.

Enquanto folheava o caderno, seu pensamento divagava no tempo, recordando a imponente figura daquele bravo homem de média estatura e pele queimada pelas intempéries do mar, o que o fazia de uma cor azeitonada, sem ser índio, com os cabelos muito lisos e sempre emplastrado de brilhantina, repartido ao meio, com o mesmo

toque curto da época em que estava incorporado à tropa. Costumes.

Ah! Seu velho e bom tio!

Ele, Messias, menino ainda, com grande algazarra, vinha correndo recebê-lo, quando os visitava. Adorava-o; chegava a venerá-lo. Como militar, o sargento não era afeito a grandes expansões, contudo tinha sempre um afago carinhoso para o garoto e comumente lhe trazia algum doce feito pela mulher, para dar-lhe.

Quando vinha, além dos doces, tinha sempre uma lembrança de tradição. Ficava horas conversando com o irmão Timóteo, conhecido como Souza, pelo sobrenome. Discutiam assuntos diversos, só não se permitiam trocar idéias políticas porque, se o marujo era comunista declarado, apesar de não fazer parte de nenhuma célula da organização, seu irmão mostrava-se ferrenho defensor da democracia partidária e via em todos os regimes totalitaristas um perigo para o povo,

1 CAO DE FAVELA

a grande vítima desse nefando jugo. Por isso, haviam abolido de seus temas a política.

Timóteo era casado com dona Ingrácia, de família tradicional mineira muito religiosa e que lhe dera, além do Messias mais uma filha, Maria Aparecida, em honra à mãe de Jesus, que acabou sugerindo o nome do rapaz.

Quadradona nos costumes, dona Ingrácia não deixava sua filha namorar, pelo menos, “esfregar-se em homens”, como dizia: quando escolhesse alguém, seria para se casar e seguir a tradição de família. Ela conhecera o Timóteo numa festinha entre amigos e, até mesmo durante o noivado, a maior intimidade a que se permitiram teria sido um beijo na face. Fora para a cama com aquele homem, no dia das núpcias, sem nunca ter trocado uma palavra íntima a esse respeito e, no entanto, estavam ali, os dois, unidos pela Santa Madre Igreja, até que o destino os separasse.

Para ela, o resto era pouca vergonha.

A pobre Mag, apelido íntimo da Maria Aparecida, vivia como podia sob aquele regime de austeridade e, se não se lhe adaptava aos modos da mãe, também não se insurgia contra eles, afinal, aprendera a ter respeito pelos mais velhos e principalmente se estes fossem seus ascendentes, como no caso dos genitores.

Messias crescera, era mais velho e havia nascido pouco antes do início da invasão alemã ao resto da Europa, no ano em que a Rússia, representada pelo Premier Vyatcheslav Molotov, *Comissário do Povo soviético para Negócios Estrangeiros*, assinara com os nazistas representados pelo Barão Jochen Von Ribbentrop, Ministro das

Relações Exteriores do Terceiro Reich, um *Tratado de Não Agressão* que, na realidade, não era senão um pacto de Tordesilhas, dividindo a Europa em duas, para quem na visse do polo norte, à esquerda para a Rússia e à direita para a Alemanha.

Quem viveu àquela época deve se lembrar que a nação dos czares não teve a menor dificuldade de ficar com os países que lhe competiam, excluindo a Finlândia, que não quis se curvar a esse domínio e lutou bravamente enquanto pode. Já Hitler, o Premier da Alemanha nazista, não teve a mesma sorte, principalmente porque na área que lhe cabia estavam a França e a Inglaterra, tradicionais pela rivalidade existente entre ambas e que, supostamente, não seriam difíceis de serem incorporadas ao dito Terceiro Império.

Isto aconteceu em agosto - mês de desgosto - de 1939, mais precisamente no dia 13, o fatídico número dos supersticiosos. Já Mag, filha de dona Ingrácia havia nascido. Messias ia fazer dois aninhos ainda.

Isso é um pouco de História, na nossa história.

Messias não tinha tenência desse assunto: recém-nascido, nem tomara conhecimento do que lhe ocorria em volta, quanto mais no longínquo Velho Mundo!

Agora, estava ali, revivendo alguns desses momentos, pela leitura que tinha às mãos.

2 Vida emfamüia

Chovia muito; Sulamita era uma das três filhas do casal Narciso e Ethelvina Mendes que, além das moças, ainda haviam tido dois varões: Augusto César - o mais velho - e Sérgio; entre eles nascera a Mariana. A caçula ganhara o nome de Anabela.

Pois, Sulamita veio chamar a mãe para ver um cão *pood- le*, todo encharcado de chuva, pobrezinho!

Ethel, ainda no esplendor da meia idade, era uma senhora vigorosa, alta, esbelta e de poucas falas, apesar de muita ação. A chamado da filha, veio ver o animal, todo cheio de lepra e doenças; apiedou-se dele e resolveu agasalhá-lo, não sem antes lhe aplicar um bom banho e passar-lhe algo para aquela sarna de cão abandonado, o que era, deveras, de se estranhar, em se tratando de um cão de raça.

O pobre animal encontrara o portão semi-aberto e não hesitara em transpô-lo, como se algo lhe dissesse que, ali, acharia o caminho certo para seu tratamento. Estava imundo, cheio de praga que nem pulga mais queria passear entre seus parques e agastados pelos.

Foi um primeiro banho demorado. Ninguém sabia de onde teria vindo aquele cãozinho nem como encontrara a entrada do portão. Estava ali.

O pobre tremia de frio; faminto, sequer dava mostras de se preocupar com a fome. Depois de banhado, enxuto a secador de cabelo e agasalhado, tibiamente enfrentou um prato de ração que lhe era dado, provavelmente estranhando aquela comida que não se lembrava ter visto em nenhum lugar. Na verdade, acostumara-se a ingerir restos e nem sempre sadios. Era a que sobrava para ele nos últimos anos transcorridos, de sorte que, na primeira oportunidade depois do banho, encontrando um punhado de comida jogada às bordas da lata de lixo, devorou-a como se houvera encontrado o manjar dos deuses.

E agora, o que fazer com mais um cão? Sula pretendia ser veterinária: adorava os bichos e não podia ver nenhum largado à rua que o trazia para casa, principalmente se estivesse maltratado. Alguns, depois de devidamente cuidados, encontravam destino, mas outros iam ficando até que alguém os quisesse. Com isso, além desse novo intruso, mais outros quatro coabitavam um *cachorródromo*, num canto da casa.

Mari, ou Mariana, tinha, entre seus amigos, a quem namorava, um veterinário já diplomado, que, de vez em quando, com muito carinho, tanto pela amizade à moça como aos ditos irracionais, vinha ver a fauna recolhida. Foi chamado. Num exame rápido, diagnosticou a doença de pele, recomendou o remédio certo e estimou que ali estava um velho cão de mais de dez anos, por isso, ele acabou sendo chamado de “vovô”, nome perfeitamente assimilado pelo animal, como se compreendesse a nova situação em que se encontrava.

Narciso, que de egolatria só possuía o nome, era um homem que tivera uma vida desregrada e cheia de mulheres que o cobiçavam, por isso, tardou a se casar, até encontrar Ethel em um fortuito acaso do destino. Conheceram-se, conversaram e não pensaram que esse mesmo destino os tornaria a colocar um ante outro e que, da união de ambos, redundasse uma família que, se não muito grande, era suficiente para fazer com que seus conhecidos comentassem o fato, dando mérito à coragem do casal em liberar uma prole daquelas numa época de tanta dificuldade. Não ligava para as excentricidades da turma e via na adoção de mais um bicho o início para implantar um zoológico na própria casa, de sorte que, quem decidia esses casos era sua mulher.

Saía cedo para trabalhar. Tinha uma árdua faina no escritório; assim que retornava, cansado, à casa, não tinha condição suficiente para se preocupar com o cotidiano, apesar de altamente variado. Pensava no banho, na ceia que faria em seu quarto, a portas trancadas, após ter atendido a todos, ouvido as queixas, lamúrias e pedidos da criançada e dado a cada uma delas a devida atenção. Depois disso fechava a porta do quarto dizendo:

-Agora, papai e mamãe vão descansar. lam...

Não era § toa que naquela casa nasceram cinco rebentos, apesar de toda precaução. Com a chegada do “vovô”,

houve um pequeno alvoroço, logo, porém, os dias voltaram ao normal. O sol se pôs ao céu, sorrindo para a terra e dando-lhe alento para que continuasse sua trilha evolutiva no ciclo das existências.

O cão cheio de perebas, aos poucos se recuperava. Tinha um gênio carrancudo, de velho que já vivera o suficiente para não querer brincadeiras com a criançada, no caso, dois gatinhos filhos de uma gata agregada à casa por época do parto, dois outros jovens cães também de pequeno porte, que vivam às baldas, correndo pela casa, a se atracarem em carreiras alegres. Esses quatro vivam sempre em correria natural da idade. Já o “vovô”, circunspecto, queria que a paz da quietude universal se estendesse sobre ele, a fim de ter um resto tranqüilo de vida que nunca desfrutara.

Na sua década de existência já sofrera tanta coisa, já vira passar tanto mau pedaço que se sentia na condição de exigir o sossego dos justos.

E quem pensa que cão não tenha vida agitada, irá reformular sua idéia quando conhecer os momentos vividos pelo “vovô”, desde que nascera até aquele em que, felizmente, encontrara uma protetora que o recolhera.

3 Na subida da favela

Mário não passava de um marginal; seu apelido nas bocas da malandragem era Biba e morava numa ótima casa de alvenaria, meio escondida na favela. Não importa em que morro e, nesses casos, é de prudência não se revelar nada. O silêncio é a grande ordem de sobrevivência. Vivia da prática de pequenos roubos e furtos, a que se acostumara e, como onde morava, havia um bom número de meliantes, todos procurados pela Justiça, ele, que ainda não tivera seu nome arrolado por nenhum delito, é que servia de informante para os demais, porque trafegava livremente pelas ruas da cidade.

Por mero acaso, passava por uma rua para subir uma das ladeiras que dava acesso à favela onde se destacava como um dos bambas entre as mulheres, quando viu um cão filhote, todo peludo, cor de caramelo, vagando pela calçada; devia ser de alguma família daquelas que residiam nas redondezas. Isto pouco importava. Lembrou-se de que poderia levá-lo para dar a alguma pequena em troca de bons momentos de “amor”, coisa que nunca sentira por ninguém, mas que, na sua linguagem, definia o prazer do sexo e nada mais.

E, se pensou, assim o fez: o cãozinho amedrontado, abaixou-se todo ante a aproximação do seu perseguidor, que não teve a mínima dificuldade em colocá-lo sob o blusão, às escondidas da vista de alguém que o pudesse delatar. Se é que houvesse quem, para isso, tivesse coragem.

Lá ia ele cismando, ladeira acima:

- Só tem covardes nessa terra! Contudo, é melhor não me expor a ninguém, a fim de não ficar marcado. Não convinha. Não podia perder o *status* de “não procurado pela polícia” que lhe garantia a confiança dos demais “colegas”.

Curiosamente, quando subia por aquela encosta, sempre estava em algum carro roubado; pela primeira vez o fazia a pé. Quis o destino que definisse, assim, a sorte daquele pobre canino que tinha tudo para ser um mimado bicho de estimação em casa de gente que gostasse de animais e que, de repente, se vê transformado em um cão de favela.

Nos primeiros dias, o bichinho andou de mão em mão, de uma casa para outra, por vezes, escorraçado, sempre com maus tratos; em outras oportunidades, mudava-se por mera transferência natural de um lugar em que ninguém é dono de nada e todos são “senhores absolutos” desque aliados à marginalidade.

Foi desse modo que acabou no barraco da Margarida, depois de um violento chute dado pelo seu irmão Zeca que, como exímio artilheiro, acertou em cheio o vão da porta de sua casa.

Gemendo e ganindo, no seu grunhido de indefeso, foi meter-se sob o primeiro móvel baixo que encontrou, curtindo sua má sorte de ter-se transformado em uma bola de futebol. E lá passou aquele resto de dia e mais uma noite. No dia seguinte, a fome falou mais alto que a dor e lá saiu à procura de alimento. Encontrou alguma coisa esparramada nos fundos do barraco; se não era ração, pelo menos servia para ser ingerida. É escusado dizer que, para a tarde, estava com uma terrível diarreia, o que lhe valeu uma boa surra, por ter evacuado no interior do cômodo.

O pobrezinho não sabia a que recorrer nem para onde fugir, pois, se ali se encontrava é porque batera em retirada, após muitos maus tratos, da antiga habitação que lhe adotara. Tudo era a mesma coisa, afinal, estava vivendo em um ambiente hostil.

Margarida morava com o irmão e mais quem lhe desse boa vida, mesmo, em troca de favores conjugais, o que, para ela, não lhe tornava difícil a existência. No momento, quem coabitava seu barraco era um tal Jucá Mente, porque mentia até quando tentava falar a verdade. Ali era a parte miserável da favela onde viviam os que eram pobres de bens e, muitos, pobres de espírito.

Imperava a imundice, a total falta de regra nos costumes, enfim, a decadência social elevada ao último grau de existência. Alguns - nem todos - vestiam-se a qualquer troca; pouco se lhes importava se estavam ou não se cobrindo decentemente, ou se as aparências, geralmente desgrenhadas, sugeriam alguém integrado numa

civilização. A escória das escórias.

No barraco do lado se escondia a Mariá, como gostava de dizer o Zeca. Era um “mulheraço” na expressão lata da palavra: de porte pesado, boa estatura que eliminava um pouco a sensação de gordura, aliada a gestos largos e fáceis que lhe dotavam de grande mobilidade. Morava com a irmã, outra Maria, só que das Dores, por isso, simplesmente tratada como Dores.

Dores, menos corpulenta, chegava a ser esbelta; trabalhava na cidade como doméstica, a fazer faxina em casas de madamas, com o que ganhava bom dinheiro, pois, além da diária cobrada, ainda levava o da passagem que, geralmente, dava para duas idas, e que ela, dificilmente, só gastava se, de fato, não encontrasse ninguém para lhe financiar o transporte. Descia o morro toda arrumada, nem parecendo faxineira e lá ia ela para o trabalho, sempre de mau humor. Tapeava mais do que produzia e ainda tinha a petulância de contar suas bravatas:

1 Essas patroas são umas preguiçosas; vivem a implorar que façamos tudo, mesmo que só na aparência, para os maridos verem quando tornarem à casa. Hoje tapeei à grossa!

E tinha sempre uma história para mostrar como enrolara a dona da casa onde houvera trabalhado aquele dia: uma varridela jogada no fundo da cozinha, uma aparente limpeza de vidraça, ou, até um serviço dado como pronto onde nem sequer começara. Quando podia, ainda tirava uma farpa com algum patrão sem vergonha que gostasse de se esfregar nas empregadas. Nem todos.

Mas, quando subia a ladeira de volta ao lar - se é que se possa chamar de lar àquele pardieiro em que vivia - sua fisionomia era outra: alegre, sorridente, brincalhona, mexendo com os que conhecia, revidando algum chiste que lhe fosse dirigido, enfim, a coroação de mais um dia. Entrava elegantemente trajada por uma porta, pisando fino em salto alto e, minutos depois, se mostrava por outra, descalça, já toda esmolambada, a cometer impropérios e usar sua proverbial pornofonia, de costume, para se relacionar com a vizinhança. Que terrível metamorfose!

Podia ser uma vida de miserável, mas, no barraco, existia uma televisão e uma geladeira de último tipo, porque eletricidade, lá, era gratuita, tirada de um poste da companhia elétrica e que nenhum empregado da mesma ousava desligar, sob pena de cair fulminado por um tiro perdido que a polícia jamais apuraria de onde saíra.

Dores, apesar dessa estafermice, gostara daquele cãozinho a que dera o nome de Caramelo, por causa da sua cor de pelo e vivia brincando com ele; foi a que lhe deu uma vidazinha um pouco menos sofredora, porque

dava-lhe os restos da comida que trazia e que, além de sadios, provinham das casas onde trabalhava, de modo que vinham sortidos. Acabaram se adotando mutuamente.

Um outro amigo do Caramelo era o Joça, um garotote que soltava pipa para avisar aos meliantes que havia algum movimento suspeito; morava pela vizinhança, com a mãe. Cedo descia para sua tarefa, que consistia em ficar alerta a qualquer movimento suspeito. O sinal era empinar seu instrumento de trabalho e tão afeito estava àquilo que, antes de qualquer outro risco para os marginais, já a caiffa de papel voava aos ares. Havia, até, código: quando era a vermelha tratava-se de perigo certo, polícia subindo o morro ou algo semelhante, provavelmente, em busca de algum furto ou roubo. Aí, era tempo suficiente para que tudo o que comprometesse tivesse sumiço. A amarela era simples aviso de alerta; a azul denunciava a presença de outros marginais na área que não fizessem parte do grupo e, finalmente, uma bem grande, multicolor, indicava que havia suspeita de provável novidade, nem sempre caracterizada. Joça levava a sério suas obrigações; dava plantão desde as seis horas da madrugada e só voltava a casa quando seu substituto lhe rendia.

O resto do pessoal que rodeava a vida do Caramelo não era de sua intimidade. Um pouco mais abaixo havia uma casa de crentes. Lá, Caramelo nem entrava porque, quando o fizera, por duas vezes, suas saídas tinham sido deveras trágicas; bons crentes: constantemente, o pessoal da Igreja subia o morro para fazer pregação naquela casa onde, pelo menos, havia limpeza e arrumação. A primeira investida do cão, a essa altura, bem crescidinho a ponto de já levantar a perna para mijar no poste, como lídimo representante canino, foi entrando e foi marcando o primeiro ponto encontrado com sua urina. Não teve tempo de compreender o que acontecia posto que uma vassourada bem aplicada jogou-o porta afora.

De uma outra vez, alguém o achou fazendo suas necessidades fecais em cima de um pano ao chão que fazia as vezes de tapete. Apanhado em flagrante, foi jogado pela perambeira e lá ficou engastado no meio do mato, todo arranhado, cheio de dores, sem nem sequer saber para onde ir nem como dali sair. Não fosse um conhecido do Joça, que vira o amigo brincar com ele, tê-lo apanhado e levado de volta para cima do morro, ele não teria encontrado retorno. Na certa, acabaria em outra casa, como das outras vezes. E a sua vida continuaria sendo a mesma: de favelado ambulante!

Dali pra frente, lá na Igreja, ficou conhecido como cagão e quem o visse entrar naquela casa cristã, por conta disso, expulsava-o, incontinente, com o que tivesse à mão para tacar-lhe em cima. Convenhamos: Caramelo havia feito por onde merecer tal antipatia, embora a violência com que lhe aplicavam o corretivo não se justificasse. E ele

é que era o animal.

4 o segredo do diário

Messias, mais uma vez, folheava absorto o diário do seu tio. Letra muito segura, escrita com as de palavras, demonstrava uma caligrafia impecável, quase ronde. Um trecho prendeu a atenção do rapaz:

“Essa eleição de 1930 foi verdadeira fraude. Washington Luís manipulou os resultados e, com eles, conseguiu derrotar o candidato gaúcho. Não sei se isso será bom para o país, mas, pelo que meu pai conta, a eleição foi sempre vencida pelo candidato do governo. Será? O homem nunca foi bom de História, confunde tudo e tem como certo que a deposição de D. Pedro foi puro golpe militar para que os generais subissem ao poder, esquecendo-se de que o sucessor de Floriano foi um civil.”

Parou de ler aí. Foi passando as folhas e só se fixou para continuar a leitura no trecho em que integralistas disputavam o poder, tentando destituir Getúlio Vargas; algo lhe chamou a atenção: sabendo que o tio era comunista convicto, não estranhou a ênfase que possuía a frase por ele escrita:

“Os canalhas dos camisas-verdes foram simplesmente desbaratados pelas tropas governistas. Eles não contavam com a interveniência do exército, julgando que os militares, por vestirem fardamento também verde, não iam se intrometer no cerco ao palácio do Catete, cuja queda já tinham como certa. A essa altura, Getúlio seria morto e seu pessoal dizimado. O regime integralista segue a linha fascista do Duce, da Itália, que não poupa ninguém.”

- Isso é intriga da oposição. Será que, no Brasil, havia clima para tanto desmando? — Pensou ao ler o manuscrito. Afinal, naquela época em que estava vivendo, o país parecia tranquilo e sereno. É certo que haviam destituído o Presidente ou Ditador - Vargas por um golpe de Estado, sem o que ele continuaria *ad eternum* no Poder; não houvera, sequer, uma * gota de sangue derramada. Dutra fora eleito com os votos do trabalhismo getulista. E haviam deposto o homem!

Não dava para entender nada: derrubaram o homem e ele elege seu sucessor, além de fazer legenda partidária em ; não se sabe quantos Estados distintos para o seu partido político.

Nas primeiras eleições, o candidato podia se inscrever a quantos cargos eletivos quisesse, desde por estados diferentes, de sorte que os grandes políticos, a fim de comandarem a legenda, se registravam por São Paulo, ou Rio de Janeiro (capital do país), quer mesmo em Minas Gerais e mais por onde cismassem. Depois, escolhiam qual

o cargo eleito em que tomariam posse, mas, as suas legendas nas demais funções eletivas de outros estados, ele não as perdia e, com isso, fazia lastro para que seus correligionários se beneficiassem.

Curiosa, essa forma eletiva de legenda, sem dúvida, tendenciosa, porque, muitos dos candidatos bem votados não conseguiam que seu partido chegasse ao quorum para que ele alcançasse uma cadeira, enquanto que, outros como Barreto Pinto, foram homologados com apenas 400 votos, às custas da legenda do Getúlio, por ser do mesmo partido.

Mais curiosa, ainda, foi uma anotação do tio comentando que colocara no envelope fornecido pela Mesa da sua seção o papel impresso com o nome do seu candidato, todavia, conferindo a lista da mesma, verificou que não havia nenhum sufrágio para aquele em quem votara.

“Garfaram” sua escolha. Não há dúvida de que ocorreria alguma “mutreta” por parte da Mesa apuradora. E não tinha como reclamar porque o voto era secreto: palavra contra palavra e, no caso dos escrutinadores, era a já tão desacreditada Justiça brasileira que os resguardava.

Aquela literatura entediava Messias, de sorte que resolveu interrompê-la; contudo, por mera curiosidade, foi folheando mais para a frente, a fim de fazer uma leitura dinâmica do conteúdo. Pois, chama-lhe a atenção um texto com destaque em sublinhado a vermelho que dizia: “Hoje conheci o dom Gaspar, presidente de um Centro Espírita, que me falou a respeito da doutrina de Kardec”.

Numa linguagem meio bronca, o tio descrevia o encontro e fazia referência ao novo amigo, de família espanhola e de como o conhecera; terminava seus comentários com uma conclusão muito individual: “... falara-me da igualdade entre as criaturas e da Justiça de Deus de uma forma que, se for assim, terei encontrado a religião que deva abraçar”. A anotação que se seguia já fora feita em outro dia e tratava, novamente, da situação por que atravessava o país e as mazelas administrativas de um governo que exauria as reservas internacionais importando ioiô da Inglaterra.

O tio Angélico era um eterno revoltado contra as injustiças sociais.

5 Uma adoção indevida

Nem tudo é como se pensa!

Na casa de Narciso Mendes reinava uma paz de família da classe média, amavam-se os animais, porém, o casal houvera recolhido para criar uma criança enjeitada cuja data do nascimento, origem e que mais eram desconhecidos; uma assistente social, numa feita, batera-lhe à porta, por indicação de conhecidos, trazendo o

bebê ainda de colo, a dizer que pertencia a determinada sociedade de fundo filantrópico e que estava encarregada de arranjar um lar para aquele menino inteiramente desconhecido.

Apenas o Augusto César era nascido, de sorte que o casal julgara por bem arranjar um irmão inda que postiço, para servir de companhia ao menino. A alegação essencial, porém, para tal ato prendia-se ao fato de que Ethel tivera um parto a fórceps e estava condenada pelo obstetra a ter os maiores resguardos para não mais engravidar a fim de evitar males maiores. E entre ter *filho* único, como fora Narciso, que conhecia o problema por tê-lo vivido, preferiram aceitar a criança.

Registraram-no *como* filho e inventaram uma data qualquer de nascimento. De *fato*, o cuidado dispensado a ele era de primeira linha, principalmente porque o menino era problemático, raquítico, apresentando outras deficiências. Desde os momentos iniciais de vida na nova casa, ele tivera o mesmo tratamento dado ao filho verdadeiro e mais os cuidados médicos.

Como foi que surgiu Mariana? Descuido, mesmo.

O filho adotivo, que tivera o pomposo nome de Nêmio Túlius mas que era tratado pelo apelido de Neném, não só por sê-lo, à época em que adquiriu a antonomásia, como pela corruptela forçada de Nêmio, já completara dois anos quando sua mãe por adoção começara a ter náuseas em cima de enjôo. Desconfiada, encheu um pote com a urina de uma noite mal dormida e lá foi com mijo e tudo para o laboratório que ficava na esquina da rua em que morava.

Com o resultado na mão, o jeito foi correr para o obstetra que, de imediato, optou por um aborto, sob alegação de sérias conseqüências que, não só poderiam afetar a criança, como ocorrer novamente um problema cesáreo de graves resultados para a mãe. No mínimo, uma gravidez de risco pleno. Foram nove meses angustiantes, de expectativa e de discussões, onde o médico, teimosamente, defendia a tese de que, por tolos motivos religiosos, dois filhos estavam correndo o risco de perder a mãe, contra a improbidade de ter um filho disforme.

Na verdade, não era bem a influência que os dogmas da Igreja exerciam, mas o instinto materno de uma tenaz mulher que se negava assassinar seu filho no próprio ventre. Filho não: filha, mas isto só se foi saber no dia em que o casal acordou sobre um lençol encharcado do líquido amniótico e dali rumaram célere para a maternidade. Enquanto a mãe era acudida por uma enfermeira, o pai foi à cata da papelada para a internação. Ao voltar já se deparara com uma vermelha e corada garotona que acabou se chamando Mariana, por causa da avó que fora uma de suas maiores defensoras.

Depois veio o Sérgio Ricardo; já aí, a mãe não se assustara, com a nova gravidez, por causa do parto anterior. Ainda o estava amamentando quando Sulamita anunciou sua vinda; mal terminara a quarentena e ambos, indóceis, não tiveram o devido cuidado, a pensar que tão próximo da delivrance houvesse tal risco. Houve.

Dez meses e onze dias após o Serginho dar o ar do seu choro, vinha outra menina que acabou levando o nome de Sulamita; nem mesmo os pais sabem o porquê desse nome. Anabela demorou um pouco mais para vir; a essa altura, a mãe adotara um *peçário*, coisa moderníssima naqueles períodos, só que o dito cujo era muito importuno, pois se colocava no dia em que se pretendesse evitar a fecundação e tinha que se esperar, pelo menos, quarenta e oito horas para tirá-lo e fazer a higiene. Acontece que, com a volúpia que envolvia o casal, nunca se conseguia inteirar aquele *loongo* tempo, para que se fizesse a remoção do preservativo feminino.

A coisa, porém, parecia dar certo, até que, numa bela manhã, quando Ethel tentara tirar a cobertura uterina, verificou que ela não saía nem por nada. Corre à médica e esta lhe avisa:

- Seu útero está inchado!
- É coisa séria?
- Depende de como você encare uma quinta gravidez.

Dessa feita, a mãe, já farta de conhecer o caminho gestatório, mandou os cuidados às favas e tratou de seguir sua vida da melhor forma possível.

Anabela não chegava a ser um “temporão”, mas como viera algum tempo depois, ficou sendo a “raspa do tacho”, como o chamavam os outros, posto que, Ethel, depois dessa inesperada vinda, resolveu não se precaver mais:

- Agora venha quem quiser; é muito chato estar-se evitando a duras penas e acabar enfrentando um processo gestatório. Se é para ter, pelo menos, chupa-se a fruta até o caroço.

Com ou sem caroço, acabou não vindo mais ninguém: o estoque dos encomendados se encerrara e, pelo jeito, todos estavam ali, felizes, reunidos na mesma família.

6 Nasce um traficante

Biba, aquele mesmo que levara o Caramelo para o morro, havia assumido o tráfico de drogas, ainda incipiente, daquela favela e a governava com punho de ferro: quem com ele colaborasse tinha tudo, mas aí daquele que, por ventura, ousasse, mesmo involuntariamente, contrariar uma de suas decisões. A época era outra:

havam-lhe chamado aos escritórios de não se sabe quem; uma bela tarde, apareceu uma limousine negra, dirigida por um motorista de boné, trazendo dois grandes atletas de porte, vestidos à mais alta linhagem de alfaiates do tempo. Ambos engravatados, saltaram do carro, demonstrando que estavam armados até os dentes - como se dizia - e que se prepararam para tudo.

Já tinham um *dossier* completo das atividades do Biba e se diziam guarda-costas de uma influente pessoa da sociedade. Foi fácil acharem o rapaz. Conversaram com ele, sem que ninguém soubesse o assunto que trataram, porém, o certo é que o marginal do morro aquiesceu em acompanhá-los, embarcando na negra viatura e indo com eles, não se sabe para onde.

Voltará* muito tempo depois, com muito mais poder, exigindo que todos os moradores da região o respeitassem, porque, de ora em diante, ele seria o chefe de um novo comando que seria implantado na região, em benefício da coletividade. E aqueles que não se sujeitassem às novas determinações, teriam que se haver com ele, porque - costas quentes

- tinha o amparo de gente importante que pretendia se estabelecer com suas atividades naquele local.

Daquele momento em diante, suas decisões não poderiam mais ser discutidas. Ai dos que desconhecessem tais determinações!

E foi o que aconteceu com o chefe dos “bíblias” que habitavam perto da casa de Mariá. Joça, inocentemente, ouvira uma conversa acerca da pregação evangélica, condenando o uso de drogas, e fora contar ao Biba; isto foi suficiente para que um tiro perdido, num dia em que a justa resolvera dar uma batida no morro, atingisse em pleno peito o pobre pregador.

A imprensa fez um estardalhaço enorme: a polícia havia matado um inocente, em sua batida. A coisa surgiu assim deturpada porque essa fora a ordem emanada do “comando” do tráfico ora instituído: a população que quisesse continuar morando no morro teria que defender essa versão, embora falsa. Um que outro repórter aventureiro, ouvindo a “população” local, achou que aquela notícia venderia jornal e, no dia seguinte, sua folha diária estampava em manchete: - Polícia mata inocente num tiroteio com marginais.

Para variar, não deu em nada, senão, em enterro onde a maioria dos favelados fora obrigada a comparecer, como se mais uma vítima dos perseguidores da classe social que lá habitava tivesse sido realmente executada.

No dia seguinte, os parentes do defunto mudavam-se dali. Eles sabiam a verdade, porque ela fora propalada aos quatro cantos, para mostrar que os traidores eram sumariamente extintos. A casa, porém, ficou. Nela foi

morar um falso pastor, encarregado de difundir o livro sagrado no meio da favela. Um aventureiro que, à falta do que fazer para ganhar dinheiro, achou muito oportuno exercer tal atividade remunerada.

De início, ele pregava todas as noites para um grupo reduzido de cinco ou seis participantes fiéis; depois, passou para os dias pares da semana e mais o domingo festivo onde compareciam outros adeptos de lugares diferentes. As reuniões noturnas acabaram se reduzindo a duas pessoas apenas, além do pregador, por isso, ficou resumida à segunda-feira. De terça a sábado não havia nada no local.

Porta fechada, Caramelo resolveu se vingar das duras sovas que levara anteriormente e, sempre que se vislumbrava oportunidade, lá ia ele, perna erguida, regar a entrada do templo improvisado. Como o responsável por aquele “improvisado” de igreja por lá não andasse, quando a turma de domingo chegava, o cheiro que tresandava era de uréia pura, da mais lídima qualidade produzida pelas vias urinárias do cãozinho enfezado. E tudo indicava que ele sabia o que estava fazendo porque, quando o primeiro chegava para abrir a porta, lá ia ele de mansinho, ver bem de perto o nariz torcido dos pioneiros a comparecer. Um balde cTágua era jogado, mas pouco adiantava para debelar a morrinha de cinco dias de mijadas constantes. Não raro, um esfregão corria o local, com detergente e água, meio escassa, porque era carregada em baldes, lá da bica, situada bem mais em baixo.

Os crentes, para melhor pregarem o “Evangelho de Jesus”, resolveram fazer uma listagem da necessidade geral dos habitantes da favela e, para isso, contaram com um grupo de senhoras “Legionárias de Maria”, ditas pioneiras sociais, ligadas ao estudo do Espiritismo e que pregavam a assistência aos necessitados como forma de colaboração para a “prática salvadora” da caridade.

Não fazia diferença para elas que o mérito fosse da Igreja Evangélica, pois, segundo pensavam, a caridade era universal e, o que importava, é que fosse praticada, principalmente quando apreciada ou presenciada por testemunhas, a fim de as terem a seu favor perante o “Tribunal divino”. O que se visava era a salvação perante Deus, tal como seus ensinamentos determinavam.

Foi feito um estudo sistemático que redundou num formulário de pesquisa para ser preenchido pelas famílias que quisessem ser beneficiadas pelo serviço assistencial. No princípio, o movimento foi olhado com muita suspeita: onde já se vira fazer alguma coisa sem visar a lucros!?

A coisa era lenta e ninguém via naquilo nenhum benefício, de sorte que, inicialmente, só três famílias se inscreveram, assim mesmo porque nada tinham que perder pois estavam necessitadas.

A partir do mês seguinte, semanalmente, as pioneiras sociais das Legionárias de Maria subiam o morro trazendo um pacote de mantimentos padronizado para cada uma das três casas e, junto, mais alguma coisa correlata com suas necessidades. Os demais viram que era uma burrice enorme não se inscreverem naquele rol de benefícios, afinal, se houvesse algo que não os interessasse, jogava-se fora e aproveitava-se o resto. Não lhes custava nada participarem!

Feijão, arroz, farinha, um pacote de massa, açúcar, tudo da melhor qualidade: não justificava refugar, de sorte que, de repente, foram tantas as inscrições que não se via como fazer seu cadastramento a curto prazo. Aí, começaram as re-clamações. Favelado acha que passa a ser obrigação, quando alguém resolve lhe fazer algum benefício.

Caramelo olhava aquilo indiferente, mas, sempre que podia, regava com sua urina as bolsas e os pacotes que eram trazidos pelas pioneiras. Como cão, não podia perder o hábito; e sempre sabia fazer a coisa de forma bem marota que ninguém se apercebesse.

Um dia, uma das senhoras pegou-o em flagrante. Desancou toda sua ira acumulada:

- Ah! Então é você, seu miserável, que urina na comida que trazemos?

Só conseguiu acertar uma vassourada, porém, tão bem aplicada que quebrou duas costelas do pobre coitado. Grande espírita, pregadora dos ensinamentos de Jesus! Já estava salva pela caridade que praticava, de sorte que, uma costela a mais outra a menos, não pesaria no seu acervo de benefícios prestados a prováveis mendigos.

A Igreja acabou sendo arrumada à moda da casa: no fundo, uma enorme cena do Cristo abençoando os humildes, com sua coroa de espinhos, cobria a parede principal. Um tablado ante sua imagem e a tradicional mesa de pregações sobre ele, com um pouco de duas que mais cadeiras, compunha o ambiente.

As famílias, para receberem o benefício que era trazido, obrigavam-se a assistir a um culto dito ecumênico, onde o estudo da Bíblia, incluindo Velho e Novo Testamento era obrigatório. Pregadores não faltavam. Ouvintes também não, porque, após o sacrifício, acabavam levando um razoável farnel de comidas e coisas úteis.

Consultado a respeito, o próprio Biba resolveu aparecer por lá. Vendo que se tratava de “mediócras” e inofensivas pessoas, como as classificava, deixou que continuassem com aquele culto. Quem acabou gostando daquela história foi o Caramelo que, sempre encontrava, no meio dos ingredientes trazidos, algum petisco passado para ele pelo beneficiário. A primeira dessas dádivas fora um embrulho de fígado cru. Depois que as Legionárias desceram o morro, uma das atendidas, ao ver que a carne daquele dia era o tal ingrediente que

detestava, não hesitou em abrir o pacote e dá-lo todinho para o cão.

- Toma essa porcaria!

E, de “porcaria” em porcaria, não raro sobrava-lhe algo do mesmo jaez.

Talvez, por causa disso, resolvera ser mais condescendente com aquela costumeira regada, principalmente porque uma das comidas que lhe fora ofertada havia por ele sido anteriormente batizada e, aí, quem estrilou, foi o próprio, provavelmente, pensando:

! Que burrice fui fazer!

7 O Diário do Marinheiro

Messias acabara de escrever, com sua máquina datilográfica, aquele título sobre a folha de papel que inserira em seu rolo.

Parara a fim de pensar: queria ser literato e aquela parecia-lhe a melhor oportunidade para escrever: tomaria todas as notas de seu velho tio a respeito da ditadura Getúlio Vargas e teria, ali, um tema para desenvolver. O difícil estava em arranjar seus personagens.

De repente, lembrou-se de que, de fato, seu tio houvera se dedicado ao Espiritismo, com a esposa, considerada uma excelente médium e que “recebia” algumas Entidades miraculosas. Aquilo era um pouco de exagero, contudo, muita gente foi socorrida pelos passes mediúnicos da dona Conceição e lograra bons resultados. De caminho, puxou de seu bolso um papel que lhe fora dado por um menino, desses que são pagos para distribuir folhetins nas vias públicas. Era um prospecto anunciado os prodígios de uma “vidente espírita”, cartomante, que “jogava búzios” e lia a sorte.

Aquela conotação de *espírita*, embora totalmente irreal, porque a mulher nunca ouvira falar em Kardec e muito menos lera qualquer obra referente aos fenômenos mediúnicos, é que marcava a coisa; no mínimo, para os desavisados e desconhecedores do assunto, estariam diante de alguma pessoa iniciada nos serviços espirituais, com relacionamentos entre os desencarnados.

O fato é que a tal médium só conseguira angariar clientela depois que se intitulara de “*espírita vidente*”. Messias não acreditava naquilo, ou, se acreditava, não dava fé; contudo, leu o endereço que lhe chamara a atenção por ser numa rua transversal à de sua casa e, como tal, fácil de se encontrar.

Levantou-se meio disposto a ver de perto; esticou os braços, cerrou o livro do tio, tirou o papel da máquina e achou que, para se iniciar na literatura, talvez encontrasse inspiração visitando a tal cartomante. E mesmo,

provavelmente, ela pudesse lhe dar alguma orientação espiritual capaz de fazer com que sua intuição brotasse e criasse os personagens que lhe faltavam.

Só deu conta do que fazia, quando, já na rua devida, procurava se orientar pela numeração das casas a fim de encontrar o endereço procurado. Era uma casa baixa, com um muro alto; de fora só se deixava ver pelo telhado. Tocou a campainha. No terceiro toque, uma jovem e esbelta mulata, de corpo redondo, veio atendê-lo à porta.

- Sim, senhor.

- É aqui que mora a “Vovó” Florinda?

Fez a pergunta esticando o braço para mostrar o papel da propaganda.

- Sim senhor. O senhor tem hora marcada?

- Não. É preciso?

- Bem: Vou ver se ela pode atender.

Fechou o portão que, na realidade, era uma porta de madeira reforçada bloqueando qualquer visão para o interior, deixando o “cliente” de fora.

Messias esperou ali por mais de cinco minutos. Deu uma volta até a sombra de uma árvore quase em frente e, quando viu movimento atrás da entrada, aproximou-se, de novo, até a porta.

Era a mesma e roliça mulata.

- O senhor pode entrar. Ela irá lhe atender dentro de instantes.

Está claro que, no tempo das vacas magras, qualquer capim é pasto e a falsa “Vovó” Florinda não perderia o cliente, principalmente depois de lhe ter sido devidamente descrito pela sua “empregada doméstica” e, por dizer, cúmplice da coisa.

Entre a varandinha de entrada e o muro da frente só havia uma calçada de quarenta e poucos centímetros de largura, descoberta, o suficiente para permitir que uma réstia de sol desse claridade ao ambiente. Cruzaram, de passagem, a varandinha que, por sinal, não tinha nenhum móvel e ficaria vazia se não lhe tivessem adornado com dois vasos de samambaia, pendurados à borda. Entraram numa saleta escura e apertada, que mal cabiam um pequeno sofá de dois lugares, uma certa mesinha de centro muito baixa, um armário fechado e duas poltronas laterais, complementando o conjunto. o espaço para se andar era escasso, espremendo as canelas de quem por ele circulasse.

A um sinal da mulata, Messias sentou-se e ficou ali, esperando que fosse atendido, sem pensar em nada e nem

saber o que faria. Foi despertado pela voz sonante da provável empregada a lhe dizer em bom tom:

- São dez “pratas” a consulta.

Messias pôs-se de lado na poltrona, revirou o bolso direito da calça, tirou dele uma nota no valor anunciado e esticou-a até a sua interlocutora. Esta pegou a nota displicentemente, ficou segurando-a durante algum tempo e, misturando-se nos pendentos de uma cortina de canutilhos que tilintavam ao simples contacto, convidou:

O senhor pode entrar.

No interior, a cena achava-se adrede preparada: uma avantajada mulher de rosto enrugado pelo tempo e que teria dificuldade de se locomover com destreza, sentava-se numa larga almofada, com pernas cruzadas à frente. Vestia uma indumentária que lembrava, de relance, uns orixás que o rapaz vira num museu do Pelourinho, na Bahia. Para quem não sabia o que fosse Espiritismo, aquilo seria de grande influência: os adornos de colares e mais uma série de outras decorações em volta, com o tradicional defumadouro aceso dentro de um turíbulo de prata, entre velas multicores. A postura da *médium espírita* denotava algo meditabundo, relativo a concentração espiritual. Quando muito sugeria isso. Impressionava ao incauto. Um turbante só deixava antever pequenas mechas de cabelos puxados a grisalho.

A um gesto, Messias sentou-se em frente do tablado com orlas de bordado, ficando vis-à-vis com a mulher agraciada pelos tais dotes mediúnicos anunciados.

- o que o senhor deseja saber?

Na verdade, ele não desejava saber nada, apesar de querer tudo. Como explicar isso?

- Bem! Gostaria de ver minha sorte...

Ante tão evasiva declaração, “Vovó” Florinda enveredou pelo tradicional lugar comum da *enrolação* com a qual sempre impressionava seus clientes. Florência ou Florinda, Messias nunca soube ao certo, porque fizera uma leitura dinâmica no prospecto que lhe fora entregue sem prestar grande atenção ao nome da mulher e, por causa disso, ele mesmo se referia a ela, ora de um jeito, ora de outro.

Aquelas palavras vazias não lhe diziam nada. Acontece que a mulher, de fato, era médium e, por uma coincidência do destino, de repente, deixara-se tomar por uma Entidade presente que, de imediato, passou a dialogar com o visitante, sem que este entendesse o que estava ocorrendo.

Lembrou-se vagamente dos transe mediúnicos da tia e, não devidamente habituado àquilo, procurou manter a conversa; o Espírito acusava-lhe:

- Eu era exímio espadachim e você, um aventureiro qualquer. Denunciei-o a um amigo meu a quem avisei que você o estava traindo com a esposa dele; desafiou-me a um duelo e, inesperadamente, antes que eu pudesse erguer minha espada para defender-me, deu-me uma estocada mortal. Demorei a entender o que acontecera comigo; vaguei pela Espiritualidade afora e agora o acho novamente. Ainda hei de lhe devolver o golpe.

A médium despertara de súbito sem que ela mesma soubesse o que ocorrera: era “inconsciente” em certos casos. Explorava aquele dom porque, antes, possuía um corpo leve e esbelto, até atraente mas que o destino transformou naquele peso à custa de guloseimas. Com dificuldades de arrumar serviço, provavelmente acostumada a certas facilidades que o encanto perdido não mais lhe proporcionava, o jeito foi aproveitar seu dom. Só que, atrás de muita coisa certa, vinha o engodo.

Aquele fato que acabara de ocorrer chamara a atenção do rapaz, mesmo sem entender o que se tratava. Assim, Messias resolveu dar a entrevista por encerrada e retirou-se em dúvida: - “será que, de fato, existe outra vida”?

Voltou lentamente para casa; no caminho viu um cãozinho *poodle*, amarelado, muito parecido com o seu, que houvera sumido tempos atrás. Pensou, mesmo, que se tratasse dele. Chamou-o pelo nome:

- Pirata! Pirata!

Só que não era o “Pirata” de tão doce recordação. Não podia ser, senão ele o reconheceria até pelo andar, como fazia nos tempos em que estava em sua companhia.

- Pobre Pirata! O que terá acontecido com ele?

8 'Da medicina à veterinária

Decididamente, “vovô” era um cão rabugento; latia raucíssimo pela idade e não gostava de se misturar com os outros dois coleguinhas que, forçado pelas circunstâncias habitacionais, havia adquirido, de sorte que, quando as correrias avançavam para seu lado, tratava de dar o fora, não sem antes rosnar seus protestos de insatisfação que os “pirralhos” não davam importância.

O tratamento recomendado surtira efeito; seus pêlos voltavam a nascer normalmente, evidente, com os percalços de um cão já velho e sofrido. Ali naquela casa, ele escolhera Ethel para ser sua ama, e, não raro, quando um filho ou filha dela se aproximava com gestos largos que, ao animal parecia mais um ataque do que carinho,

ele avançava para a pessoa, como se estivesse defendendo sua ama de perigo iminente.

Sula lhe tinha muito carinho, de sorte que ficava indignada quando o bicho se voltava contra ela, numa clara atitude de defesa a favor da mãe; aí, falava-lhe como se ele a entendesse:

- Porcaria de cão! Fui eu que te encontrei, e é assim que me trata?

Se entendia ou não, aquela atitude constrangia o cão que, geralmente, batia em retirada, com cara de quem houvera quebrado o prato do mingau. Tudo indicava que seus velhos achaques estavam curados porém, mesmo fora de perigo, Mariana dava um jeito de fazer com que Sula ligasse para Marcelo, o veterinário seu namorado, induzindo-a a chamá-lo sob pretexto de ver o cãozinho, quando, na verdade, era ela quem queria estar com o jovem zooloogo. E o curioso é que, apesar de namorar a mais velha, Marcelo atendia com mais acuidade e atenção o chamamento da futura colega e cunhada, como se as afinidades relativas se definissem pela profissão, interpretação adotada para explicar a preferência. E quando a namorada protestava, seu argumento era sempre o mesmo:

- Os colegas é que se entendem.

Marcelo conhecera Mariana quando era “ultimanista” da faculdade; ela fora encarregada de levar os cães da casa para vacinar e ele é que estava no plantão, a atender o serviço de imunização contra a cólera-morbo. Conheceram-se; a família dela morava perto da Faculdade e, coincidentemente, voltaram a se encontrar; dois jovens formando um belo par, não poderiam desprezar esse oportuno encontro, nascendo, assim, um *respeitoso* namoro.

Numa tarde, um dos gatos da casa fora atropelado e estava de quarto caído. Muito aflita, Mari ligou para o namorado e pediu-lhe que viesse socorrer o bichano; foi assim que Sula o conheceu e, como estivesse pretendendo fazer vestibular, incluiu na sua relação, como segunda opção à medicina, aquela carreira e, por que motivos o destino tramasse, acabou passando para ela. Matriculou-se no curso, porém, a essa altura, o jovem Marcelo já se formara, de sorte que não chegaram a ser colegas. E, na verdade, acabou preferindo ficar na escola de veterinária, onde aprenderia a cuidar dos *irracionais*, que, mesmo, formar-se para cuidar da raça humana.

Namorado da irmã, considerava-o sagrado, afinal, ela não era nenhum Palhares de saias, aquele personagem do Nelson Rodrigues que não respeitava nem as cunhadas. Contudo, entre eles havia uma grande afinidade, não só por causa das tendências vocacionais como porque, em verdade, existia muito mais compreensão entre eles que entre o rapaz e sua irmã. Estavam sempre juntos, quando podiam e seus afazeres permitiam. A eterna desculpa

de que um caso novo aparecera no hospital veterinário do rapaz, lá ia ela ver o bicho doente; ajudava a tratar dos que estavam internos, aplicando um que outro medicamento, conferindo dados nas fichas de controle, o que, de alguma forma, acabava se tornando um inestimável préstimo.

Marcelo tinha uma irmã, Carlota, que se arrogava enfermeira do “hospital” de animais, devidamente instalado em um velho galpão nos fundos da casa paterna em que ambos moravam, devidamente adaptado para funcionar como assistência veterinária aos inúmeros animais que a vizinhança trazia para serem tratados, incluindo desde uma simples lavagem com *shampoo* até os mais graves casos patológicos.

O mais comum era a cirurgia para ligar trompas de gatas - *pasmem* - a fim de que as mesmas, todas lídimas *filhas de “gente-bem”*, não se envolvessem em orgias noturnas com “gatos impuros” da vizinhança. Outros, mais sinceros, confessavam que gostavam da gata, mas, quando a ninhada nascia, criava um enorme problema para se desvencilharem dela; a cirurgia era a forma de evitar novos gatinhos abandonados.

De gato, também, era comum a castragem porque o bichano ficava mais caseiro e, com isso, dificilmente saía para a rua, onde, constantemente passavam pessoas que adoravam um assado de coelho, ou seja, o nome que davam ao prato preparado com o felino.

Independentemente de lhe ser uma forma clínica para manter seu “hospital”, Marcelo adotava integralmente a filosofia de que era preferível fazer tais cirurgias do que deixar que os animais corressem quais riscos. Com isso, estava se tornando um emérito operador de animais. Havia tido um excelente convite para trabalhar numa fazenda de gado, lá pelo pantanal de Mato Grosso. Mari, a namorada, opôs-se, porém, só depois que Sula deu sua opinião contrária, levada pelos mesmos sentimentos da irmã, é que ele resolveu recusar o convite. E note-se que, naquela época, sua clínica ainda não havia se desenvolvido.

Voltando ao Vovô, naquele momento, Mariana encontrara uma justificativa para fazer com que sua irmã chamasse seu namorado, a fim de examinar o cão que, segundo ela, estaria sofrendo de alotriosmia. Explique-se que ela gostava de literatura e pretendia, mesmo, se especializar em letras depois que terminasse o curso: estava sempre lendo e tomando conhecimento das coisas, o que a fazia uma emérita verna- culista com enorme vocabulário.

Ligando para o rapaz, sem se preocupar com os termos, Sula transmitiu o recado da irmã, na íntegra. Do outro lado do telefone, sem entender o nome da doença, Marcelo indaga:

Que diabo ele tem?

A irmã, namorada, ao lado do telefone, não ouvia o que o interlocutor estava dizendo; só percebeu que Sula fazia gestos chamativos com a mão, dizendo-lhe:

- Ele quer saber que bodega de doença o “Vovô” tem.

Mariana repete pausadamente:

- A-lo-tri-os-mia.

A do telefone repete, também, pausadamente. Após ouvir a resposta, indaga para a informante:

- Ele quer saber que “eme” é essa. Só que falou o termo na íntegra.

Elas não estavam acostumadas a esse palavreado chulo; tanto Narciso quanto Ethel, apesar de não formarem um casal puritano, primavam pela elegância da linguagem, de sorte que esses termos soavam mal aos ouvidos da garotada. A namorada, que estava ao lado, ao ouvir a irmã pronunciar tal frase, com a maior naturalidade, pasma, sinceramente espantada, perguntou: arê Ele falou isso?

Tapando o fone com a mão, a outra exclama:

- Ele quer saber que... m...
- Já sei, já sei! Só que não é excremento.
- Você inventou uma palavra...
- Não inventei nada. Vocês veterinários só se preocupam com doenças! Alotriosmia é disosmia. Entendeu?

A do telefone repete a explicação e ouve a resposta. Tapando novamente o fone, comenta com a irmã:

- Ele disse que a titica é a mesma. Fale com ele.

Ato contínuo, entrega o fone à namorada que, àquela altura, esquece-se das explicações devidas e passa a bater o maior “papo da paróquia” com o rapaz.

Depois de longos minutos, Mari desliga o telefone, num enlevo que faz gosto e só despertou para a realidade quando, com uma violenta cutucada, a irmã lhe indaga, preocupada:

- Afinal, o que é que o “Vovô” tem?

Entre dois suspiros apaixonados, ela explica:

- Está ouvindo mal.

9 De volta à favela

Quem não estava ouvindo direito era o Caramelo: depois de um passa-fora em regra, resolvera retornar ao local das sacolas da igreja evangélica. Sempre sobraria alguma coisa para ele; dessa feita, porém, as samaritanas

saíram em campo a fim de fazerem a costumeira visita às pessoas a serem beneficiadas. Como era costume, uma vez por outra, ocorrer tal distribuição a domicílio, prevendo o fato, o cão saiu na frente, já em direção a casa mais próxima e foi entrando pela porta aberta no momento em que um de seus moradores saía. Levou um tropeção e tanto, dando um ganido característico de que fora pisado; e só não levou um pisão maior e proposital porque o rapaz avistou as senhoras evangélicas, não dando maior importância ao gembundo canino.

O rapaz foi logo gritando para dentro de casa, a chamar alguém:

- E vêm aquelas panacas da igreja. - Juntou um palavrão mais típico para defini-las, a fim de ser melhor entendido e anunciou, numa linguagem pornofônica: - vou avisar a turma.

Se bem falou, melhor fez; enquanto a primeira casa era visitada, já uma porção de outras pessoas se amontoara pela parte de fora, à espera das suas “migalhas” como elas próprias definiam. Apesar de migalha, ninguém as recusava, afinal, seria um reforço a mais na dispensa alimentada pelos marginais do morro. Estes sim davam do que existisse de melhor, desde compotas até uma que outra bebida de estilo: era interesse deles agradar à população que, com isso, lhes dava a maior cobertura contra as investidas da polícia, nas batidas que realizava. E as filantrópicas e piás senhoras tinham plena certeza de estavam praticando a mais lídima caridade, a fim de angariar os bônus espirituais que lhes permitissem apresentar-se diante do Criador com sobejas regalias por terem cumprido o amor cristão salvador.

Nessa época ainda, o que sustentava aquela turma de foras da lei era a contravenção do jogo-do-bicho e alguns assaltos a residências, conjugados com outros pequenos crimes; a droga era pouca e a clientela restrita, de sorte que ainda não representava maiores vantagens. A maconha era pouco divulgada e cultivada no nordeste, destinava-se a servir de alimento a canários porque sua semente, uma pequena bola conhecida como cânhamo, era altamente apreciada pelos passarinhos, muito mais que a alpista comum. Diziam os criadores que representava o alimento ideal para soltar a garganta dos fringilídeos.

Ainda nem se sabia que sua erva serviria como viciante e fosse uma porta aberta ao uso de outras drogas. Por sinal, lá no morro não existia material de trabalho; o acervo dos furtos e roubos era levado diretamente para o interceptador, fora de lá, a fim de que o recanto, morada que servia de esconderijo para os meliantes, não fosse conspurcado pelo produto do crime, embora nem todo favelado conluiasse com ele. Não havia arsenais e as poucas investidas que a polícia fazia, à procura de determinado marginal acabavam sendo infrutíferas porque nem marginal, nem vestígio de criminosos eram encontrados. E, como tal, também a venda de drogas, onde

havia, era fora de lá; morro era sinônimo de residência, daí a vantagem da convivência simultânea com pessoas de bem e de nenhuma posse.

o desenvolvimento da criminalidade e a instalação dos primeiros postos nos elevados de favela ocorreram quando pessoas influentes começaram a ver que aquele tipo de comércio ilegal era lucrativo, porém, eles por eles não podiam se envolver diretamente na venda do produto ao consumidor, sendo obrigados a procurar apoio dos marginais, os mais indicados para a tarefa.

Naquela região em que Caramelo sobrevivia, ninguém encontraria a mínima prova de que por lá moravam meliantes da condição de Biba que, aos poucos, depois de ter executado, a bem da *comunidade*, o seu terceiro desafeto, passou a achar que o crime de morte se justificava, na sua aplicação, pela necessidade da sobrevivência do criminoso.

De longe, ele sempre observava essas incursões das damas da sociedade, dizendo que era preciso estar ciente de todo o movimento da sua região a fim de continuar sendo seu regente. E olhava aquilo com certo interesse, pois era muito útil ter aquela gente por lá, a fim de servir de álibi.

Com um binóculo de longo alcance viu quando Caramelo era pegado por uma senhora da comitiva e imediatamente jogado longe. Aquilo fez aguçar sua curiosidade: - O que queria aquela senhora com tal gesto? Será que ela reconhecera o animal? Afinal, aquele representava o resultado de um furto - se bem que o cão "fora encontrado" vagueando pela rua - que poderia comprometer o grupo. Dali para a frente, ele mesmo ficaria mais ativo e próximo quando as tais *Legionários de Maria* viessem prestar aquela *ridícula* assistência aos *necessitados* do morro.

O que ele não sabia é que, sem tomar banhos, o Caramelo era um repositório de pulgas, que tinha aos montes, melhor, aos magotes, o que fez com que o gesto carinhoso da senhora pondo ao colo um macio cão peludo se transformasse em asco.

Mas as suspeitas ficaram levantadas.

10 A nova visão

Messias deitara-se na cama; continuava, porém, rememorando os fatos de tempos passados e que, para ele, acabaram sendo inusitados. Meditava se devia acreditar naquilo tudo que se seguira ou achar que se tratava de mero acaso! Era tudo tão estranho, tão fantástico que ele se recusava em aceitar como sendo real.

Voltou a lembrar-se daquele primeiro encontro com a tal vidente "Vovó" Florinda. Era Florinda ou

Florisbela!?! Não: Florisbela não. Por sinal, com aquele porte, no máximo, seria uma flor esborrachada. Não. Nem flor. Mas a mulher sabia de coisas: vira-o pela primeira vez e lhe antecipou algo que só ocorreria muito tempo depois.

Também passou pela sua idéia a manifestação mediúni- ca de um Espírito garantindo que fora morto por sua espada em encarnação passada. Deveria acreditar em reencarnação? As coincidências eram tantas que ele vacilava em repudiar os fatos. Além disso, sua tia também era médium e produzia fenômenos que muita gente dava valor.

Matara alguém com uma estocada. Nem se lembrava disso, como podia ser verdade!?! E por que ninguém se lembra de vidas passadas?

Voltou a se ver andando pela rua, em direção à casa da cartomante.

Mais uma vez tocara a campainha; a mulata forte e bem disposta viera recebê-lo e como o tinha visto por uma vez, não foi difícil reconhecê-lo; só que, desta feita, explicou-lhe:

-A madame está com cliente na taba; além disso, já tem outra pessoa esperando a vez e, mais para a tarde, há dois clientes marcados que nunca faltam. Hoje vai ser difícil... Porque não marcou hora com antecedência?

Encarou aquela mulata de olhos verdes, só caracterizada pelo cabelo típico e que falava com tanta desenvoltura não dando mostras de ser nenhuma simples faxineira. Queria perguntar-lhe se tinha telefone para comunicar; em vez disso, porém, acabou indagando:

- Você também trabalha no canzó?
- Canzó, não, meu senhor. Aqui não é terreiro de macumba. A minha senhora atende na taba.
- Desculpe-me. Mas você também conhece o trabalho?
- A médium é ela; sou, apenas, sua assistente.
- Você estudou! Não?
- Por quê?
- Não fala como simples empregada.

A mulata riu discretamente, sem abrir os lábios e, cortando a conversa, pediu:

- Poderia voltar outra hora?
- Ah! Perdão; estou atrapalhando. Quando posso voltar?
- Amanhã... de noite. - Fez uma pausa como se estivesse consultando a agenda na memória e complementou:

- digamos... às sete.

- Dezenove horas?

- Sim: *dezenove horas, e poderemos conversar um pouco mais. Quer consultar-se novamente?*

- Quero.

- Boa tarde.

Depois daquele cumprimento amável e prazenteiro, porém conciso, fechou a porta com toda delicadeza, segura do que estava fazendo. Messias saiu, andando de volta para casa. Resolveu deter-se na esquina. Voltou para olhar a tempo de ver um casal desembarcar de um táxi e, logo a seguir, como se estivesse sendo esperado, adentrar-se pelo portão da *médium vidente*.

- É! - Pensou vagamente consigo e continuou na caminhada. Foi visitar a namorada. Tomou o costumeiro ônibus, atravessou a cidade, sem tirar a imagem da mulata assistente da retina. Era muito estranha. Quando deu por si, já passara do ponto em que deveria saltar. Desembarcou da condução, voltou três quarteirões, entrou na esquina da rua em que Augusta, sua namorada morava, com os pais, passou pela banca do jornal, comprou uma revista da semana, como costumava fazer e rumou para a porta do edifício em que deveria entrar.

O porteiro já o conhecia. Vendo-o, anunciou:

- Seu Messias: a dona Augusta não está. Saiu com os pais. Só está lá em cima a tia.

o rapaz, que abrira a primeira página da revista para fo- lheá-la, parou de súbito e, como não tivesse entendido direito o que lhe fora falado, indagou ao porteiro:

- Você disse que a Augusta não está?

- Sim. Saiu com os pais. Não sei onde foram, não me disseram. Só está lá a tia surda. - Foi respondendo o porteiro, antes de ser perguntado.

- E. Hoje é meu dia de não encontrar ninguém. Você me faz o favor: diz a ela que eu estive aqui. Depois eu volto.

- Não vai deixar a revista?

| Não, não. Entrego-a pessoalmente.

- Que pena! Esta ainda não li.

[- Eu também não. - Falou dando um sorriso amargo. Pode deixar que depois eu lha empresto.

Fez um gesto simples, de despedida, com a mão, desceu os degraus da portaria que subira momentos antes e

saiu porta afora, na direção do mar. Iria andar pela orla marítima. Ventava um pouco e o sol começava a se pôr do outro lado da cidade. A maresia esfriou seus braços nus. Desceu para a areia e foi até a beira-mar.

Alguns poucos banhistas não se arriscavam às fortes ondas que estouravam sobre a areia e avançavam praia a dentro. Numa daquelas investidas mais fortes, a água do mar pegou Messias desprevenido e encharcou seus sapatos, molhando até as bainhas da calça.

1 Bolas! Mais essa: definitivamente, hoje não é meu dia de sorte.

Voltou até a amurada do cais, sentou-se no cimento duro da calçada e tirou os sapatos e as meias. Duas moçoilas que passavam pela calçada mexeram com ele, dizendo algum chiste ligado a cheiro de queijo.

Messias levantou a cabeça, olhou para ambas e comentou:

- Só mesmo duas beldades me fariam rir, hoje.

As jovens continuaram sua caminhada enquanto o rapaz limpava a areia dos pés e dobrava as bainhas da calça; quando deu pela história, viu as duas moças que vinham de volta. Subiu de vez na calçada, batendo os pés alternadamente no cimento a fim de liberar o resto de areia úmida que insistia em ficar agarrada a eles.

- Ora! Minhas duas musas estão de volta.

As duas caminhavam, já agora, de mãos dadas; a uma rodada, a da ponta quase esbarrou no rapaz; não o fez de propósito, senão, por falta de meneios. Ficou encabulada e teria seguido em frente se sua colega não lhe soltasse as mãos, deixando-a ao embalo do movimento; não fora Messias estar na frente, ela teria se precipitado pela areia da praia. O esbarrão involuntário fê-la encabular-se de vez. Não queria chegar a tanto. Mesmo assim, não pôde evitar que seu interlocutor a segurasse nos braços, não como se a estivesse enlaçando num abraço amoroso, mas, firme para não deixá-la desabar. Soltando-a, limitou-se a fazer um sarcástico comentário:

- Pelo jeito, você é mais desastrada do que eu.

A moça corou de vez e, por pouco, não ficava tão vermelha quanto o pano do seu vestido, de uma lese muito leve e meio transparente que deixava transparecer por baixo uma outra saia de cetim da mesma tonalidade. Um corpete muito justo e sensual enformava seu busto não deixando antever o que encobria, posto que ia até o pescoço e nem gola tinha. Messias vira tudo isso num relance mais acurado.

Equilibrando-se melhor, e sem ter o que falar, a moça de vermelho comentou, indicando a companheira:

- Quem lhe apreciou foi a minha amiga Dora.

A outra, dando-lhe um tapa delicado, reprovativo, contestou:

- Não disfarça: eu só sugeri que voltássemos. Quem estava interessada...

Não teve tempo de especificar qual era a interessada, porque sua colega saiu em disparada. Dora ficou diante de Messias:

- Ela gostou de você. Qualquer outro, no seu lugar, devolvia a brincadeira do queijo com uma grosseria ou, até mesmo, com outra inconveniência.

- Quem é sua amiga?

- É do interior de Minas. Está passando uns dias comigo, lá em casa. Ainda não está acostumada com a turma daqui do Rio, por isso é que mexeu com você.

- Ela é muito bonitinha. - Vendo que estava se restringindo na adjetivação, completou: - você também.

- Obrigado pela parte que me toca.

Já ia saindo, quando Messias interceptou sua passagem com um gesto de mão muito sutil:

- Espere: como faço para vê-las de novo?

- Você tem telefone?

- Tenho. - E antes, mesmo, de ser perguntado, foi declinando os algarismos, ao fim do que indagou: - e seu nome, qual é?

Já se afastando ela lhe disse, com um gesto de despedida muito afável:

- Margarida. Se não me esquecer do número, prometo- lhe que telefono para dar notícias da Aninha.

- Quem é Dora?

Já de longe, ela ainda responde:

- Ninguém.

11 O assunto era veterinária

Marcelo estava colocando a perna de um cão atropelado no lugar, auxiliado por sua irmã, quando Mariana surgiu na porta do galpão-hospital. Para aprender com o namorado, resolveu entrar na cirurgia, só que, de tão desajeitada, foi convidada a ficar de lado. Enquanto esperava, resolveu apanhar uma revista para ler, só que o assunto era veterinária; enfadonhamente, tornou a colocar o periódico onde estava e foi mexer em outras coisas.

O rapaz encerrara seu trabalho e deixara para a irmã a tarefa de recolocar o ferramental no seu devido lugar, dando a devida atenção ao anestesiado animal que ainda se achava deitado na mesa cirúrgica, que, em verdade, não passava de uma bancada forrada, feita com tábuas de pinho e que servira aos operários durante a última

reforma da casa.

Ainda meio cansado, de avental, proporcionou a oportunidade desejada para que sua quase noiva companheira lhe ajudasse a despir as luvas cirúrgicas e demais indumentárias; tirando-lhe a máscara da face, a moça pespegou-lhe um beijo nos lábios, segurando-lhe as bochechas com ambas as mãos, disse-lhe algumas palavras a esmo e comentou que estava louca para vê-lo:

- Lá em casa está um clima horrível!

- O que foi que houve?

- Papai, ontem, trouxe o dinheiro da despesa e o entregou à minha mãe: ela o colocou na gaveta da cômoda, onde sempre costuma deixar. Hoje, quando foi apanhar uma nota para mandar alguém à padaria, ela achou o maço de notas fora do lugar; quando foi ver, faltavam as duas notas de cem que estavam no bolo. E ela tem certeza de que, quando colocou o dinheiro lá, as duas notas estavam juntas!

- O que você acha que possa ser?

Ainda pensativa, Mariana não sabia o que responder; esquivou-se ligeiramente do abraço do namorado e comentou:

- Não sei. Mamãe está desconfiando do Neném. Lembra-se dele?

- Sei: aquele garoto que vocês criam.

- Garoto não; um marmanjo que não quer estudar nem fazer nada. Ele é mais velho do que eu. Vive no meio de uma turma que não é fácil. Só fica batendo bola, no meio da rua. Outro dia quase foi atropelado.

- Mas por que desconfiam dele?

- Minha mãe já tem notado a falta de algumas notas, porém, todas elas de pequeno valor, de maneira que nunca deu pela história, achando que a cabeça dela é que não estivesse funcionando.

- E, mas dessa vez...

- E mamãe está precisando desse dinheiro para pagar uma porção de coisas. Soltando-se de vez, dos braços do namorado, ficou perdida, olhando o que Carlota, sua futura cunhada, estava fazendo; chegou a emitir um curto gesto de auxílio, ao pegar um pedaço de pano que lhe caíra dos braços.

Marcelo ficara preocupado:

- E agora, o que é que vocês pretendem fazer?

- Nem fazemos idéia. Papai já tinha saído para o trabalho quando demos falta do dinheiro. Mamãe está

fingindo que conversa com todos, a fim de que possa dar uma prensa no Neném, mas ele é esquivo, que não dá jeito.

- Que idéia foi essa de adotarem esse cara?ji

- Na época, o médico disse que mamãe não ia ter mais filho, por causa do parto do Guga...

- E precisava pegar uma peste dessa?

- Não se pode falar nada, porque ele é mulato. De uma feita, quando ele ainda era menor, meus pais chamaram a assistente social para dar queixa de umas coisas estranhas e que tudo indicava fosse ele quem estivesse fazendo.

- Que coisas?

- Ah! Sei lá. Só me lembro que haviam apanhado um casaco do papai e, provavelmente, tivessem-no usado. O casaco estava todo imundo.

- Só isso?

- Não: teve outras coisas mais. Mamãe foi juntando e, num belo dia, chamou a tal zinha.

A essa altura, Carlota, que já havia terminado o serviço dela, veio aderir à conversa:

- Sua mãe tinha alguma prova contra o menino?

- Pois aí é que está o negócio: a assistente social ficou danada com a mamãe e disse que ela só queria colocar a culpa no garoto porque ele era amulatado. Coisa de racismo. Aí, mamãe não pôde fazer mais nada.

- Quer dizer que passou de acusadora para ré!?

- E isso mesmo: a mulher do Juizado de Menores reconverteu a situação e mamãe é que acabou passando um aperto enorme. Só que ninguém mais, lá em casa, poderia ter armado aquilo tudo. Depois, a mulher achou que o menino não iria vestir um casaco maior do que ele.

- Mas o Neném, hoje, tem mais corpo que seu pai - ponderou Marcelo.

- É, mas naquele tempo, ele ainda estava espezinhado. Só cresceu depois que o médico do Posto de Saúde receitou para ele um remédio.

- Mas que coisa chata.

Meio sem jeito, Mariana, ainda comentou:

- A gente não sabe o que fazer com esse cara: já é um marmanjão, foi expulso do antigo grupo escolar porque evacuou na sala de aula...*

- Fezes?

- Claro. Você queria que eu falasse português chulo!?

- Na verdade, ele só dá problemas para vocês. Eu me lembro que, num desses dias, quando eu fui lá na sua casa para ver o Vovô, ele havia aprontado. Parece que sua mãe mandou ele limpar o chão que havia sujado e ele usou a saia de uma de vocês.

Foi isso: ele havia derramado comida na frente da geladeira, quando foi apanhar a panela de feijão para comer. Aí mamãe, que já havia limpado a cozinha toda, mandou que ele desse um jeito naquilo. Era uma saia de uniforme da Anabela, nova, que ela comprara.

Guardando seu material de veterinário, o namorado ainda comentou:

- Não adianta dar parte à Polícia: ela não resolve nem os casos de assaltos a mão armada, quando mais um de natureza íntima!

- Além disso, papai não ia deixar essa turma vasculhar lá em casa. Correríamos até risco de ainda sermos roubadas em mais coisas.

O cãozinho operado começava a dar ar de si, gemendo. Nesse ponto, a conversa foi interrompida porque o animal precisara das atenções pós operatórias. Ali, a prática da veterinária era coisa séria, pois se tratava de vidas ...não tão humanas, mas tão biológica e animal quanto a de uma criatura.

12 No tempo em que se prendia traficante

No morro, as coisas andavam mal paradas. A Polícia Federal havia interceptado um engenheiro e o Bertoldo, conhecido na roda como Berta, braço direito do Biba, quando ambos traziam do aeroporto um pacote de cocaína para o local de depósito. Esse engenheiro era amigo íntimo do tal chefão que chamara o Biba para lhe confiar o trabalho das drogas; mesmo assim, fora preso.

Diga-se de passagem que a ingerência do graúdo traficante era estadual, pelo prestígio político que possuía, e pelas ligações com as “pessoas certas”.

O problema é que um, tendo curso superior, fora alojado em um quartel de polícia, nas dependências em que os oficiais ficavam detidos e o outro, o do morro, fora para as grades de uma delegacia, esperando seu pronunciamento pelo flagrante.

O fato fazia com que Biba ficasse revoltado e exclamasse aos quatro cantos para quem quisesse ouvir:

- Isso é uma perseguição contra o pobre do favelado! Aqui, nós não temos direito a nada. Basta ser do morro

para mofar no xilindró. Seu doutor bacana fica alojado entre a elite: e olha que estavam juntos!

O regime militar que vigia no país estava sofrendo um período de transição; falava-se em eleições com escolha de um presidente civil, embora, ainda, coubesse ao Senado e à Câmara Federal em conjunto escolher o supremo mandatário para o período seqüente.

Assim mesmo, a droga começava a se tornar de uso público, apesar das proibições legais e a vigilância que era feita contra o narcotráfico, na época, ainda orientada por proscritos da Bolívia.

A notícia, no morro, corria à boca pequena; poucos ousavam falar alguma coisa. Só quem não se importava com a notícia era o Caramelo, que continuava a sua vida de cão de favela sem se importar com os acontecimentos em volta. E aí foi seu erro, porque não viu o Biba chegar, espumando de raiva a ponto de tropeçar nele e se esparramar pelo chão. Ao se levantar, pegando o pobre animal com ambas as mãos, exclamou, atirando-o pelo penhasco:

§ Cão “miserento”! Vá para o inferno.

Se não foi para o inferno, pelo menos, desceu perambei- ra abaixo e só não se quebrou todo porque uma vasta moita de capim fez a proteção contra o primeiro impacto; depois, foi só rolar até a base do morro. Dores não gostou nada daquilo, porém não ousou levantar a voz para nada: percebeu, imediatamente, que o chefão estava possesso. Achou melhor saber o que ele queria por aquela redondeza:

- Pois não!
- Você sabe onde está a Marga?
- Não. Se não está no barraco dela, deve ter saído.
- E o Jucá Mente?
- Já se separaram há muito tempo.
- Preciso achar esse cara.

Fala'Com o Zeca, irmão da Marga; estão sempre juntos na banca do bicho. Pode ir lá, agora, que o Zeca te diz onde ele está.

Biba saiu danado da vida; precisava de alguém que não fosse manjado pela polícia a fim de ir ver o que acontecera com o Berta para dar-lhe notícias. Ele próprio não queria se arriscar nem se comprometer.

No ponto do bicho encontrou o Zeca, que, como sempre, solicitamente, prontificou-se a ir ele próprio até a tal delegacia onde deveria estar preso o lugar-tenente do chefe. Biba era conhecido e tido como “chefe” para a turma

que vivia dos seus favores.

Dores desceu o morro a fim de procurar o Caramelo: gostava do animal, à sua moda, é bem de se dizer; encontrou o Joça pelo caminho; convocou sua ajuda e ambos lá se foram só que, de repente, o garoto pediu licença e saiu correndo para empinar sua pipa. Havia gente estranha no pedaço e era preciso dar o aviso.

Eram políticos “trabalhistas” que vinham fazer campanha no morro. Chegaram num péssimo instante porque, com o alvoroço da história, ninguém apareceu para recebê-los e a campanha foi inócua e inoperante: não conseguiram nem entregar o primeiro panfleto do pacote que traziam.

Já caía noite quando o Zeca voltou; quem não estava no morro era o Biba, que houvera ido em busca do chefão em seu escritório, a fim de ver como agir para liberar seu comparsa. Estava pouco se importando com o outro elemento que, para ele, seria o grande culpado de tudo porque não tinha traquejo suficiente para driblar a “justa”.

O homem não estava lá. Isso aumentou a ansiedade do delinqüente, que não se conformava com a situação e, para piorar a coisa, de regresso, recebeu a notícia de que o Zeca não havia conseguido localizar seu amigo em nenhuma das possíveis delegacias que visitara.

Isto foi o bastante para pensar que o preso estivesse sendo torturado a fim de confessar alguma coisa, pois, na época, os boatos a respeito de suplícios que eram infringidos a criminosos e subversivos para que delatassem os demais corriam solto pelos quatro cantos do país. Urgia se tomassem providências a fim de evitar o pior. A dúvida era saber se, de fato, sua aflição se ligava às possíveis dores que o camarada estivesse tendo que agüentar ou o medo de ver seu nome arrolado em conjunto e, com isso, desencadear uma perseguição a ele, que, até então, jamais se comprometera com o crime instituído.

O temor ao que pudesse cominar sobre sua cabeça fazia com que, até então, agisse comedido, com toda cautela e isso impedia que saísse matando ou enfrentando a sociedade a tiros; não podia negar que estivesse deveras nervoso, por isso, foi de encontro ao seu enviado, o Zeca, e mais aflito ficou quando soube que não houvera localizado em nenhum outro lugar possível, nem registro de ocorrência relativa à prisão, detenção ou coisa semelhante, com o nome do Berta.

De fato, ele estava retido na Polícia Federa, motivo pelo qual jamais seria encontrado numa dependência estadual; o engenheiro é que, por causa da sua situação de nível superior, havia sido transferido para um quartel de polícia.

Aquela noite foi terrível; Biba acabou não deixando nenhum de seus assistentes imediatos dormir. Pela manhã, todo mundo, com a cara trespassada de cansaço, ia dando conta de que a coisa devia estar perigando, por isso, foi dado um alerta geral para que todos os elementos do grupo desaparecessem do pedaço até última forma. Só assim, o morro sofria uma limpeza, onde os que nada tinham com a criminalidade, podiam sossegar.

13 Ainda o diário do Marinheiro

A idéia de escrever um livro continuava a atormentar a mente de Messias; já tinha o título e a sugestão: chamar-se-ia “o diário do marinheiro” e se inspiraria nas notas do seu velho tio; só lhe faltavam os personagens e, para isso, carecia da inspiração. Toda vez que pegava o caderno de anotações do seu tio vinham-lhe as lembranças de tudo o que ocorrera com ele até aquela data, como se estivesse revivendo as cenas. As seqüências nem sempre eram cronológicas, por isso, tinha que concatenar o pensamento para pô-las no lugar.

Vagamente, tomou a reviver seu primeiro encontro com a “Vovó” Florinda. Ou seria Florisbela? Não sabia porque: toda vez que mentalizava a médium vinha aquele nome florido. Acabava fazendo sempre os mesmos trocadilhos em torno das flores: foi uma flor que não deu fruto. E lá voltava a mente para aquela sala apertada; lembrou-se, até, de uma canelada que dera na quina da mezinha quando lá esteve pela segunda vez.

A mesma “serviçal” viera lhe atender à porta; já escurecera, de sorte que, como não tinha luz direta acesa na sala de espera, ele entrara tateando, olhara para seu relógio de pulso com mostruário fosforescente, conferiu a hora - dezenove horas em ponto - e, de repente, a canelada de fazer gemer até a alma. A solícita atendente, num leve e discreto sorriso, veio lhe socorrer; fizera-lhe massagem no local dolorido, esfregando uma poção à qual dera o nome de “erva santa maria”.

Aquelas mãos macias acalentaram-no reconfortantemente. Foi quando notou que a mulata não possuía mãos de faxineira, muito menos de pessoa acostumada às lides de um cabo de vassoura.

Na época, aquilo lhe chamara, tanto, à atenção que não resistira o impulso de tocá-las, segurando uma delas entre suas mãos; a mulata lhe sorrira discretamente e, com mais sutileza ainda, desvencilhou-se daquele carinhoso contacto.

Naquela noite a “médium espírita” teve uma pequena contrariedade que não chegara a saber de que tratava, mas, por causa disso, não o pôde atender; vinte minutos de espera e a solícita recepcionista voltara para lhe dar explicações que a ele não interessava. Acabara de ouvi-las e entrou, de súbito, com sua conversa:

- Ainda não sei seu nome.

- Não lhe disse.

i Nem pretende me dizer?

- Que lhe importa?

- É sempre bom saber com quem se fala.

Aquele diálogo vazio ou cheio de evasivas que não levava a nenhuma lugar, prolongou-se. Parecia-lhe que ele não a desagradava, por isso, arriscou em dizer para a moça:

- Voltei aqui por sua causa.

Ela se fingiu transtornada e esquivamente respondeu, apontando o polegar para o interior:

- A médium é ela..

- E quem quer falar com a médium?

- Foi isso que você me disse da primeira vez que aqui estive.

O novo tratamento não passara despercebido. Até então ele era o “senhor” cliente. Deteve-se ante essa expectativa. Mesmo na penumbra, com a luz difusa que emanava de outro ambiente vizinho, procurou analisá-la com olhos de raios X. Viu apenas a silhueta, mas lembrou-se do dia anterior em que lá estivera à tarde: era uma bela mulher de traços finos, cabelos comprometedores, alisados a ferro, tez puxada para um castanho claro que denunciava a influência negra contrastante com olhos verdes. - Seriam verdes, ou se equivocara? Não. Não se equivocara: lembrava-se muito bem disso. Os olhos lhe chamaram a atenção, pelo conflito de raças.

Levantou-se automaticamente, colocando-se junto àquela mulher que, de repente, o atraíra. Ela estava tão perto dele, que no simples ato de se erguer, obrigou-a a dar um passo para trás. Sentiu-lhe o hálito quente com aroma de creme dental acentuado. Aliás, tudo naquela mulher era perfumado: a mão, com essência de ervas, o colo com suave alfazema e a face, a cosméticos que deveriam ser aplicados na pele. Não resistiu e esticou as narinas até a nuca, de onde emanava o mais lídimo perfume francês. A mulher sabia se tratar. Quem seria ela?

Afastando-o delicadamente com o punho, sem deixar que seus longos dedos com unhas longas e pintadas, lhe tocassem, sequer, a manga da camisa - Messias estava sem casaco, mas vestia uma camisa de mangas compridas, porque não gostava do sereno da noite em seus braços - falou:

- Volte amanhã, que será atendido.

- Só se for por você.

- Quem sabe? Se estiver aqui, atender-lhe-ei.

Aquela forma escorreita de falar invocou, de vez, o rapaz: não podia estar diante de nenhuma serviçal, tão instruída, assim. Pensou que um dia de espera para tornar a vê-la seria muito, porém, não ousava ir além do que já houvera arriscado. Um avanço maior poderia acarretar uma recusa inconciliável que ele gostaria de evitar. Enquanto ficasse nas evasivas, havia esperança de descobrir quem seria aquela curiosa mulher.

Voltara para casa, pensando, o tempo todo, na mesma coisa: que mulher era aquela? Fazia imenso gosto em descobrir; aguçando sua curiosidade, o que o levaria a pensar ainda mais nela. Deu-se conta de que não era simples curiosidade: ia mais além; de fato, queria estar com ela. Encheu seu coração de pureza e pensou que poderiam ser excelentes amigos; se ela confiasse nele, iria lhe dizer tudo o que ele desejava saber dela. Seria isso mesmo?

No dia seguinte, novamente àquelas mesmas horas, tocava a campainha da taba da Vovó que tinha uma assistente deslumbrante. Quando a mulata lhe abriu a porta, pediu-lhe:

- Dê-me um nome pelo qual possa lhe chamar.
- Zezé, de Maria José. Você é noivo?

Aquela pergunta de chofre espantara o rapaz, que reagiu com outra indagação:

___ - Ué! Por quê?

- Por causa da aliança na mão direita.

Messias acabara se encabulando; nem atentara para esse fato, e, meio encafifado só pôde comentar:

- E, de fato, tenho uma noiva que quase nunca vejo.
- Mas por que isso?

Aquele diálogo de porta de rua estava se prolongando em demasia e aquilo desagradava ao rapaz; gostaria de conversar com ela, mas em recinto próprio, onde pudesse ficar mais à vontade.

- Posso entrar?
- Ah! Perdoe-me. Que falta de atenção, a minha.

Entraram. Messias conhecia o caminho; lembrou-se da canelada que já dera, de sorte que tratou de evitar a ponta da mesinha de centro. Esgueirou-se, segurando a mão da sua cicerone, único jeito de não permitir que ela se afastasse; e, curiosamente, tudo indicava que ela não pretendia se livrar daquele leve toque que a cingia com carinho. Sentou-se, puxando-a consigo. Ela esquivou-se da melhor maneira, permanecendo de pé:

- A “Vovó” Florinda vai lhe atender.

i E quem lhe disse que eu vim aqui atrás disso?

Aproveitou o embalo, tornou a se levantar, chegando bem perto daquela fascinante mulher, como se quisesse beijá-la, de alguma forma. Subtilmente, mais uma vez, a esquiva oportuna, deixou-a a uma distância confiável.

Sussurrou:

j- Aqui, não.

- Onde, então?

- Amanhã, às nove da noite, eu me encontro com você, lá na esquina. Tá?

Falou e saiu sem aguardar resposta, deixando-o inteiramente confuso e perdido na sala.

Naquela noite não pensou em mais nada. Fora atendido, porém, não fazia a mínima idéia do que ocorrera lá dentro, nem o que a médium houvera lhe dito. Só pensava no encontro do dia seguinte. Já de saída, lembrou-se de que não havia pagado a consulta; arriscou chamar:

- Zezé! Aqui. A consulta.

A moça surgiu, rápido, lepidamente arrebatou a nota da mão do rapaz e se retirou. Ele mesmo teve que abrir a porta, o portão que dava para a rua e todos os entraves; teve um pouco de dificuldade para ver como funcionava o trinco do último obstáculo que o deixaria na via pública. Não disse nada: safou-se como pôde e, da rua, puxou a porta, batendo-a para que ficasse trancada novamente. Pensou: - enfim, amanhã vê-la-ia as sós, para satisfazer as suas dúvidas.

14 Movimento no morro

No morro, muita coisa havia mudado desde aquele dia em que o Berta fora preso; passaram-se quase cinco anos. Uma nova eleição cheia de candidatos, prometia, enfim, ao povo, a liberdade de escolher seus mandatários.

Caramelo já não era mais “garoto”: cuidava de si muito bem. De uma feita, acompanhou a uma cadela assistindo-a no cio, ao lado de uma porção de rivais e se escafedeu de casa. De todo o séquito que tentara fecundar a fêmea, ele fora o único que permanecera ao lado dela, durante aquele ingrato período que a cadela de rua passa, enquanto aguarda que suas crias nasçam.

Biba, agora chamado de “Mestre Biba”, no dia seguinte à prisão do amigo, conseguira uma entrevista com um advogado de porta de xadrez chamado Nuno Batísio, apresentado pelo influente “amigo” ao qual servia na distribuição da droga que este providenciava. Aquele caso fora inteiramente esquecido; nem chegou a ser julgado.

Uma fiança foi paga e, no dia seguinte, o Berta já estava imperando no morro, como lugar-tenente da “máfia” do São João, como se auto-intitula-va.

O engenheiro foi visto, livre, andando pelas ruas da cidade, sem qualquer restrição. Como era uma excelente pessoa que se deixara envolver pelo vício e que, por causa disso, acabara servindo ao tráfico, os próprios amigos faziam vista grossa, ignorando o fato. E voltou a “reinar a paz em Varsóvia”.

Esse Doutor Nuno era membro de um sindicato, ou coisa parecida: militava nos meios sindicais e fazia disso seu trampolim político; ganhava dinheiro defendendo criminosos, sem qualquer escrúpulo, sob alegação de que todos precisam de defesa. Como o dinheiro ainda é o melhor recurso, onde há dele para custear a causa, tudo se resolve da melhor maneira possível.

A insatisfação dos traficantes com o governo estadual instituído fê-los mudar de política e apoiar um partido trabalhista que prometia todos os meios para que os “trabalhadores” daquela causa fossem amparados. Eles pretendiam apoiar o candidato indicado pela opinião pública, porque, assim, também estariam instalados no Poder.

Com isso, muita coisa mudou no morro. Aquela turma pacata que não quis entrar pela nova linha, foi obrigada a sair de lá. Mestre Biba fora morar em uma casa muito boa, fora da região, a fim de não se relacionar com o movimento, o que não o impedia de lá estar diariamente. Quem regia o morro era Berta, que, com punhos de ferro, fazia imperar sua vontade.

Aquela senhora que levantara suspeitas ao Biba porque pegara o Caramelo no colo, recebera um “tiro perdido” em lugar muito distante da favela, de sorte que ninguém podia associar um fato a outro; as *Pioneiras Sociais*, praticamente, foram expulsas como indesejáveis. Só a “Igreja” é que ficara, assim mesmo porque um “pastor” sem eclesiástica havia tomado a sua frente e pautava pela conduta que regia o local, sendo, mesmo, um dos grandes colaboradores da turma da dita “máfia”.

Dores mudara-se, com a irmã, para local ignorado, de sorte que, quando Caramelo voltou para casa, depois do período de gestação da sua “companheira” cadela, não mais encontrou vestígio de ninguém e, com isso, passou a ser um cão sem dono, vivendo ao deus dará. Seus momentos de relativa tranqüilidade tiveram fim: a comida que sua amiga trazia das casas onde ia trabalhar não mais existia, os que o alimentavam com as indesejáveis sobras dos mantimentos que as pias e caridosas pregadoras de Evangelho levavam, também não mais recebiam ajuda daquelas senhoras, com isso, o jeito foi virar as latas de lixo para ver se encontrava algum alimento.

Aliás, lata de lixo era coisa que nunca existiu por lá. o pessoal derrubava o lixo perambeira abaixo e lá ele ficava até que alguma chuva providencial o levasse para encher as ruas do bairro lá de baixo, onde os garis da Prefeitura tratavam de remover. Por sinal, de uma feita, tendo passado muito tempo sem que houvesse enxurrada capaz de descer com o lixo, o acúmulo foi grande, de sorte que, num temporal que caiu, arriou tudo e, junto, uma porção de barracos acabou sendo arrastada.

A Prefeitura havia feito um muro de arrimo com pedras secas na base de uma fralda de morro, a fim de deter a descida do talude solto; os favelados, gradativamente, levavam as pedras para suas respectivas casas a fim de usá-las nas suas obras. Descalço, o talude desceu e tudo o mais que dependia dele. Morreu gente adoidado. A imprensa esteve vasculhando o local, tirou fotografia de toda ordem, o governo foi atacado, pela inépcia e pelos desmandos que não cometera. Quem podia gerir favelados!?

Um grupo dos “Direitos Humanos” apareceu por lá a fim de fazer sua politicalhazinha em cima da situação, para se projetar e angariar simpatia do povo que, a essas horas, está sempre do lado das possíveis vítimas.

O barraco da Margarida dera lugar a uma casa de alvenaria construída pelo seu irmão Zeca e seu “amigo” Jucá Mente, que ele ainda insistia em chamar de “cunhado”. Era o ponto principal da distribuição da droga que começava a proliferar: tinha um verdadeiro laboratório de pesagem e embalagem para empacotar o que fosse necessário. Marga administrava a casa e, quando não tinha outro homem para satisfazê-la em seus instintos, permitia que o ex-amante dormisse com ela, mais por causa da amizade dele com seu irmão que mesmo saudade dos momentos, sempre péssimos, que desfrutara a seu lado.

De uma feita, houve um terrível temporal. Toda a turma da “máfia” desceu o morro com uma porção de sacos plásticos, grandes, desses que embalam quarenta ou cinquenta quilos de mercadoria. Com eles, entupiram as manilhas da via principal lá de baixo, uma avenida de duas pistas que, com a água sem ter por onde passar, virou uma verdadeira lagoa onde a maioria dos carros não conseguia atravessar. Era a oportunidade para assaltarem aquela gente presa pela enchente.

Naquela noite, a colheita foi rendosa, desde jóias, como alianças, até os mais sofisticados toca-fitas de automóvel vieram na bagagem da turma de frente. No dia seguinte os jornais noticiavam o “abandono” em que vivia o sistema de dreno das galerias.

Todo aquele material foi se instalar no “Barricada”, um bar que ficava ao sopé do morro e que não tinha a mínima aparência de abrigar nem interceptar roubos. A polícia já cansara de passar por ele sem nunca encontrar

nada de suspeito; por fim, desistira de visitá-lo em suas incursões, motivo pelo qual fora o escolhido para esconderijo de toda aquela muamba.

Quem, de vez em quando, aparecia por lá, era o Caramelo, na esperança de algum alimento caído ao descuido e que pudesse saciar sua eterna fome. Sempre encontrava, pelo menos, algum pedaço de pão com manteiga e, na pior das hipóteses, um pontapé do dono do estabelecimento, quando algum cliente reclamava da presença do imundo cão. A essa altura, como não tivesse mais ninguém para tratar-lhe o pêlo, vivia, além de desganhado, mais imundo do que nunca, pois se esfregava em tudo o que encontrava, principalmente no chão frio de algum lameiro, a fim de esfriar o calorento “casaco” de pelos naturais que vestia. Não era à toa que ele pertencia à raça dos *poodles*, os famosos “cães da lama”.

Naquele fim de semana, os políticos apoiados pelo “mestre” Biba, apareceram por lá. Alguém, mais afoito, resolveu conversar com eles: queria saber se o partido apoiava o Lula, - Não, meu caro: nosso partido é trabalhista, isto é, que defende os interesses da classe; o partido desse senhor “sapo barbudo” é partido *do trabalhador*. Nada tem que ver conosco. Nós estamos apoiando o futuro governador do Estado. ' Só não complementavam a frase, esclarecendo: “fosse qual fosse”.

O Advogado deles era o Doutor Nuno, já conhecidíssimo, por causa de várias intervenções a favor da turma, quando algum comparsa se via preso, de sorte que o grupo tinha pleno acesso para fazer política no morro.

Qualquer outro que por lá aparecesse, corria o risco de ser escorraçado, não propriamente pelos moradores, mas, em nome deles, pela comissão de frente da *gang* que imperava na região.

15 O eterno filho adotivo

Nêmio Túlio, o Neném, era um revoltado desse tipo calado que não externa seus sentimentos. Vivia aprontando e, desde o dia em que a Assistente Social do Juizado de Menores transferiu sua culpa para um possível racismo familiar que os Mendes não possuíam, qualquer coisa que se dissesse contra ele, saía-se com a velha tirada:

- É porque eu sou negro!

Debaixo dessa desculpa, aproveitava para não fazer nada em prol da família que o abrigara em momento tão difícil, onde sua vida esteve por um fio, mostrando de desidratação a inanição. Foram dias e noites seguidas, em que um dos pais adotivos ficava velando pelo menino até que ele tivesse melhores condições de sobrevivência. Ninguém, naquele momento, pensava em praticar nenhuma caridade: era o zelo normal por uma criança que

deveria ser o companheiro do Augusto César, predestinado pelo obstetra da família a ser único.

A última dele foi desaparecer sem dar notícias. Sumira sem que ninguém soubesse onde se metera. Por coincidência, uma vizinha, que freqüentava a Igreja evangélica do bairro, estando com Ethelvina, comentou:

- Aquele garoto que vocês criam está lá na Igreja, dormindo na garagem.
- Meu Deus! Ele só me dá dor de cabeça. O que meus filhos não aprontam, ele sozinho faz.
- Está lá com outros meninos que aparecem na hora do almoço que o pastor Midas dá. Sai com eles e, à noite, volta para dormir no galpão.

Quem estava em casa era o Sérgio Ricardo, terceiro na ordem genética; a mãe chamou-o ao portão a fim de tomar conhecimento do que a amiga estava relatando. Esta voltou a repetir a mesma história, com algumas pequenas minúcias que não vinham ao caso. A mãe pede-lhe:

- Vá lá, meu filho, ver esse garoto. Até é bom que seja você porque o César é estourado e, na certa, daria uns cachações no Neném, antes de ouvi-lo falar.

Mariana vinha chegando com o namorado, o veterinário da casa. Aproveitando sua presença, pede-lhe auxílio e os dois saem juntos à cata do desaparecido. Ethel, de longe, ainda lembra, falando para os dois:

- De caminho, passa pela Delegacia e avisa que o menino já apareceu, pois seu pai deu parte do sumiço.

Abanando os braços, o filho ainda respondeu:

1 Esquece, mamãe! A polícia nem tomou conhecimento disso.

- Mas passa por lá, meu filho! Não custa.
- Tá bem! Não sei pra quê; já que pede...

E lá se foram os dois. Mariana estava preocupada com Anabela e comentou com a mãe, já entrando em casa, depois que se despediram da vizinha:

1 Soube, por meio de umas colegas, que a Ana anda de namoro com um menino que usa droga! Ele é do colégio, de uma classe mais adiantada.

- Você tem certeza?
- De qualquer forma, é bom a senhora conversar com ela.

\ - Só me faltava essa, agora.

Anabela demorou a chegar. Ao vê-la, a mãe tratou de abordá-la:

- Onde é que você foi, para ficar na rua, sem almoçar, até essa hora?

A menina não estava para conversas. Tentou se esquivar:

- Ora, mamãe: já sou bem grandinha. Saí com as colegas e fomos ver uma exposição lá no *shopping*. Ela se encerra hoje. A senhora deveria ir. Quer? Eu lhe levo.

Ante aquela informação, a mãe não comentou mais nada. Achou que não seria oportuno tocar no assunto, por isso, limitou-se a perguntar:

- Não vai almoçar?
- Comi umas bobagens, estou sem fome.

Pela noite, a mãe tornou a chamar Mariana e pediu que ela repetisse para o pai tudo o que soubesse a respeito da irmã.

Desta feita, ela retratou, até, o diálogo que havia mantido com a colega da irmã, explicando que o tal rapaz já era conhecido como viciado; sua família havia sido chamada pela diretora, porém não tomara nenhuma providência. Os pais não se entendiam: a mãe tinha um amante e o marido dela quase nunca estava em casa.

Narciso ainda ponderou:

- Como é que você sabe disso tudo?
- ! Ora, papai! O que é que não se sabe nessa vida!?
- Mas até a vida particular da mulher?

p Não é tão particular, assim; parece que ela não faz a mínima questão de esconder o fato: constantemente aparece no colégio ao lado do amante, de carro, para levar o filho. 1 o carro é dele.

- Mas sabe-se de tudo! Nossa! E como descobriu isso?

1 O senhor se esquece de que estou fazendo o curso de letras, e estagio lá no colégio onde a Ana estuda? E que eu consegui essa vaga porque fui aluna de lá?

- Mas essas histórias todas chegam até o corpo docente?

! O senhor não sabe o que é uma sala de professores na hora do recreio. Fala-se de tudo e comenta-se cada coisa que ninguém imagina. Mas a questão do namoro da Ana foi uma colega de classe que me contou. O rapaz já tem fama, por isso, ela veio me dizer, sabendo que eu sou irmã da menina.

Você já conversou com a Ana?

H- Acho que não deva. Ela não me ouviria; mamãe é quem deve falar indagando. Pode dizer que fui eu que

soube.

Anabela havia saído com uma das colegas da vizinhança, fora buscar um videogame para jogarem e ficara pela casa da amiguinha.

Só na manhã seguinte é que a mãe conseguiu abordar a filha. Esta havia se levantado para ir às aulas e, enquanto tomava o café que ela lhe preparara, foi obrigada a ouvi-la:

- Minha Filha: você está namorando um viciado em drogas.
- Quem disse isso à senhora?
- Sua irmã soube lá na escola. É comentário geral.
- São as despeitadas, mamãe: só porque não se dão com ele...

Interrompendo-a, a mãe indaga:

- Ele, quem?
- Esse rapaz que dizem que é viciado. Além disso, ele é apenas meu amigo.

1 Você não acha que poderia escolher melhores amizades?

- O Télió é Filho de um Juiz. Gente boa.
- Quer dizer que se chama Zélió!
- Não, mamãe: Télió. T-e-l-i-o, com "T" de tatu.

i Ainda por cima, o próprio nome é diferente. Mas todos dizem que esse garoto usa droga.

- Ninguém prova nada! Ele teve um troço lá na escola, apareceu a médica e disse que ele estava drogado. Foi só isso, mas não fez nenhum exame que provasse. E depois dessa crise, ele fez tratamento em hospital; tomou remédio e se curou da tal doença. Não era droga, coisa nenhuma!

À vista daquela explicação, Ethel não soube o que dizer. Achou melhor aguardar; de qualquer forma, a pedido do marido, iria até a escola conversar com a instrutora social. Estava nesse dilema quando o Filho mais velho entrou em casa, dando bons pescoções no Neném.

-Aí, mamãe: descobri onde se escondia. Quando soube, ontem, que estava sendo procurado pelo Ricardo, tratou de desaparecer da Igreja; por isso é que não o encontraram lá. Mas, de noite, um garoto me disse que ele tinha ido com um bando, a caminho da praia de cima. Encontrei-o lá, com uns pivetes, desses que assaltam as pessoas que passam.

Ethel olhou para o rapaz, muito contristada, sem saber o que dizer; acabou murmurando:

- Ah! Meu Filho, porque você faz isso?
- Só porque sou negro.
- Quem disse que você é negro?

César, que não tinha palpos na língua, bradou:

- Negro coisa nenhuma! Mulato e muito do sem vergonha. Negro é o seu Damião, um homem distinto, que vive do trabalho dele. Aquele sim: é o exemplo da raça africana, dedicado ao trabalho e à lavoura. Tem sempre uma verdura fresca para vender e vive disso. Você é um estragado por essa mistura genética que nossos avós portugueses cometeram.

- Calma, que assim não resolvemos nada. - Ponderou a mãe.

Neném calara-se; pela primeira vez alguém lhe contestara seu infalível argumento, que não soara como esperado. Ouviu calado um rosário de sermões da mãe adotiva, palavras que entravam por um ouvido - se é que entravam - e saíam pelo outro. Depois daquilo foi se recolher, e teria deitado na sua cama para tirar um bom sono se o próprio César não o tivesse agarrado e levado para de baixo da ducha fria, obrigando-o a se lavar.

De volta à sala, encontrou a mãe muito triste, procurou consolá-la:

- O que é isso, dona Ethel? A gente dá um jeito nesse moleque.
- Não é só isso, meu filho. Mari contou-nos que Ana está namorando um viciado em drogas.
- Falou com ela?
- Com a Ana, falei; ela nega, diz que não é namoro, que o garoto teve um ataque de qualquer coisa e que a médica do colégio é que diagnosticou desse jeito.

- Por que a senhora não vai até a escola, saber?

-Eo que estou pretendendo fazer, mas, tem que ser numa hora em que ela não esteja na aula, senão, pode ser pior. Ela é uma menina rebelde: já acha que é fim de safra e que ninguém mais queria ela! Agora, esse menino, que deu para dormir fora de casa: antes, saía e voltava ao amanhecer, sem dizer onde fora; dessa feita, extrapolou de vez.

- Nem tudo é mar de rosas...
- E você?
- Não consegui entrar na Faculdade de Economia, mas arranjei um serviço como gosto: sem obrigação de estar trancado numa sala. Sou “relações públicas” da Firma e continuo saindo para visitar clientes. Está dando. É

melhor do que ser artista como Ricardo. A senhora deveria falar com ele, que esse negócio de ficar tocando instrumento em conjunto de música que não emplaca, não dá dinheiro.

- É gente boa e conhecida. Para seu pai, o único defeito deles é tocarem *rock*.

— Ele vai acabar levando a vida na flauta: basta começar a soprar.

16 As coincidências começam a acontecer

Por uma dessas coincidências que ninguém sabe explicar, *Dores*, a da favela, agora morando no emprego, viera a trabalhar na casa ou apartamento dos pais da *Augusta*, a noiva do *César*. Sua irmã *Mariá* se alojara na orla marítima, perto do manguezal da zona oeste, no barraco de um cara com quem se amasiara e vivia sua vida. A irmã não pudera ir com ela, afinal, não dava para três, aquele ambiente, a não ser que quisesse dormir na mesma cama da irmã e desfrutar o mesmo homem, como algumas poucas faziam.

Desse jeito, teve que largar a vida de faxineira e escolher uma família onde, pelo menos, tivesse um cubículo para dormir. Estava de carteira assinada, como doméstica, morava na zona sul, vivia entre as bacanas, desfilava, à noite, pela orla marítima, que nem parecia, mais, aquela favelada toda mal vestida que passava o tempo trocando palavras com a vizinhança.

O único problema daquele emprego era uma surda já idosa, irmã mais velha da patroa, bem mais velha, por sinal, que era de uma implicância à toda prova. Ranzinza, nunca se casara e, pelo que indicava, conservara-se *invicta* até aquela data. Tivera um problema de fibroma no útero que lhe valeu uma intervenção seríssima, onde perdera parte do seu aparelho genital.

O médico, aconselhara-a a se casar, a fim de resolver aquele seu problema que, segundo ele, era causado pela falta da prática sexual, mas àquela idade, já ninguém mais a quis, nem para programas; o jeito foi aparentar um resguardo que longe estava de ter.

Dona Augusta saíra e deixara um recado para seu namorado *Messias*:

- Se telefonar, avisa que fui a São Paulo fazer umas compras e só volto amanhã. Há três dias que não aparece nem dá notícias.

- A senhora não tem o telefone dele?

- Acho desaforo ligar-lhe.

Na verdade, *Augusta* acompanhara os pais até São Paulo, a passeio. Ficando sozinha com a velha surda, *Dores* resolveu fazer uma visitinha às antigas companheiras do morro e ver como a vida andava por lá. Ainda se lembrava do *Caramelo*, o *poodle* pulguento que havia sumido:

- Será que ele ainda vive?

E lá foi ela, morro acima, para rever a turma.

Não encontrou mais quase ninguém. *Marga* estava muito bem instalada; já não morava mais em barraco: a

casa dela era de alvenaria, tinha vários quartos, banheiro com água corrente e alimentado por uma bomba que seu irmão Zeca instalara lá em baixo, diretamente junto à tubulação da companhia de águas. O esgoto continuava sendo aquela vala fétida que descia a encosta, cheia de entulhos e lixo que jogavam nela.

Marga ficou contente em ver a amiga; tinha muita coisa para contar. Agora vestia-se do melhor tecido e tinha, até, os mais sofisticados aparelhos de cozinha para fazer a comida. Dores encantou-se com a pia de lá. Que diferença entre a apertada *kitchenette* do apartamento onde trabalhava para todo aquele espaço que a amiga desfrutava.

- Quem diria! Como isso mudou!! Se me contassem, eu não acreditaria que aqui em cima pudesse ser construída uma casa dessas!!!

De fato, tinha.

Não obedecia a nenhum projeto; tudo feito a má troca, idealizado pelo próprio Zeca que não entendia nada de arquitetura mas que, assessorado por um pedreiro acostumado com obras, deu umas idéias “de orelhada”, como ele mesmo proclamava, para que se Fizesse aquela obra.

- A duras penas, minha cara Dores.
- E como é que esse material subiu todo aqui para cima?
- Fizemos um cabo de aço com roldanas; o João do botequim instalou um motor de bomba num cilindro que rodava e enrolava o cabo de aço. Aí ele puxava tudo dentro de baldes. Deu trabalho. Faltava você aqui.

- E de onde é que sai o dinheiro?
- Não se mete nisso. Eu e o Jucá somos sócios em um negócio que está dando dinheiro.
- Vê lá em que está se metendo!
- Não tem perigo: até *adeogado* nós possuímos.
- Quem é?
- Doutor Nuno. Gente bem...! Ele trabalha num sindicato que está apoiando o nosso futuro governador e parece que vai ser Secretário do homem, se ele for eleito. Aí é que nós vamos deitar e rolar. Você não sabe de nada.

Como não estivesse interessada nessa gente, Dores resolveu entabular outro papo com o Zeca, perguntando-lhe:

| Você tem visto o Caramelo?

- Aquele seu cãozinho sem vergonha? Você nem vai conhecer mais ele. Mudou muito: agora é bravo, avança

nas pessoas, já se atracou com um outro maior do que ele, levou uma surra mas não fugiu da raia. Quem salvou ele foi o Joça. Lembra-se do Joça?

- É mesmo! Deve ter crescido. Ainda solta pipa para avisar à turma?
- Nada disso: agora é com foguete. O Berta trouxe um amigo *pirotênico*...
- O que é isso

JH: um sujeito que faz balão. Ele também lida com fogos. Você precisa ver.

- Quer dizer que está tudo mudado, mesmo! E para que os balões? Festa junina fora de época.

I: Que nada disso! E para avisar à clientela que a droga já chegou; os “aviões” vêm correndo. Você ainda não viu as casas novas?

- Estive reparando, de passagem; mas são poucas.
- É da nossa gente. Todo mundo que trabalha com Mestre Biba está bem de grana.
- Mestre Biba! - Protestou Dores, espantada -. Agora é Mestre. De que titica?
- Não fala assim, menina. Se ele ouvir não vai gostar. Anda armado, tem uma porção de revólveres na casa dele; dizem que é um arsenal.

- E pra quê revólver?
- Ele faz uns servicinhos da pesada. Agora não são só aqueles “merréis” de bater carteira, não. A turma de frente está invadindo casas para fazer mudança. Tem os olheiros. Quando sabem que uma casa está vazia, a turma vai procurar saber porquê. Geralmente, é pessoa que viaja. Eles vão lá, de caminhão, e fazem a mudança.

- Ah! Estou entendendo: quer dizer que essa aparelhagem toda que vocês têm aí na cozinha veio dessas mudanças.

- Alguma coisa. Outras a gente compra.
- E a polícia?
- O doutor Nuno dá sempre um jeitinho nela. Tem informantes lá dentro. Quando vai acontecer alguma coisa o pessoal dele avisa e a gente esconde tudo. E você está trabalhando onde?

Dores aproveitou para falar um pouco da sua nova vida. Não tinha nada que se queixar: morava na zona sul, fins de semana ia à praia tomar banho de biquine. Já havia comprado um. Enfim, descreveu o que era e o que não era, procurando engrandecer e pintar com cores vivas a sua nova vivência. Lamentou a velha surda que era o lado ruim da coisa, mas, de resto, a turma era boa gente. O patrão viajava muito, a negócio. Não sabia qual o seu

serviço...

Aquele fim de tarde-noite foi prolongado. A geladeira, cheia de cerveja, era um convite para uma noitada.

Dali, desceram para o bar do Janjão. Zeca indaga-lhe:

- Você conhece o Janjão? Ele “comprou” o bar do Almeida.

- Ué! Seu Almeida vendeu o bar?

- Não. Ele morreu num tiroteio, aí, quando veio a polícia... Falava demais, sabe... Mestre Biba já estava com ele na mira. Sabe... aqui é a lei: tudo para quem estiver com o grupo. Sabe...

- ... uma bala perdida para os faladores. - Replicou Dores, complementando: - já era assim no meu tempo.

Lembra-se daquele pastor e da dona Dulce?

- Essa morreu longe daqui.

- E quem mandou matar?

i Você não prova.

- Deix'isso pra lá. Vamos ao novo bar.

17 Mudando o itinerário

Naqueles tempos idos, Messias estava se preparando para ir ao encontro da “Zezé” quando o telefone tocou: era a vizinha do seu futuro sogro avisando que a “velha surda” tinha tido um troço e que não havia ninguém em casa. Já chamara a ambulância, mas esta não apareceu.

O rapaz esqueceu-se do compromisso, largou tudo pelo meio do caminho, desceu as escadas de dois em dois degraus e tomou o primeiro táxi que encontrou.

Depois de um embaraço no trânsito, conseguiu chegar à casa da noiva. Soube pelo porteiro que tinha um médico lá em cima, que era morador do quarto andar. o elevador demorou a chegar, ou melhor, na angústia da espera, tudo parece mais demorado do que seja.

Encontrou, deveras, a senhora tia aos cuidados de um doutor que, à sua chegada, foi-lhe dizendo:

- Já prestei os primeiros socorros. Ela está tendo uma crise cardíaca.

- E princípio de enfarte, doutor?

- Meu caro, não existe princípio de doença. Ou é ou não é. No caso dela não me parece que seja enfarte, mas o coração está quase parando. O jeito é removê-la para um hospital.

Enquanto as amigas preparavam a paciente, Messias desceu correndo à procura de outro táxi. Começava a se

arrependido por ter dispensado o seu, quando alguém desembarca, bem em frente a ele. Falou rápido com o motorista, explicou-lhe a situação, que era um caso de vida ou morte. O chofer aquiesceu em esperar, enquanto lá ia ele buscar a doente.

Foram para o Hospital Público. Com a pressa, Messias esquecera-se de perguntar pelos parentes da velha; agora, o jeito era tomar as providências cabíveis a fim de que ela não “batesse as botas” sob seus cuidados. Passou a noite no corredor do hospital e só pelo fim da madrugada, quando soube que sua paciente estava fora de perigo é que resolveu sair para tomar as providências complementares.

Dali, foi direto para a casa dos sogros; soube pelo porteiro que a família havia ido para São Paulo, numa daquelas tradicionais viagens a negócio (ou sei lá o quê); tinha uma empregada nova que começara a trabalhar naquela semana, mas havia saído à noitinha e não voltara.

O jeito foi ir até em casa trocar de roupa, lavar a cara mal dormida em banco de hospital e voltar para ver o que iria fazer. De caminho, entrou num botequim, pediu média com pão e manteiga que ingeriu em pé, no balcão, pagou e saiu. Passou por casa de relance e voltou célere para o hospital. Soube que sua doente estava fora de perigo, porém, não pôde vê-la. A visita seria à tarde. Voltou para casa, pegou a primeira condução que encontrou e sentou-se espremido, entre a janela e um senhor gordo que tomava quase todo o banco, talvez por isso, o lugar ainda estivesse vago.

Só então é que deu conta de que teria um agradável encontro com sua enigmática anfitriã da casa da “Vovó” Florinda. Havia dado um “bolo” involuntário e nem sequer tivera como avisar a ela a fim de se justificar. Ficou sem jeito; não teve coragem de ir até lá, por isso, resolveu tomar as referências do dia, a fim de que, na hora da visita, pudesse ir ver a tia da noiva.

E foi o que aconteceu.

A mulher já estava desperta. Só então é que soube que ela possuía um plano de saúde, por isso, foi conversar com o responsável pela emergência que, de imediato, concordou em removê-la para a assistência particular, afinal, menos um paciente para cuidar, no meio de tanta precariedade.

Messias voltou à casa da noiva; o porteiro não sabia com quem tinha ficado a chave do apartamento, para que ele pudesse entrar lá; mas o porteiro tem jeito para tudo, principalmente para um “amigo” que liberava as revistas para que lesse. Foi até uma saleta no subsolo onde ficava a garagem dos automóveis e trouxe de lá uma gazua especial com a qual abriu a porta de serviço. Ainda ajudou a Messias na procura dos tais papéis. Felizmente, na

tal gaveta indicada pela do ente havia um envelope pardo, grande, com o **timbre da empresa** do plano de saúde.

De volta ao hospital, ligou para uma das **conveniências** e pediu que providenciassem uma ambulância **para remover a** paciente. Deu todas as indicações exigidas e **passou a** esperar. Felizmente, não havia mais perigo imediato, **de sorte** que aguardou com calma.

Perdera mais um dia. Começava a anoitecer **quando deixou** a tia no clínica especializada. Merecia um repouso.

Mal entrara em casa e sua mãe, aflita, **pergunta-lhe:**

| Onde se meteu até essa hora?

1 Estava no hospital com a tia da minha noiva, **que teve** um troço.

| Pois, então, prepare-se para voltar, porque **sua** irmã **foi** assaltada, na rua, resistiu, foi agredida por dois **pivetes**, levou um corte de gilete no braço, umas escoriações **no pescoço...** seu pai está lá com ela, que teve uma crise **de nervos...**

18 Na clínica veterinária

Nem tudo na casa dos Mendes se resumia ao problema do Neném. Anabela aparecera na clínica veterinária, à procura de Carlota, irmã de Marcelo, que dificilmente se afastava da recepção a fim de receber os pacientes que pudessem aparecer. Levava a sério aquela tarefa; enquanto seu irmão saía para ver os doentes a domicílio ela ficava cuidando dos “internos” e tinha sempre algum animal em tratamento. Dava de tudo: naquela tarde ela cuidava de um coelho que passara para o terreno do lado e quase fora morto pelo cão da casa.

Sabendo que o orelhudo comedor de cenoura era de estimação dos seus amigos, o dono do cão agressor levava o bicho para ser socorrido e depois dera ciência a seus donos. Naquele momento Carlota conversava com estes, explicando a situação e dizendo quais as providências que haviam sido tomadas.

O dono do coelho estava muito aflito porque ele era do filho de quatro anos, que adorava o animal, de sorte que, solícito, prontificava-se a pagar qualquer despesa extraordinária que houvesse, contanto que o chinchila tivesse o melhor tratamento. A enfermeira explicava:

- Não se preocupe que seu vizinho já pagou tudo. Os curativos já foram feitos, o bicho está levemente dopado, para não *sofrer* e, tão logo tenha condições, receberá alta e o senhor o levará de volta. Meu irmão virá prestar-lhe todas as explicações do que deva ser feito para os curativos. Seu animal está bastante ferido e perdeu muito sangue.

- Não pode fazer um transfusão?

Sem saber se achava graça da pergunta ou se levava a sério o caso, num entrecortado gesto de lábio, ela olhou aquela criatura tão preocupada com um animalzinho, naturalmente, só porque era de estimação do filho e lhe respondeu:

- Bicho não é como gente: dificilmente **eu arranjaría** outro coelho que quisesse doar sangue para o **seu**. **Além** disso, eles se refazem mais rápido do que gente. Não **se assuste**.

Nesse momento, vislumbrou Ana no portal; fez-lhe **um gesto** para que se aproximasse. A moça veio lentamente **até onde** estavam mas guardou distância para não se imiscuir **na conversa**. O senhor, altão, um pouco magro, não sabia se ia **olhar** o coelho na estufa onde estava alojado ou se conversava **com** sua atendente.

Por fim, depois de muitas recomendações, o homem **acabara** se retirando com a promessa de que voltaria logo após **o trabalho**. Estava em cima da hora. E saiu.

Carlota, mesmo antes de recepcionar a sua visitante, **comentou**:

- Ainda bem que estava em cima da hora. Esse **pessoal** não sabe que não adianta ficar fazendo mil e uma **recomendações**: aqui, a gente trata da melhor forma **possível e faz** tudo o que esteja ao alcance, com ou sem **recomendação**. Mas vá lá: o que a traz aqui?

- Eu queria falar com você.

- Pois fale.

| Mas... | olhando os poucos animais em volta, **internos** do hospital - ... a sós.

- Estamos sozinhas, as duas.

Ana se dera conta de que os irracionais não contavam **como** gente. Muito aflita, não sabia como iniciar sua história. **Foi a** amiga quem insistiu:

- O que é que está lhe preocupando?

Depois de dez ou mais gaguejos, ela soltou de **rompante**:

- Sabe! Estou grávida.

Carlota ficou perplexa. Nem desconfiava que **aquela menina**, mais moça de todas, já se iniciara na vida **sexual**.

Com muita dificuldade, conseguiu encetar o diálogo:

- Como foi isso?

| Depois eu lhe conto: preciso de alguém **para tirar essa** criança! Meus pais não podem saber de nada. senão estuo frita.

- Que loucura é essa? Vamos, venha **ca**:

E foi levando a menina até um **conjunto de cadeuas (\$\$\$** ficavam ao lado, justamente para **os donos dos clientes, unsa** espécie de sala de espera interna, onde as pessoas ficavam aguardando enquanto seus animais eram tratados. Sentaram-se as duas.

- Conta como foi isso.

- Não. Não. Eu preciso dar um jeito de meus pais não saberem.

- Espere aí. Tenha calma e me fale: quem disse que você está grávida? Não vou lhe perguntar se você andou com alguém, porque, senão, não estaria assustada.

- Há um mês que minha regra não vem.

- Isto não é suficiente.

- Eu levei, ontem, minha urina no laboratório, dizendo que era de minha mãe e fui buscar hoje o exame.

Olha aqui.

Enquanto estendia o papel que estava em suas mãos para a amiga ver, desatou a chorar. Carlota pegou o relatório e, de fato, a primeira e única palavra que chegou a ler foi “positivo”. Olhou para a amiga, muito consternada e lhe perguntou:

- Você não é cristã? Então, como quer tirar o filho? Eu vou falar com sua mãe...
- Não, não! Pelo amor de Deus!
- ...ela vai entender. Fique calma que tudo se resolve.
- Eu quero tirar. Não posso ter esse filho.
- Você já conversou com o pai da criança para saber o que ele acha?
- Ele me deu um tapa na cara quando eu disse que estava sem regra e que tinha medo de estar grávida.
- Mas que canalha! Ele fez isso?
- Fez pior: largou-me sozinha, no quarto, vestiu-se e foi embora. Nem quis saber de mim.
- Ah! Meu Deus! Que entrave! Bem: não adianta lamentar; vamos ver o que se pode fazer, mas, por favor,

não tome nenhuma decisão precipitada sem antes conversar comigo. Vou tratar do seu assunto com todo o carinho, mais do que se fosse o meu gatinho.

Ana ainda demorou algum tempo, sendo acariciada pela amiga que procurava acalmá-la; ficaram lá por mais de uma hora, até que, mais serena e confiante de que ainda teria muito tempo até que alguém desconfiasse, Ana saiu prometendo que não tomaria nenhuma iniciativa sem antes consultar a amiga.

Carlota nem jantou direito. O que poderia ela fazer por aquela avoadada? Nem sabia quem era o pai da criança para ir lá defender a moça, sua futura concunhada. Pensou muito e chegou à conclusão de que a primeira coisa que tinha para fazer seria saber quem era o pai, a fim de poder conversar com aquele degenerado. Falaria abertamente com Ana, explicaria a ela quais as suas alternativas e lhe daria esperança de que o rapaz pudesse, até, se casar com ela. Quem sabe?

Quando Marcelo, seu irmão, chegou, já tarde, ela resolveu conversar com ele para ouvir-lhe a opinião; prudente como era, talvez tivesse uma sugestão melhor. Bateu tibiamente na porta do quarto, até ouvir a célebre indagação:

- Quem é?
- Sou eu, Carlota.

- Entra: a porta está aberta.

A irmã entrou com passos vacilantes, esticou os braços para trás, juntando a palma de uma das mãos nas costas da outra, estufou o peito, deu um meneio de cabeça, jogando os cabelos para trás; antes de falar, foi interrompida pelo rapaz que, desconfiado, indagou:

- Algum problema? Dinheiro?

BS|- Problema sério: só que não é comigo.

- Com quem? Papai?

- Não, com sua cunhada Anabela.

Já mais aliviado e refeito do impacto que teve, pressentindo algo no ar, perguntou:
o que foi que aquela desmiolada fez, agora?

- Sem mudar de posição e sem mais para quê, disse secamente:

- Está grávida.

Depois de um *o quê* aos brados, Marcelo deixou-se cair sentado na cama:

- O que é que você está me dizendo?

- Isso o que você ouviu: seu Narciso vai ser vovô. Só não me disse de quem é. Entrou, essa tarde, por aqui, apavorada, enquanto eu atendia o dono do coelho das suturas e, quando ficamos a sós, pediu-me para indicar-lhe alguém que fizesse o aborto.

- E você, o que fez?

- O que é que você queria que eu fizesse?

Ele parou, como se refletisse:

- Ê! E agora, o que será que vai acontecer?... tchan, tchan, tchan, tchan!

Falou imitando a frase melódica da quinta sinfonia de Beethoven.

- Nem brinque, Marcelo: a menina está desesperada. Deu-me um trabalhão para acalmá-la. Já queria sair daqui procurando um médico que abortasse a criança. Foi preciso eu lhe mostrar que, por enquanto ninguém ia descobrir nada...

- Ela está tendo enjoô?

- Acho que não. Fez o Galimaninni: deu positivo. Pelo amor de Deus, não conte nada a ninguém.

- Quanto a isso, pode ficar descansada: prometo que não comentarei nada nem com Sula?

- Sua noiva é a Mari. Você não acha que só se preocupa com a Sula?
- Ela é minha colega; está terminando o curso de veterinária e, em breve, vai trabalhar conosco.
- Isto se tiver clientela. Por enquanto não dá para mais uma pessoa.
- Ela não vai ligar...

E, com isso, a conversa mudou de rumo; esqueceram-se, até, de que estavam falando de problema tão sério.

Quando caíram em si, voltaram a abordar o caso; Marcelo concordou:

- É melhor você procurar saber de quem se trata e ir falar com o pai da criança.

Ficou perplexo quando soube da reação e da bofetada. A irmã complementou:

- E olhe que era só suspeita. Imagine, agora, quando souber que é realidade!!!
- Vai ser uma bomba.
- Será que o seu Narciso vai brigar com ela?
- Bem! Ele não há de gostar, só não é desses que expulsa a filha de casa. Ah! Depois... vai ser avô.

Avançadinha, a menina.

- E verdade. E eu, que nunca fui além de beijos furtivos com meus namorados.

- Ah! Quer dizer que você já andou beijando a boca desses malandros que lhe namoraram Qual deles, pode-se saber?

- Eu não disse isso: até pelo contrário, lamentei que nunca tivesse tido coragem de permitir que me beijassem.
- Você amou alguém?
- Exatamente por isso é que nunca fui beijada.
- Então, Anabela deve estar amando que nem desesperada. Ou então é muita senvergonhice.

| Não sei...

19 Um novo governo

O candidato a Governador apoiado pelo doutor Nuno fora eleito; na casa do Mestre Biba houve a maior comemoração; fogos de artifício à noite e um arrasta-pé que se estendeu até o dia clarear.

Houve festa no palácio, as portas se abriram para receber um líder populista que prometia governar com o povo e para o povo.

Constava a boca pequena que ele, em tempos idos, na sua terra, se envolvera com a subversão e que, quando foi estabelecido o AI-5, teve que fugir vestido de palhaço, às custas de uma turma de mambembes que estava fazendo espetáculos no local e lhe proporcionara a fantasia; atravessou a fronteira, a fim de escapar da sanha militar e desapareceu de cena. Alguns militantes da sua célula revolucionária foram presos, outros, expatriados e alguns, segundo consta, torturados; porém, nenhum deles satisfeito com o papel do colega fujão que abandonara o grupo à má sorte, tão logo soube que seriam perseguidos. A indignação contra aquele que chamavam de covarde, não era pelo fato de ter fugido, mas porque não avisara a ninguém e batera em retirada deixando para trás os "camaradas" de ideal para serem crucificados.

Isso agora não importava. Começava uma nova era. O povo, aborrecido com quinze anos de ditadura, estava usando o direito do voto sufragando todos aqueles que foram perseguidos pela discricionariedade do Poder instituído pela ditadura militar.

De fato, o doutor Nuno foi investido na condição de Chefe de Polícia. Um de seus primeiros atos foi chamar o Biba a seu gabinete para lhe dizer que contava com seu apoio, a fim de que não houvesse subversão da ordem naquele morro onde ele administrava o comércio do tráfico.

1 Pode deixar comigo, doutor: lá eu mando e ninguém mija fora do penico.

- Está muito bem, mas por favor: não volte aqui. Não quero que o vejam freqüentando meu gabinete. Eu vou nomear um intermediário que, sempre que for necessário, entrará em contacto com você e, sempre que for preciso, você o procurará. Estamos entendidos?

- Perfeitamente, doutor.

o mestre sem regência saiu dali muito feliz: seu defensor, agora, mandava na "Justa"; com ela ninguém teria mais preocupações. Se já corria frouxa a situação, com o homem lá em cima é que não daria mais problema.

20 Tempos de marginalidade

Nessa mesma época ocorria o atentado da irmã que Messias rememorava.

Fora encontrar-se com ela no hospital; de fato, estava toda cortada, como se tivesse levado navalhadas. O fio de gilete tem a mesma finalidade que o antigo instrumento de barbear, por isso, seu corte é idêntico.

Soube pelo pai que um dos pivetes havia sido apanhado por populares; ato contínuo, surgiu, não se sabe de onde, um agente do Juizado de Menores em sua defesa, tomando as devidas providências para punir aquele que houvesse feito qualquer coisa contra o menor, embora delinqüente. Alguns chegaram a garantir que havia sido o próprio Juiz.

- Quanto à nossa menina que sofrera os cortes, esta não precisava de amparo, portanto, que se danasse, - comentou o seu Souza, pai do Messias, conversando com o filho.

- Quer dizer, então, papai, que um dos moleques foi preso e o transeunte que o deteve é que foi acusado de agressão?

- Isso mesmo, meu filho: sua irmã estava lá, sangrando; com ela, o tal agente do Juizado nem se importou. A única preocupação dele era o resguardo do pivete que a havia talhado desse jeito!

- A que andamos, meu pai!!

- Bem: hoje tomou posse um novo chefe de polícia; tenho esperança de que ele vá dar jeito nisso, porque, como está, não pode ficar.

- O negócio é o seguinte: menino de rua dá manchete no jornal e o homem quer aparecer.

Mag estava bastante cortada; sangrara muito, porém, não corria riscos, senão, de ficar com algumas cicatrizes pelo braço; como já estivesse sido atendida, toda enfaixada de gaze, saiu ela andando com os próprios pés da enfermaria e foi ao em contro dos seus.

Messias estava exausto e tresandando a hospital por todos os poros; não agüentava mais aquele cheiro de éter misturado com quantos outros remédios exalasses seus aromas pelos corredores afora. Foi o tempo de chegar em casa, entrar de baixo de uma ducha fria e se pôr na cama sem sequer pensar em mais nada.

Dormira até a noite. Naquele dia perdera as aulas e o estágio que fazia; era uma renda pequena, mas, para ele, ainda jovem - ia completar seus vinte anos - e solteiro, só para os gastos, bem que dava. A faculdade era federal, não pagava nada; casa e comida os pais lhe davam; que mais queria?

Acordou tarde: a noite já caíra. Encontrou a família jantando, puxou uma cadeira e sentou-se no seu

tradicional lugar. A mãe comentou:

Não o chamamos, meu filho, porque você dormia um sono tão pesado que Ficamos com pena de despertá-lo.

- E Mag, mamãe, como vai?

| Está lá no quarto dela, descansando. Tomou uma sopi- nha que levei e continua naquele jeito, cheia de ardores. Coitada! Disse que o homem lá do Juizado de Menores ainda achou ruim com ela, culpando-a porque resistiu ao pivete. Veja em quantas andamos!!

| Quer dizer que esses vândalos podem fazer o que bem entendem?

Messias estava desolado. Acabara de comer e saíra para ver a tia da sua noiva; chegou na clínica encontrou a velha mais impertinente do que nunca, a reclamar de tudo e de todos, embora uma paciente enfermeira procurasse acalmá- la e atender-lhe ao pedido. Vendo-a, ponderou:

- Titia: a senhora está doente, fique calma!

- É porque não é você que está aqui, tendo que aturar essa gente.

A enfermeira aproveitou a respirada que a velha dera para perguntar ao sobrinho:

| Ela é surda?

| Ih! Nem fale. Principalmente quando é assunto que não lhe interessa.

- A gente tem que gritar para conversar com ela.

- Eu já estou acostumado. - Messias falara em tom estridente, como se conversasse com a tia da noiva, ao que a enfermeira ponderou:

- E. Mas eu não sou surda, não.

- Desculpe. E que o hábito faz o monge. Basta chegar perto dela (aponta a tia).

A enfermeira voltou a falar para a doente:

- Esta noite ela vai dormir aqui, amanhã se estiver bem, terá alta e irá para casa.

- O que foi que ela disse? - Falou a tia para Messias, pondo a mão em concha no ouvido.

Falando em tom mais alto, este lhe responde:

- Se a senhora não ficar boazinha, vai piorar e, tão cedo não vai poder sair daqui.

Por prudência, apesar do esgar, ela preferiu ficar quieta.

Messias saiu dali e foi direto para a casa da vidente. Queria encontrar-se com a Zezé, não só para lhe dar explicações como para vê-la e, quem sabe, recuperar o encontro perdido. Na passagem, a atendente da portaria

chamou-o e lhe entregou uma papeleta:

- O senhor, amanhã, vai ter que levar essa guia para esse endereço que está aqui.

Messias olhou para onde apontava a moça e viu que se tratava de ficha do plano de saúde; pegou aquilo, enfiou no bolso de fora do casaco, depois de dar duas dobradas e foi a seu destino.

Chegando à porta da “taba” ainda vacilou em tocar a campainha. Era tarde e ele não conhecia os costumes da casa. Ouviu movimento de passos e, presumindo que alguém estivesse andando por trás daquele paredão indevassável, preferiu bater com o nó do dedo médio na madeira da porta que lhe tolhia a entrada. A viseira se abriu. Do outro lado um par de olhos espreitava seus movimentos cá fora. A porta se abriu de chofre e Zezé apareceu de corpo inteiro no vão livre.

- Gostei do bolo, só que tinha muito fermento.

Messias ainda não estava devidamente tarimbado para enfrentar tais problemas de sorte que vacilou, tentando dar explicações:

- Eu fui parar num hospital...

Gaguejava mais do que se explicava, não conseguindo rebater o bombardeio que sofria da sua interlocutora que achava que ele estivesse inventando desculpas.

Depois de um longo diálogo de incertezas, ela replicou:

- “Tás” inventando uma desculpa esfarrapada. Prova.

Foi a sorte. Messias lembrou-se da guia que a atendente lhe dera, puxou-a, rápido, do bolso e mostrando-a triunfal, exclamou:

- Provo sim. Aqui a prova.

Ali no portão não havia claridade suficiente, de sorte que, meio incrédula, a atraente interlocutora tirou o corpo da frente, a fim de que a luz acesa da varanda pudesse clarear o papel; foi o tempo para que Messias se adentrasse pela casa, até a calçadinha de quarenta centímetros que antecedia à varanda. Não ousou ir além, aquilo já era uma temerária invasão. Preferiu respeitar os limites; a luz dava para ler o nome da internada e como fosse de mulher, a indagação foi óbvia:

- E quem é essa guria? Teu cacho ou tua noiva? Isso não é maternidade.

- Pelo amor de Deus! É uma velha; olha a idade dela aqui. - Enquanto mostrava os dados da paciente, explicava: - é uma parenta que teve um ataque cardíaco. Ela mora com a irmã e o cunhado, que viajaram para São

Paulo e a deixaram tomando conta do apartamento. Ela passou mal e a vizinha me chamou. Eu tive que ir.

Falava apressado, aproveitando o embalo enquanto sua parceira lia atentamente a papelada que tinha em mãos e que parecia conhecer tão bem. Ela própria tomou a iniciativa de empurrar a porta da rua que fazia vez de portão e se encaminhou para de baixo da varanda; timidamente, Messias acompanhou-a. Mostrando-lhe a assinatura, embaixo, comentou:

- Mas essa data é de hoje.

- É de hoje. Mas olha a data de internação: é de ontem, veio transportada do hospital municipal. E o pior é que, quando cheguei, hoje de manhã, em casa, depois de ter passado a noite com a velha, encontrei minha irmã toda cortada de gilete.

Ante o interesse da amiga, ele relatou, à sua maneira, todo aquele incidente de novo, sem omitir nada. E assim, ficaram conversando até que a recepção foi dada por finda com uma frase convincente:

- Está na hora de ir.

Não houve jeito de conseguir, senão, a promessa de que, se aparecesse em hora oportuna, poderiam conversar; ansioso como estava, o jovem insistiu:

- Quando?

Ela pensou, contou nos dedos e, depois, comentou:

- Hoje é quinta. Deixe-me ver: ...no sábado.

- A que horas?

- Digamos: ...depois das nove. O movimento, aqui, deve ir até tarde, mas creio que às nove da noite não vai ter mais nada.

Depois de uma longa pausa que fazia o coração do pretendente ao encontro bater mais forte, ela complementou:

- Não bata. Fique lá em frente, do outro lado da calçada. Pode ter gente até tarde e não é bom que o vejam esperando na entrada. Quando estiver tudo calmo, eu mesma surjo aqui na porta e lhe faço um sinal.

- Combinado.

O pior seria esperar até sábado. Dois longos dias.

Aquela noite custou a pegar no sono. Ficou pensando em mil e uma coisas e, no fim, não pensava em nada. Fazia planos mirabolantes, imaginava-se saindo com ela: iriam a um bar na beira da praia; não, lá perto da casa

da Augusta. Poderiam ir a uma praia fora da barra, mas só se ele tivesse carro. Podia pedir emprestado a um colega da faculdade. Será que emprestariam? Ele não tinha treino nenhum. Lembrara que um dia, bem mais moço, ainda meninote, fora a um sítio de um parente afastado e lá, na brincadeira com outros meninos, tinha pegado o carro e o jogado na valeta. Essa idéia não era boa.

- Bem! No sábado eu penso o que faça. Até lá tem muito pano para mangas.

Na sexta-feira, só foi à noite, à clínica, ver a enferma do coração; não encontrou ninguém nem sabiam informar. Depois de fazer a maior revirada do mundo, uma funcionária de gabinete foi folhear o livro de registros e confirmou que aquela paciente havia tido alta e fora levada por seus parentes.

Aflito, Messias correu para a casa da noiva. Por sorte, o primeiro a encontrar foi seu amigo porteiro que, na conversa, após os cumprimentos, comentou:

— Que trabalhão a velha lhe deu! A turma chegou aqui, hoje de manhã e só encontrou a empregada, uma tal Dores, que não sabia nada. Felizmente eu tinha apanhado, naquele dia, os papéis do plano de saúde e informei a eles que a tia havia sido levada para uma clínica deles.

Deu aquela respirada e, com um meneio de cabeça, indicando que havia entrado, concluiu:

— A surda já está aí. Veio cedo

Depois dessa, Messias resolveu dar meia volta e nem se lembrou de perguntar se a noiva havia chegado junto.

21 Eis o pai da criança

Carlota teve uma longa conversa com Anabela e, depois de muita lábia, conseguiu saber quem era o rapaz: de fato, era o tal colega de escola, filho de um Juiz, que costumava usar drogas. Essa foi a única das características omitidas pela gestante. Graças a essa informação, ela conseguira saber a melhor hora de pegar o rapaz saindo do colégio e para lá foi, com o irmão veterinário, a fim de falar seriamente com ele.

De véspera, procurou saber quem era, a fim de não errar o pulo e, no dia aprazado, lá estavam os dois irmãos à espera do fortuito pai. A abordagem não foi muito fácil, porque, não conhecendo os irmãos, o rapaz pensou que se tratasse de alguma coisa ligada com um pequeno delito que cometera, ao arrombar, com outros colegas, um automóvel, a fim de roubar o toca-fitas. Tentou se esquivar, mas Marcelo chamou-o ao canto:

- É bom que saia conosco: queremos conversar com você, por bem. Não seria oportuno criar um caso aqui na frente do seu colégio, porque daria expulsão.

Vendo que não havia maiores perigos, ele aquiesceu em acompanhá-los até um jardim público, perto da

escola, onde encontraram um banco para se sentar. Foi Carlota quem falou:

- Nós somos parentes da Anabela e ela está esperando um filho seu.

O rapaz se levantou de rompante e só não agrediu sua interlocutora porque foi agarrado fortemente pelo Marcelo que, nas horas vagas, fazia um discreto curso de judô; uma chave de braço fê-lo ficar mansinho e ouvir toda a lengalenga que os dois tinham para lhe dizer.

Aquela conversa não resultou em nada. Voltando até a escola, foram falar com a orientadora educacional, quando souberam que o menino já estava com uma carta de transferência pronta porque era *persona non grata* no corpo discente:

-Viciado em tóxico, a mãe não tem linha e desfila com o amante por onde anda; o pai ninguém sabe dele, senão que passou no concurso para o Ministério Público e foi nomeado Juiz de uma Comarca do interior. Vive por lá. O garoto não presta: seria preferível que se afastasse dele, seja qual for o motivo.

À vista daquelas informações, Carlota achou mais prudente calar, principalmente porque a amiga estudava na mesma escola e poderia ser malvista se soubessem que estava grávida.

Agradeceram a informação e saíram pensando em procurar o pai do garoto: afinal era togado e deveria ter responsabilidade. Da mãe, nada podiam esperar senão um comportamento leviano; talvez, até, aprovasse a atitude do filho.

Sabendo da comarca, não foi difícil localizar o Juiz, porém, na primeira viagem que fizeram para lá, não era dia de audiência, de modo que acabaram voltando frustrados com a falta de sorte.

Na semana seguinte, uma série de feriados e uma porção de bichos doentes não permitiram que tomassem nenhuma providência. O máximo que fizeram foi explicar à Ana o que, até ali, havia acontecido. Conversaram seriamente com ela, para saber que loucura fora aquela, a de se entregar justamente para um viciado que, além de toxicômano, já havia cometido uma série de delitos e que só não fora parar atrás das grades, primeiro, porque era menor, depois, porque tinha um pai Juiz e, neste país de desmandos, manda quem pode mais.

Ana quis ir junto e, na segunda tentativa que fizeram, viajaram os três na “fubica” do hospital veterinário, um “carro- te” que só tinha um banco na frente e uma carroceria fechada, atrás, onde eram transportados os animais. Lá se foram os três, meio espremidos no único assento do veículo.

Era dia de audiência, porém não havia mais vaga para inscrição.

o jeito foi esperar que o expediente do fórum terminasse para que pudessem abordar o dito Juiz, na saída. Ele,

a princípio, escusou-se e já ia se retirando quando Carlota teve um convincente argumento; apontando para o ventre da Anabela, foi incisiva:

- O senhor sabe que dentro dessa barriga há um neto seu?

O Meritíssimo estacou, replicando:

- O que disse?

- Que o senhor vai ser avô.

A vista disso, discretamente, o doutor da lei convidou os três para retornarem, e foram direto para seu gabinete de trabalho. Foi uma conversa longa ao fim do que, o Juiz pediu:

- Minha filha, volte aqui na semana que vem; não precisa trazer seus amigos. Mando meu carro buscá-la em sua cidade; mas me dê tempo para conversar com meu filho. Preciso falar com ele, mas prometo que darei toda atenção a seu caso.

Tudo resolvido, os três regressaram, certos de que, pelo menos agora, a Aninha poderia ficar mais sossegada, porque alguém velaria por ela.

Já de volta, Ana implorou:

- Pelo amor de Deus, não contem nada a ninguém lá de casa!

- Pode ficar descansada. Vamos aguardar para ver o que o seu sogro resolve.

Quem estava de plantão no hospital veterinário era Sula- mita: aparecera um cão pastor policial baleado e, como Marcelo se ausentara, seus pais lembraram de chamar a moça que, àquela altura, usando o instrumental da clínica, já extraíra a bala e fizera o curativo devido no animal.

Marcelo, com a notícia que o aguardava, entrou nervoso pela clínica, mas, vendo a futura colega, ficou mais tranqüilo. Tudo parecia calmo, pelo menos, não demonstrava nenhum alvoroço. Um cão estava na mesa cirúrgica e parecia sereno, pelo menos, dormia anestesiado, enquanto que a improvisada cirurgiã lavava, na pia, as peças que antes estavam no esterilizador. Ela foi lhe dizendo:

- Fique calmo, está tudo bem.

- O que houve com o animal?

Foi o próprio dono que, sentado na salinha de espera, veio ter até o doutor, para lhe explicar:

- Fomos assaltados, agora de tarde. O bandido aproveitou a hora em que nossa garota chegava em casa e colocou o revólver na cabeça dela, obrigando-a a abrir a porta. o cão vendo isso, avançou para o estranho, só que,

do lado de fora, *outro* bandido atirou no animal. O tiro chamou a atenção vizinhança e os *dois* bandidos acabaram fugindo.

- Já chamaram a polícia?

o'

- Até agora, ainda não apareceu.

22 A hierarquia no morro

Mestre Biba - e ele fazia questão daquele apêndice a seu nome de guerra - estava em reunião com outros elementos de fora. Conversavam seriamente a respeito de um plano que fora traçado por um estrategista que não conhecia. As explicações eram claras: deveriam assaltar um banco para o que não correriam nenhum risco porque estava tudo preparado.

Quem apareceu por lá, foi o Caramelo. Era um cão que já conhecia toda a redondeza. Vendo-o, um dos componentes conseguiu apanhá-lo e o colocou em cima da mesa, conclamando:

- Se tudo sair bem, você será nosso mascote, porque veio nos trazer a sorte.

Os demais olharam aquilo com desprezo: afinal, por que um cão iria influir no destino de tanta gente devidamente instruída? O expositor, um tal Jorjão, agora o maioral, falava para Biba:

- Aqueles cinco ali foram treinados em guerrilha: estão acostumados a portar esse material bélico que recebemos; são metralhadoras leves, de mão, ou melhor, fuzis portáteis de tambor com mais tiros do que o normal. Veio especialmente para nós e temos que pagá-los com o dinheiro desse assalto. Nada de perguntas.

Joça, que já havia crescido e começava a entender melhor as coisas, percebeu que o cão poderia correr sérios riscos se aquela investida fosse malograda. Ele estava ali como “olheiro” do morro e, já então, pessoa de destaque na retaguarda. Não participava dos atos criminosos, porém, coonestava- os dando-lhe a devida cobertura. No momento, fora até o local da reunião a fim de prestar ciência da situação e, como Caramelo o adotara para dono, onde ia, geralmente, também o acompanhava. Em compensação, Joça retribuía o carinho dando o trato mínimo indispensável à manutenção alimentar do bicho. As sobras de comida e tudo o que um canino pudesse devorar, se passasse pelas suas mãos, forçosamente, ia ter à boca do *poodle*, mais enfezado do que nunca.

Na hora em que ele entrou pela sala, Jorjão estava dando ao Biba a incumbência de providenciar as viaturas para o deslocamento:

- Tudo fácil, não precisa ser carro de luxo ou rentável para revenda; basta que esteja em condições de chegar no local e levar a minha turma. Pelo menos dois carros; se possível, três.

- Entendido. Vou destacar meus dois melhores arrastadores e levo Quinca que é ótimo piloto, para garantir a fuga do carro da frente. O terceiro nós vamos deixar no caminho, caso haja perseguição, para atrapalhar o tráfego. Geralmente a gente faz isso quando quer proteger o carro da encomenda.

A turma do Biba se especializara em roubar carros para atender a pedidos de atravessadores ou para satisfazer a necessidade de reposição de peças no *Zé-Desmancha*, uma oficina especializada em retirar peças de carros fora de linha para revender a seus clientes.

O plano estava acertado e o evento ocorreria dali a três dias, quando a polícia iria fazer uma ronda num local oposto e de difícil acesso ao banco visado.

Terminada a reunião, Zeca subiu até seu novo “palacete”; cabia a ele ficar esperando a turma. Diga-se de passagem: sua especialidade não era a tropa de frente, mas, rastreador e especialista em retiradas estratégicas, não havia melhor para isso.

Margarida havia saído, tinha descido o morro a fim de visitar Dores lá no tal apartamento perto do mar, de sorte que, chegando em casa, o irmão foi direto à geladeira buscar uma garrafa de cerveja, a fim de saboreá-la, enquanto esperava pela hora da refeição.

Joça pensava seriamente onde poderia enfurnar o Caramelo, antes do regresso da turma porque, se algo desse errado, o cão seria a grande vítima, na certa, alvo de uma descarga de tiros que, à essa altura, envolvera mais gente além do que houvera bolado a idéia do mascote. A sanha de vingança é contagiosa e todos os que têm seus sentimentos voltados para o crime sentem um prazer inusitado em descarregar seus dissabores sobre qualquer pobre vítima inocente, mesmo que seja um insignificante cão sem dono.

É escusado dizer que Margarida não encontrou o tal apartamento em que a irmã da Mariá trabalhava, por isso, resolveu ir até o barraco desta; já que saíra, o caso seria visitar alguém; não podia voltar sem ter realizado o “passeio”. Tino de favela Margarida tinha, assim, não lhe foi nada difícil passar por uma série de palafitas e encontrar um tosco alojamento feito de varas, provavelmente destinadas a levar barro para servir de parede, só que, ali, o que se encontrava no chão se resumia a lama putrefeita pelo material da própria restinga, reforçado com as imundícies que os moradores dejetavam e que, como tal, não carecia de esgotamento senão o natural, que era o mangue em si.

Marga chegou sob os mais efusivos abraços e carinho da amiga que foi logo lhe dizendo:

- Ah! Minha cara: aqui tem isso de bom; acabaram-se os problemas de desbarrancamento, de vala de esgoto,

daquela série de problemas que a gente tinha quando morava lá em cima. A casa ainda não está pronta, porque meu homem não tem jeito para serviço braçal: ele é bom no jogo. Conseguiu um ponto de *bicho* lá perto da estrada. Mas, aqui no barraco, não faz nada. É por isso que ainda não revestimos nossas paredes.

- Mas você podia botar umas folhas de papel. Quando venta, aqui dentro deve fazer um frio danado.
- A gente se acostuma. E lá em cima?
- Está mais calmo por um lado, mas, atualmente, tem mais movimento com a turma do Biba... Ah! Não te conto: ele agora é “Mestre” Biba; e se dá com as autoridades. É bem relacionado, de sorte que a Justa não aparece mais para as “incertas”.
- Isso não me abalava.
- Mas você sabe que o Zeca sempre viveu das falcatruas dele, daí que, cada vez que os meganhas apareciam, eu ficava de sobressalto, na expectativa de que fossem prendê-lo.

No meio da conversa um bruaá inesperado chamou-lhes a atenção; saíram apressadas para ver de que se tratava. Era certa mulher, com um ataque histérico, a berrar feito uma louca. Enquanto isso, lá na terra firme, carros de polícia faziam a parte da espera, enquanto alguns policiais fardados circulavam pelos passadiços de madeira da favela.

A mulher berrava porque um deles, obstruído por um garoto, justamente o filho dela, o havia jogado dentro da água lamacenta do manguezal. E a mãe gritava:

São uns miseráveis! Só sabem espancar menores!

Acontece que o garoto, por determinação de um adulto, havia propositadamente se colocado na passagem estreita do passadiço com a finalidade de permitir que o bandido procurado pudesse se evadir do local e, enquanto ele fugia, os soldados de choque se viam bloqueados pelo menor. o jeito foi agarrá-lo à força e tirá-lo do caminho. Em resumo, jogá-lo na água.

O menino não sabia nadar e, depois de sorver grandes goles daquela lama imunda, foi retirado de lá e trazido para fora da estacaria que sustinha a vila de barracos sobre o lodo.

Por acaso, não tinha nenhum jornalista para dar destaque ao fato e torná-lo sensacionalista, sob forma de notícia, com sugestivo título, algo como “*polícia afoga menor*”.

Mariá comentou:

- Agora, aqui, é assim: raro o dia em que esses cabras não aparecem à procura de alguém.

- Quem era o cara que eles estavam perseguindo?

- Não vi. E não adianta perguntar que ninguém vai dar no bico. Aqui, quem fala de menos já morre afogado.

Se falar de mais, então...

As duas ainda ficaram conversando durante longo tempo, trocando informações. Quando Marga voltou para o morro já estava escuro, de sorte que, não vendo um vigia, escapou de morrer de tiro e quase desencarna de susto.

Um dos homens do Jorjão estava de guarda. Não conhecendo a mulher que subia a ladeira, depois de “alto” sem a respectiva senha, deu um tiro para acertar entre os pés da mulher. Esta, espantada, só pode bradar:

- Homem, o que é isso?

o pistoleiro ainda se aproximou da visada com a arma na mão:

1 Quem é você?

- Eu é que pergunto quem é você, porque, quando meu primo Biba souber que você atirou em mim vai dar o troco.

Uma coisa era certa: ela conhecia o nome do principal elemento da quadrilha no local. - Seria, mesmo, prima dele? - Pensava o atirador. - Pelo menos, tinha a atenuante de que estava escuro e que a mulher não se identificara. Por via das dúvidas, resolveu engrossar, que seria a melhor defesa:

- Mina cara: quem manda aqui é o Jorjão. Conhece o Jorjão?

Ela já ouvira falar da peça. Tinha dúvidas quanto àquela informação, porque, até a hora em que saíra da favela, o chefe ainda era o Mestre Biba. Com aquela gente não convinha discutir; além disso, sabia que esse cara, de fato, tinha grande influência, porque representava o arsenal bélico mais bem aparelhado que a turma do morro já conhecera e que, na verdade, andava por lá distribuindo instruções.

A coisa ficou mais fácil quando alguém cumprimentou a moça, com um olá amigável.

Encompridar aquele entrevero poderia trazer más consequências, de sorte que o homem de guarda resolveu “maneirar” e ponderou conciliatoriamente:

— Mas a senhora tem que ter cuidado quando subir. Sabe como é: “tamos” cheios de gente de fora e temos que nos precaver.

— Tudo bem.

Chegando lá em cima, Zeca vendo-a sozinha, exclamou:

— Cadê Manuela?

! Sei lá.

- Disseram que ela havia saído junto com você.

- Descemos juntas; fui visitar Mariá, irmã da Dores; a Manuela foi transar com um cara.

Era justamente o que o Zeca jamais gostaria de ouvir. Ele andava arrastando asas para essa Manuela que se tomara amiga da irmã, mulher do tipo “vamp” que chamava a atenção pelas suas redondas carnes e bastos seios que, sem serem exagerados, tornavam-se vistosos com uma armação por baixo a realçá-los pelo decote.

Por conveniência, a tal aquiescia aos galanteios do Zeca, que vinham sempre acompanhados de bonificação, porém, na hora do “vamos dar” ela sempre arranjava uma esquiva irretorquível para sair da reta. Mesmo assim, com sua cegueira amorosa, ele via no fato uma falta de oportunidade para os encontros de cama, pois estava convicto de que ela lhe correspondia aos desejos.

Ante a resposta da irmã, sem querer, delatou-se:

- Pois essa traidora vai se ver comigo!

Margarida, que nunca parara para prestar atenção no irmão, não percebera que ele estava caído pela amiga, senão teria sido mais prudente e não diria um “impropério” daqueles.

Espantada, ainda ponderou:

- Homem, que é isso? Vai me dizer que se enrabichou pela Manu!?

- Quem, eu?

- Então, porque essa zanga toda?

Caindo em si e vendo que houvera se traído, tentou sair pelas evasivas, contudo, quanto mais explicações criava, mais se enredava na própria teia. Por final, acabou tentando mudar de conversa, saindo-se com a infeliz tirada:

- Sabe o que é? Eu estou com uma importante incumbência para o assalto dessa semana, no banco...

* - Vocês vão assaltar banco?

Estava falando de mais. Apavorado, fazendo gestos de caluda à irmã, confessou:

! Psssiuü! Não pode falar. A turma do Jorjão é que está preparando o bote, a fim de pagar as armas novas que vai ceder para a gente.

- Ah! Então é por isso que os seguranças desse cara estão fazendo sentinela na subida!

23 'Enfim, o encontro fatal

Havia passado muito tempo, mas Messias lembrava-se nitidamente do seu primeiro encontro com Maria José, a servidora, assistente, auxiliar ou seja o que fosse, da *médium espírita* “Vovó” Florinda que ele insistia em trocar o nome.

O novo encontro só se realizaria por volta das nove horas da noite; à tarde, voltando das aulas, resolvera dar um pulo na casa da noiva; mais de duas semanas e não se viam nem trocavam palavra por telefone, de sorte que nem sabia a quantas andava aquele compromisso.

Na portaria, seu amigo, responsável pela mesma, foi logo anunciando:

- Hoje ela está aí. Saiu de manhã e já perguntou se o senhor havia aparecido.
- E o que foi que você lhe disse?
- Ora!!! Que o senhor não sai daqui, à procura dela. - Lembrando-se: - Ah! Conte aquele babado todo da velha surda e o trabalhão que o senhor teve. Ainda disse que era por causa dela...
- Por causa dela, o quê?
- Aturar aquela velha ranzinza que a gente fala e ela finge que não ouve, não é sopa! Mas vai, que ela está lá em cima, agora... - pondo malícia na informação: - e sozinha com a empregada.

Messias subiu. O elevador foi parando em todos os andares; algum engraçadinho havia feito aquela pândega. Enfim, chegou lá em cima; não sabia se tinha vontade de ir ver a Augusta ou se só estava ali por um dever de ofício. Quem atendeu a porta foi Dores, que não conhecia o ilustre varão, de sorte que, depois de espiar pelo olho mágico, teve o cuidado de passar a corrente de segurança antes de entreabrir a porta a fim de dialogar com a visita:

- O que o senhor deseja?

Messias, que estava doido para se livrar daquele encontro e correr para o lado da Zezé, esteve em vias de desistir de tudo, virar as costas e ir-se, mas, enfim, instintivamente, murmurou:

- Eu sou o noivo da Augusta.

Por via das dúvidas, Dores apelou para o mais lógico e gritou para dentro:

- Dona Augusta! Seu noivo está aqui.

Demorou pouco, mas aquele tempo parecia a própria eternidade, principalmente porque, na ânsia de não se atrasar pará a noite, cada minuto que transcorria, dava idéia de que acabaria perdendo a hora; assim mesmo,

esperou.

A moça vinha, ainda, acabando de se arrumar; amarrava um laço às costas quando divisou o rapaz pela fresta entreaberta e pediu:

! Abra aí, Dores.

Escancarando a porta, a empregada foi se desculpando:

- Sabe como é: os assaltos, agora, viraram moda; até banco já estão assaltando.

- Augusta, muito admirada, indagou:

- Quem lhe disse isso?

Foi aí que ela viu que se antecipara aos fatos: estivera, na noite anterior, visitando a sua turma do morro e Joça havia lhe confidenciado que a turma nova pretendia assaltar bancos, porque dava dinheiro líquido, enquanto os assaltos a residências implicavam sempre em ter que vender objetos a atravessadores ou interceptadores que nunca pagavam o valor real da mercadoria. O jeito foi sair pela tangente, exclamando admirada:

- Ué! Me disseram que já assaltaram um banco.

Ingenuamente, Augusta ainda comentou:

- Mas isso já faz muito tempo.

Messias interrompeu o diálogo:

- Boa noite, ao menos, Augusta. Há muito tempo que não nos vemos.

A moça, muito sem jeito, aproximou-se do rapaz, deu-lhe um beijo nos lábios, desse que não comprometem nem tem estilo sensualista, segurou-lhe uma das mãos e comentou:

- Você sumiu.

Lembrando-se do que o porteiro lhe falara, ousou sacar:

- Ah! Eu? O porteiro, lá em baixo, não tem lhe dito que a procuro em vão?

Augusta, muito sem jeito, não soube o que dizer, por isso resolveu sair pela forma que encontrou, tentando apresentar a nova empregada:

- Dores: esse aqui é meu noivo. Sempre que vier, você pode abrir a porta para ele. - À parte, comentando com o recém-chegado, complementou: - Dores é nossa nova auxiliar. Entrou há pouco e mora conosco.

Pegou a mão do noivo e o levou até a sacada da sala que dava para os fundos do edifício, mas por falta de

vizinhança à altura, delineava um panorama de parte do bairro, naquela direção; saíram para uma varandinha e se sentaram em uma cadeira de ferro, desse tipo que se dependura em dois amparos e permite que o par sentado nela se embalance.

Ficaram ali por algum tempo, conversando amenidades, por falta de assunto que interessasse; ele contou todo o caso relativo à internação da parente e ela comentou sua estada em São Paulo, com os pais, até que Messias deu conta de que tinha um encontro marcado. Como não conviesse revelar a verdade, levantou-se de súbito, falando nervosamente eufórico:

- Nossa! Tenho que ir procurar um colega para apanhar com ele um material. Sabe... com essa doença da sua tia, perdi umas aulas que preciso recuperar.

A noiva concordou plenamente com isso e parecia, mesmo, que estava aliviada pelo desfecho; despediram-se, ela o levou até a porta, deu-lhe o tradicional beijinho, mais para amistoso do que para romântico e nem esperou que ele entrasse no elevador, para fechar a porta do apartamento.

Ainda restava algum tempo para a hora marcada. Ficou na dúvida se deveria passar pela praia, a fim de fazer hora ou seria melhor ir direto e esperar, lá pela redondeza, para garantir que não se atrasaria. Vacilava, lembrando-se da última vez que pisara na areia e enchera os sapatos de água do mar, por causa de uma onda repentina: encontrara duas curiosas garotas. Quem seriam? Sumiram da mesma forma pela qual haviam aparecido.

Por acaso, na esquina, a espera do sinal, com a porta de embarque aberta, estava o ônibus que lhe servia; acabou entrando nele, quase como autômato, no momento em que o veículo já começara a arrancar a partida. Deu de ombros no ferro vertical que segura o corrimão de entrada, sentiu a pancada, esfregou o lugar e não deu maior importância. Pagou e foi se sentar num dos muitos lugares vazios; àquela hora, a volta para o centro não era tumultuada; o veículo só começaria a lotar depois que cruzasse o centro da cidade e tomasse rumo do bairro em que morava.

Ainda faltava meia hora quando desembarcou, nervoso, no ponto mais próximo da “taba” ou casa da taba onde ficava a tão sonhada mulher com quem pretendia se encontrar; deu uma volta pela praça, uma pequena área arborizada, com bancos, e, de longe, vendo movimento na porta de onde sairia sua musa, encaminhou-se para lá, tomando a precaução de ir pela calçada oposta.

Saíra um casal que tomara seu rumo. Continuando a caminhar, viu que havia luzes acesas, pelas frestas sob a

porta maciça de madeira que fazia as vezes do portão; foi até a esquina e voltou; repetiu a caminhada por várias outras vezes, deu volta ao quarteirão até que, vendo que passava da hora marcada, resolveu se fixar em frente da casa, guardando sempre a calçada do outro lado da rua, como lhe havia recomendado a moça. Ouviu movimento por trás da porta; resolveu caminhar lentamente, como se estivesse se afastando, porém, sem perder de vista o local, por isso, notou que saíam duas moças, muito bem vestidas, uma baixota de salto altíssimo e outra um verdadeiro espigão de magreza e estatura. A porta permaneceu ligeiramente aberta; foi o suficiente para que Messias fizesse meia volta na caminhada e retornasse célere para diante dela. As moças caminharam até um automóvel parado mais adiante, onde uma delas entrou para o banco do motorista.

Nesse momento, sua atenção se voltou para a imagem da Zezé, semi-projetada para fora, como se estivesse observando as duas visitas que lhe davam adeus. Diminuiu o ritmo dos seus passos e percebeu que estava sendo notado. O motor do carro soou, denotando que havia sido ligado; a sua idolatrada colocou-se um pouco para dentro de casa e, numa posição em que não pudesse ser vista pelas duas que se aboletavam no carro, espalmou a mão direita com gesto de quem suplica “espera”, sacudiu a mão por diversas vezes, até se certificar que o rapaz havia entendido.

Messias nem viu o carro manobrar e voltar rua acima. A porta do “paraíso” estava fechada, não por muito tempo, expectava ele. Encostou-se num paredão de edifício que se situava em frente e ficou ali “fumando” um toco de lápis que encontrara no bolso de cima do casaco. A espera foi longa, não só porque, de fato, a moça demorara a se aviar, como porque a expectativa fazia parecer mais demorada. Não aguentava mais a angústia da espera quando novamente a porta se abriu, só que não apareceu ninguém; a custo percebeu que, no escuro do seu interior, alguém lhe acenava para se aproximar.

Zezé havia tirado seu tradicional uniforme azul mesclado com avental branco e se vestira com uma leve roupa avermelhada, de lese suave com saia rodada.

Vindo timidamente, Messias atravessou a rua, esperando que ela surgisse na calçada para saírem juntos; tal, porém, não aconteceu. Só quando se postou bem em frente da porta é que percebeu que ela lhe fazia sinais apressados para entrar, como se quisesse evitar que alguém os visse juntos.

O seu coração batia violentamente, que chegava a doer dentro do peito; a moça segurou-o suavemente, mas, em vez de conduzi-lo pela tradicional varandinha já sua conhecida, contornou a casa, seguindo inicialmente pela calçada estreita da frente, entrando, depois, numa larga passagem que daria, até, para um automóvel ficar;

continuaram andando por uma calçada tão estreita como a da frente, colada às paredes laterais da casa e entraram por uma porta que dava acesso a uma copa, tendo à esquerda a cozinha, separada por um largo vão aberto, em arco.

Entraram direto noutra porta em frente; era um quarto feminino, muito bem arrumado, com uma cama coberta com uma linda colcha colorida; Messias não estava entendendo nada, contudo, como homem, não resistiu à tentação de abraçar aquela surpreendente e ferosa mulher. Não sentiu nenhuma resistência e só percebeu o que estava acontecendo quando um par de lábios carnudos, quentes e sensuais colaram-se aos seus. Sentiu a língua da mulher entrando pela sua boca indefesa àquela invasão deliciosa. Nunca beijara ninguém daquele jeito; ou melhor, jamais fora beijado assim.

Palavras! Para que dizê-las? Já ia alta a madrugada, quando sua companheira, temamente, deu um jeito para puxar a colcha colorida agora amassada sob seus corpos nus; veio conjugada a um lençol branco, cheirando a limpeza; ambos enfiaram-se por debaixo do conjunto e repousaram tranqüilamente até o dia clarear.

Foi Zezé que acordou precipitada, fazendo-o despertar aos solavancos, meio assustada:

- Anda. Levanta!

Messias acordou a duras penas, sem entender o que houvera acontecido; estava leve e ainda volitava pela imensidão dos sonhos; custou a despertar, mas instigado pela parceira, vestiu-se precipitado e tratou de sair dali, como se houvesse cometido um adultério.

Ainda estava se ajeitando, quando se deu à calçada da rua. Amanhecia; as primeiras pessoas em busca do trabalho começavam a caminhar para seus destinos. Alguns entregadores cruzavam as ruas. Quase foi atropelado por um triciclo com mercadorias: não fosse uma freada brusca do seu piloto e, na certa, teria recebido o pequeno veículo de topo. Nem ele nem o operador do dito cujo falaram nada. Caminhou até sua casa, a pé, pelo caminho que já percorrera anteriormente, quando veio procurar a vidente. Custou a achar as chaves do portão; chegou a pensar que as houvera deixado cair no quarto da encantadora companheira, quando tirara as roupas; por fim, achou-as num dos bolsos internos do casaco.

Quando abriu a porta do edifício, encontrou o porteiro dormindo sobre os braços, sentado na sua cadeira; entrou de mansinho e subiu as escadas até sua morada. Com o barulho na porta, seus pais se levantaram e vieram, aflitos, vê-lo. Estavam assustados:

- Meu filho! Que houve, para só aparecer a essa hora? @1 Nada, mamãe: Ficou tarde, eu estava estudando

na casa

de um colega e eles acharam que era melhor eu passar a noite lá.

- Deu-nos um susto enorme; porque não ligou o telefone?
- Não tinha.

a Podia ir até um telefone público.

- Ora: se eu sáísse para ir até um telefone, vinha para casa. Mas por que esse susto?

! Você não está vendo que anda uma onda de assaltos por aí? Gente que não hesita em matar por qualquer motivo... Ficamos assustados, quando você não apareceu: seu pai já desceu um sem número de vezes as escadas, para ver se você vinha. O porteiro não lhe falou?

— Ele estava dormindo.

O diálogo ainda permaneceu naquele mesmo diapásão, com recriminações paternas carinhosas e pedidos de que, quando fosse demorar, avisasse, a fim de que soubessem e não se assustassem.

Messias não teve tempo de dormir: tinha aula cedo e depois iria para o estágio. Tomou seu banho, trocou de roupas e saiu apressado, levando um caderno de aula. Não conseguiu prestar atenção a nada que o professor dizia, nem conseguia raciocinar direito; só tinha imaginação para reviver os momentos de prazer que sua parceira lhe proporcionara. De tudo, uma pergunta embaralhava suas idéias:

— E a “Vovó” Florência? Florência ou Florinda? Esquecera de perguntar por ela. E lá tivera cabeça para isso!

24 A entrevista com o sogro

Por medida de precaução, a própria Carlota achara melhor que o carro do Juiz apanhasse sua futura cunhada Ana-bela lá na clínica, a fim de não levantar suspeitas; e foi o que aconteceu. Já no embarque ainda insistia:

| Não quer que eu vá com você?

- Pode deixar que eu me arrango bem. É melhor eu conversar com o pai.

- Pai, não: avô.

Anabela ainda teve humor para responder:

- Pai do pai.

Era uma limousine negra com chapa oficial; o motorista vestia calça e casaco azul marinho, camisa branca e gravata escura, comprida. Não conversaram durante a viagem; ela ia no banco de trás pensando em múltiplas coisas a falar. Sozinha, poderia conversar mais a vontade com o pai do rapaz que lhe engravidara e expor a ele, com toda sinceridade, sua situação. A presença da Carlota poderia atrapalhar o seu plano.

o Juiz estava em audiência, de sorte que teve que esperar por longo tempo. Nem sabia se houvera sido anunciada. Não tendo mais ninguém para ser atendido, ela foi introduzida até o gabinete do magistrado que a recebeu protocolarmente:

- Estive conversando com meu filho. Ele é um irresponsável, você sabe disso...

Não era bem isso o que ela queria falar; quando teve oportunidade, explicou:

- Meus pais não podem saber que estou neste estado.

- Pensei que você estivesse pretendendo exigir casamento; ambos são menores e eu, como Juiz, teria que encaminhar o caso ao colega.

O diálogo foi bem mais demorado do que podia se esperar, mas parecia que, ao fim, ambos haviam se entendido. Ele olhava para aquela doce criatura e não conseguia imaginar que levava um seu neto. A menina era cativante: dava até razão ao filho pela proeza cometida.

Após aquele longo diálogo, ele já lhe acariciava os cabelos com ternura. Levou-a para o restaurante costumeiro e jantaram tranquilos. Serviram vinho. Um copo bastou para deixá-la fora do sério; depois do segundo, já tocava naquele que deveria ser sogro com a maior intimidade, como se fossem velhos conhecidos; ria muito, por isso, após o jantar, o Juiz achou mais prudente despachá-la para casa, de volta, enchendo o motorista de recomendações. Ele teria que demorar por mais um dia na Comarca. Marcaram novo encontro na semana se-

guinte.

Enquanto isso, Marcelo, aflito, não cansava de indagar à irmã se já tivera tido notícias da Ana:

- Estão demorando. Será que voltou direto para a casa dela?
- Fique calmo, Marcelo: ela combinou de retornar para aqui; afinal, foi daqui que saiu. Deve estar tudo bem.

Eu me assustaria mais se ela tivesse voltado logo.

Sulamita veio à procura da irmã; ao encontrar Carlota na clínica, espantou-se:

- Você não ia sair com a Ana?
- Ia.

Não tinha muita coisa que falar nem inventar; não conhecia os costumes da moça para inventar uma desculpa que acobertasse sua ida a um lugar tão longe, principalmente por causa do motivo. Por sinal, haveria um momento em que a família teria que saber a verdade.

O melhor, naquele momento, era afastar a irmã dali, para evitar que visse Ana chegar de automóvel. Olhou significativamente para Marcelo que disfarçou e veio ter até ela.

Cochichou-lhe:

- Leva tua colega daqui, para que não veja o carro chegar.

E complementou para Sula:

- Ana Ficou de sair comigo, passou por aqui, foi até a casa de uma colega e até agora ainda não voltou. - Piscou significativamente para Marcelo. - Não demora.

- Aquela menina é assim mesmo: ela ainda vai dar problemas para mamãe.

Aproveitando a deixa, Marcelo pegou seu estojo veterinário de primeiros socorros e convidou a colega:

- Não gostaria de ir comigo, ver uns animais!?

Sula aquiesceu de pronto, esquecendo-se da irmã. Depois de um “então vamos” os dois saíram enquanto Carlota “rezava” para que Anabela chegasse antes de voltarem.

Enquanto isso, de fato, o veterinário visitava seus doentes: o primeiro deles era um passarinho avinhado, numa gaiola; um gato que ninguém sabia de onde aparecera, pulou sobre a prisão, derrubando-a e só não fizera maiores estragos porque viram a tempo de acudir. A pequena ave quase morreu de susto, mais do que do tombo da gaiola; seu dono estava desesperado, porque, segundo ele, ganhara de um grande amigo; era um passarinho cantador, de muitos prêmios e não podia permitir que tivesse *um fim tão trágico*. Sula comentou:

- Mais trágico do que estar engaiolado?

Pensando que ela já fosse formada, afinal, havia sido apresentada como colega do veterinário, o dono do cantador comentou:

- Ah! Não é assim não: esses passarinhos criados desde que nascem, em gaiolas, se soltos, não sabem voar direito.

O bichinho estava bastante machucado, mesmo assim, ainda relutou para se deixar pegar. Marcelo segurava-lhe cuidadosamente as asas enquanto Sula lhe passava um algodão, limpando os ferimentos. Os dois sabiam, de fato, trabalhar juntos.

A segunda visita era a um cão de pequeno porte que, segundo seu dono, representava o mais “puro sangue” vira-latas que conhecera. Havia comido algo pela rua, e já estava vomitando desde a véspera. Depois foi a vez de um miquinho, solto. Um moleque atirara-lhe uma pedrada de estilingue, furando-lhe a barriga. Outro cão. E lá foram atendendo aos chamados. Marcelo, talvez por ter a clínica única do bairro, era procurado para todos os casos de quem quisesse pagar para ver seus animais tratados.

Quando voltaram, Anabela já havia chegado e conversa]va fagueira com a amiga e quase cunhada. Estava feliz. Por causa disso, não houve maiores embaraços. As duas irmãs retornaram juntas para casa, onde o clima estava por demais tenso: Neném tinha aprontado mais uma das suas. Metera-se com um distribuidor de mercadorias para vendedores ambulantes, desses que ficam nos sinais, à espera de que eles se fechem e que os motoristas comprem suas vendas.

Pela manhã, Neném havia pegado uma caixa de frutas-de-conde - já vendera outra - e, em vez de sair à procura de comprador, vendo tão belas frutas, resolveu, ele mesmo, comê-las e, depois, não teve como justificar o desaparecimento da mercancia. Como não tinha com que pagar, o jeito foi voltar para casa acompanhado do distribuidor das frutas a fim de que alguém as pagasse para ele. Nem o lucro da que vendera viu a cor.

Por azar dele, Augusto César é quem estava em casa; depois de indenizar o reclamante, pegou Neném e deu-lhe um par de correadas para valer. Este era meio franzino, por causa da sua fase de bebê raquítico e maltratado, de sorte que, apesar de ser quase da mesma idade do outro, não tinha condição de enfrentá-lo. Quando Ethel, voltou para casa, com um carrinho de compras de feira, já encontrou o fuzuê formado e não teve como solucionar.

O filho de criação acusava o irmão mais velho de uma série de inverdades que os demais negavam; dizia-se

vítima de espancamento e tudo mais e que ia dar queixa à Polícia, coisa que jamais faria, em verdade, mas, se tivesse raciocínio, poderia procurar o Juizado de Menores da região, todo voltado para a proteção de meninos delinqüentes, em nome dos direitos humanos.

Augusto César fora trabalhar e dona Ethelvina é que ficou com o problema, sem ter como resolvê-lo; quem visse de fora e não conhecesse a peça, teria certeza de que era mais uma vítima da exploração familiar de crianças adotadas.

Sula e Anabela chegaram pela noite, pouco antes do pai voltar do trabalho, de sorte que só tomaram conhecimento de **que** o irmão de criação saíra para dar parte à Polícia. Mariana viera a seguir e tinha novidades: conhecera um trintenário chamado Messias, que era fiscal de consumo e que havia ido até a loja do pai de uma sua amiga, para ver os livros de contabilidade. Estava encantada com ele. Comentou com as irmãs. Sula, indignada, indagou:

- E seu noivo, onde fica?

- Não confunda alhos com bugalhos; esse Messias é um senhor muito simpático; a minha colega foi quem o atendeu e, como estávamos juntas, eu apenas conversei com ele e me interessei porque tem umas idéias acerca da sobrevivência da alma que opto como curiosas. E depois, você não tem motivos para tomar as dores do Marcelo, só porque são colegas de profissão.

De permeio, Ana acrescentou:

- Hoje saíram juntos para atender a “clientes”.

Mariana despejou um olhar de recriinação sobre a irmã, que, para se justificar, explicou:

- E que tinha muitos bichos para ver; imagine: até um filhote de avestruz!

- Mas tem isso, aqui, na cidade?

Com um muxoxo característico, Sula esclareceu:

- Um *gay*, desses bem alegres e empenados, trouxe do pantanal, o filhote e colocou lá no quintal dele, para criar. Amanheceu todo cheio de mordidas ou chupadas.

Sem perder o hábito de literata, Mariana comentou:

1 É uma reiforme. E o que tinha ela?

Tudo indica que foi algum morcego vampiro; só que não há notícia da existência deles por estas bandas.

Enquanto isso, Marcelo procurava saber com a irmã o que Ana contara do encontro com o “sogro”. A moça

lhe dizia:

1 Pelo que tudo indica, parece que o encontro deu algum resultado. Ela deverá voltar lá na próxima semana; o Juiz vai tornar a buscá-la; deverá ter conversado com o filho, um tal de Télió...

10 nome do rapaz eu sei: aquela professora lá da escola nos disse. Eu quero saber o que foi que resolveram.

- Por enquanto, o pai do rapaz ficou de ter outra entrevista, a fim de resolver o que vão fazer. Primeiro ele quer falar com o filho. Acho que ele não acreditou muito na história do neto, mesmo vendo o exame de laboratório e nos propondo se faça o teste do ADN.

- Até aí eu dou razão a ele: há tanta picaretagem!

- Mas parece que o filho confirmou que andou transando com Anabela; só não sei se pretende assumir a criança. Isso é que ainda não ficou bem claro, e parece que essa nova viagem foi marcada para que se esclareçam as dúvidas e aparem as arestas.

- Bem! Pelo menos isso.

- Parece que o Juiz gostou da provável nora. Ainda convidou-a para jantarem. Ela acha que foi meio inconveniente, porque ficou tonta com o vinho que bebeu. No final, pelo que disse, ficou tudo bem. Ao menos, está muito contente com a recepção que o sogro lhe deu. Na semana que vem é que a gente vai saber no que dará tudo isso.

- O jeito é esperar.

- Vocês demoraram...

- De fato: além de ter uma porção de bichos para ver, fui procrastinando no tempo a fim de dar azo a que Ana chegasse; não seria agradável ter que abrir o jogo para Sulamita antes de resolver o caso. Você sabe que até um filhote de nandu de uma *bicha* pintou na área?

- Que diabo de bicho é esse? É aquele do provérbio?

- Que provérbio?

- Em festa de nambu jacu não entra.

- Sei lá disso! Nandu é um tipo de ema do pantanal. Parece que lá eles chamam de nhandu.

- E o que tinha esse bicho?

- Os morcegos andaram chupando ele.

- Ao que eu saiba, os únicos morcegos que andam por estas bandas são os nossos deputados, a chupar o

sangue do povo.

25 O cão mascote

O assalto havia sido um sucesso. Entraram de supetão, no banco, atirando para cima, alguns com tiro de festim, outros com bala de verdade, o que fez com que todos temessem e daí, para trancar os funcionários no banheiro, foi simples; os poucos clientes, apavorados, deitavam-se no chão e cumpriam qualquer ordem que os bandidos dessem, por absurda que fosse. O gerente, para evitar maiores problemas, abriu o cofre com todo o dinheiro que o carro-forte trouxera de véspera para pagamento do pessoal de uma firma empreiteira.

A dinheirama era farta.

Como haviam combinado, a quadrilha do Biba levara três carros roubados momentos antes, só que, o que ficou no meio do caminho, por falta de combustível, foi o segundo deles, obrigando os bandidos a baldear para o terceiro, que serviria de muralha, em caso de perseguição, que não houve.

Jorjão ficara com os malotes do dinheiro roubado e a turma do Biba com os dois carros para desmanche e mais o armamento do assalto, que fora deixado nos veículos.

Biba estava feliz, pelo êxito e pelas armas novas que seu bando, agora, mais bem estruturado e orientado por quem conhecia o mister, havia conseguido. A parte do leão ficara com o próprio e as hienas se fartavam com os sobejos. Ele ficara ao lado de um dos homens do Jorjão, de queixo pruni-forme, uma verdadeira ameixa, com o furinho e o cabo, representado por fio de barba grosso.

Esse cara distribuía tiros para todos os lados e depois lhe explicara que era para “efeito psicológico”; aquela munição, festim, só espipocava e o barulho assustava a turma que, de pavor, se não sujasse as calças no ato, é porque já fora na privada antes.

Margarida estava muito preocupada porque seu irmão Zeca estava junto com o bando da retaguarda, aquele que evacuava os assaltantes, depois da manobra; quando soube que Mestre Biba já estava de volta, ficou mais calma e muito mais quando lhe informaram que tudo tinha sido um sucesso, dentro do planejado: ninguém ferido.

Quem apareceu, logo em seguida, foi Dorcas. Tinha tido notícias de que o Jucá Mente, que, nos bons tempos, vivera com Margarida, havia sido baleado; queria saber se ele participara do assalto. Foi entrando pela nova casa da amiga e logo indagando sobre isso.

Depois dos entendimentos, pusera-se em conversa com a amiga, tinha boas para contar. Ficava sabendo que o

Jucá não aparecia mais por ali; tinha se bandeado para o grupo de um tal Marcolino, o Marcão, do morro da Cegonha e não se dera pelas redondezas. Depois dessas explicações, curiosa, Margarida indaga:

- Agora conta você; quais são as novidades?
- Mas nem te conto!
- Você não veio pra me contar?
- Não. É modo de dizer.
- Então conta.

Dores tomou fôlego, respirou fundo, e começou sua narrativa sob os olhares curiosos da amiga, que a ouvia com muita atenção. Depois daqueles momentos angustiosos, com seu irmão se arriscando, um bom papo faria bem.

- Imagine você que meus patrões viajaram de novo para São Paulo. Não sei o que é que eles tanto fazem por lá. Vão sem dizer nada. Aquela velha surda de que eu lhe falei, voltou para a clínica porque não estava bem. Ficamos eu e a patroinha em casa. Aí, apareceu o noivo dela. Coitado! Um panaca. Bonitão. Dá até gosto estar com ele, mas...

- Foi quando, isso?
- Ontem à noite, não tô te dizendo!?
- Continua.
- Pois é. O cara apareceu por lá e ficou um tempão conversando; dona Augusta já estava indócil.
- Quem é dona Augusta?
- A filha da patroa, sô! Eu não disse que todo mundo tinha saído e que só ela estava em casa? Ela já havia me falado que era artista de um “chou” desses e que iria me levar para ser sua camareira. Topei logo.
- Sem pagar nada?
- Ô, mulher! Eu não sou empregada deles?
- Mas esse negócio de ser isso aí, é outra história.
- Que nada, sô! A mulher foi me levar para ver o “chou” dela e você ainda queria que ela me pagasse?
- Mas você não foi trabalhar?
- Nãaaa! Fui lá com ela pra ser companhia. Só isso. Fiquei no quarto dela, um tal de camarão, camarim... sei lá! Só ajudei a se vestir.

- E o “chou” era bom?
- Pois é. Nem te conto, isto é, vou te contar. Era um tal *de estriputeuse*.
- O que é isso?
- Deix’eu falar.

Tomou mais fôlego, porque era preciso, e reencetou a conversa:

-A mulher se vestiu toda com umas roupas que não têm botão; é só encaixada, não sei como. Ela puxa uma banda e a peça se despreza. Ficou toda vestida. Na hora dela, foi para um tablado, assim, redondo (fazendo gestos largos para exemplificar o que falava), que avançava pelo meio da curriola. Lá é tudo diferente: não tem palco e o pessoal se senta numas mesas. Do lado, um crioulo tocava um piano gostoso; em vez de gravata, o sujeito usava um lenço amarrado nos *grugumi-lhos* e parece que era meio zarolho. Se não fosse isso, até que eu encarava.

- Sei. Mas o que é que ela representou?

1 Nada. Chegou lá, foi tirando, uma a uma, as roupas até ficar nuinha em pêlo, só com as meias compridas que vinham até as virilhas.

- Nua?

-É. Eu até fiquei olhando: depois que arrancou o corpete e mostrou as muxibinhas dela, no lugar dos peitos, começou a tirar as calcinhas que, de tão pequenininha, só tapavam o “ora veja”. Pois não é que ela arrancou tudo!!

- Ficou de xota à mostra?
- Com cabelo e tudo. Aliás, todo podado. Bem que eu vi:

24 CARLOS DE BRITO IMBASSAHY

tinha que estar cortado, porque, senão, a calcinha deixava de fora.

- Mas ficou nua, mesmo?
- Tô te dizendo. Se não fossem as meias e o sapato, não ficava vestindo nada. N-a-d-a, entendeu?
- Mas que sem-vergonha!
- Não foi ela só, não. Teve uma que já entrou nua, de bunda pra turma, rebolando que nem travesti. Aquela bundi-nha lisa, branqueia, feia que o demo! Lá foi ela até o meio do negócio, onde tinham botado sua roupa. Aí, toca a se vestir, na frente daquela gente toda. Elas não têm peito como a gente, não. E tudo muxiba da boa. Você

precisa ver o biqui- nho delas. Duvido que aquilo amamente.

- E ninguém disse nada?
- Dizer o quê? Eles foram lá pra ver.
- Só tinha homem!?
- Quem te disse? Hum! Cada homem tinha sua mulher do lado.
- Mas que descaradas! Não tô dizendo a você que esses caras da *soçaiete* não prestam?
- Só fiquei com pena do noivo dela. Coitado: não sabe de nada. Foi lá, visitar: ela estava doida que ele fosse embora, pra poder sair, e o infeliz nem percebeu. Eu, ...que, percebendo a coisa, peguei uma vassoura e coloquei atrás da porta, com a piaçava virada pra cima. Bateu e valeu: o cara ficou indócil e tratou de sair. A vassoura funciona.

- Puxa vida! Quem diria! E teve mais?
- Depois, teve lá três delas que foram dançar; só vendo: quase nuas. Dobravam os joelhos, mostravam a cabeluda para a turma, só que, com aquelas calcinhas que não tapam nada, e esfregavam a mão na própria. A turma delirava. As três faziam igualzinho. O que uma fazia, a outra imitava junto. Já imaginou? Não sei como é que pode: parece que adivinham o que a outra vai fazer.

- Isso é uma putisgrilagem danada! E com o noivo, não fez nada?
- O que é que você queria que ela fizesse?
- Ué! Mandar brasa.
- Essa gente presta pra isso? Com elas é só pouca vergonha. Homem, que é bom, elas não usam. Acho que têm medo de ficar com barriga.

Foi o momento do Zeca entrar, dar um “oi” para as duas, ir até a geladeira, apanhar uma garrafa de cerveja e abrir. Vendo a bebida, Margarida providenciou os copos e foi se desculpando com a amiga:

- Nem ofereci a você uma cerveja.

Enquanto empunhava um copo que o Zeca enchia da bebida, comentou, em resposta:

- Sabe que lá nesse “apê” onde trabalho eles não bebem cerveja? E só uísque e outras coisas mais desse tipo. Cada bebida esquisita!

Zeca, enchendo os três copos, brindou:

- À visita da amiga.

- E mesmo, Zeca: você tem notícia do Jucá Mente? Soube que ele foi baleado.
- Azar o dele: trocou de bando.
- Mas você soube de alguma coisa?
- Eu não: ele está lá pro Morro da Cegonha! Que vá parir a nêga dele.
- Não entendi.
- Cegonha não é negócio de filho?

26 De emprego novo

Seu Timóteo, pai do Messias, tinha um amigo político que conseguiu a nomeação do seu filho para ser fiscal do Consumo, da Secretaria de Fazenda do Estado, apesar de ainda não ser formado. O rapaz pulou de alegria, mas foi obrigado a largar o estágio e se virar, nos últimos meses de estudo, para atender às duas coisas, pois não queria abandonar a faculdade.

Tão logo tomou posse, a primeira pessoa a ter ciência do fato foi Zezé. A essa altura, seus encontros amorosos repeti- am-se com frequência, sempre naquele mesmo quarto, de baixo de lençóis perfumados a amaciantes de roupa, depois que a dona Florinda dormia.

O ato passou a ser costumeiro. De acordo com a clientela, a função atrasava, mas, depois que a médium vidente se punha em seu quarto e se trancava, dificilmente saía de lá, de sorte que o par amoroso podia, tranqüilamente, se instalar nos aposentos da sua auxiliar que ela não ia tomar nenhum conhecimento.

Zezé era imprevisível: tinha sempre algo sensualmente novo para transformar o encontro em prazer pleno a que seu companheiro já se acostumara. Nunca vira nem sentira mulher igual. Descrever o que acontecia entre eles seria escrever uma página de lascívia de fazer inveja a qualquer literatura libidinosa e insinuante, voltada para a luxúria.

Aquelas noites se repetiam com frequência. Quem não se habituava com aquilo, por ignorar, era o velho Souza que, angustiante, subia e descia um sem número de vezes as escadas de seu andar à portaria, enquanto seu filho não chegasse. E por mais que a mãe pedisse, o prazer da volúpia fazia com que o filho se esquecesse de avisar que voltaria tarde.

A noiva? E mesmo: há quanto tempo não a via.

Aproveitou aquele domingo para ir visitá-la. Na sua casa não havia ajantarado; almoçavam na hora de costume. Não tinha nenhum encontro marcado com Zezé; ela estaria ajudando sua mestra em um trabalho, à

noite, para clientes, de sorte que não poderiam se ver. Tirou uma ligeira madorna e, quando seu pai ligou a televisão para ver o futebol que era transmitido, ele pediu licença, anunciou que iria visitar Augusta, deu um beijo na frente da mãe e saiu para a zona sul da cidade.

Ao saltar do ônibus, teve imensa vontade de ir até a praia, a fim de ver se tornava a encontrar aquelas duas gurias que, um dia, haviam estado com ele e que nunca mais vira.

Optou, primeiro, por ir ver a noiva; entrou no edifício e não se deparou com seu tradicional amigo, o porteiro, que tudo lhe informava. Subiu direto e apertou a campainha do apartamento onde se encontraria com Augusta. Como de costume, quem lhe veio atender foi Dores e que, sem maiores explicações, foi-lhe abrindo a porta.

Já dentro, ousou perguntar pela noiva.

- Cadê Augusta?

-Sabe, seu Messias!? Dona Augusta não está. Não sei onde ela foi.

Soltou a última frase de avalanche, precipitadamente, como se quisesse se isentar de qualquer outra informação e, mesmo antes de que seu interlocutor lhe fizesse nova pergunta, foi informando:

| Seu Juca e a mulher devem ter-se mudado pra São Paulo. A velha surda tá n'ospital. Aqui, só nós dois. O que posso lhe servir.

- Bem! Se é assim, eu já vou.

- Não senhor: se dona Augusta souber que eu deixei o senhor ir sem lhe oferecer nada, vai brigar comigo.

o rapaz aquiesceu. Não queria nada, nem o tradicional cafezinho; acabara de almoçar e tirar o tranqüilo repouso dis- péptico da refeição, de sorte que, na verdade, não estava a fim de ingerir mais nada. Foi a empregada que ousou propor:

- Por que o senhor não espera um pouquinho mais? Se não se importar, a gente fica junto.

E ficaram. Languidamente, Dores se insinuava com seus dotes femininos, acostumada, nos tempos de faxineira, a enredar patrões na ausência das esposas e a os levar para a cama, a fim de angariar melhores vantagens. Ali, não se tratava disso; apenas, os velhos instintos funcionavam. Ela, ardentemente, desejava experimentar aquele guapo varão em uma cama, para saber porque a “patroinha” o refugava. Ele era o tipo do galã de cinema *holiwoodiano*. E tantas fez que conseguiu. Ela era mais ela, como dizia. Foi tomando intimidades, a ponto de se sentar no colo do rapaz. Daí para a cama foi mera conexão acidental. Nem que quisesse, ele não conseguiria escapar.

Messias resistia como era possível; chegara a ponderar:

- E se alguém entrar por aí?
- Tá todo mundo em São Paulo, moço.
- Você não disse que não sabia onde Augusta tinha ido?

Claro que ela sabia, só não seria suficientemente idiota

para dizer. A noiva dele estava se despindo para outros homens se deliciarem, no tal espetáculo artístico que só iria ocorrer à noite, portanto, nada mais tranqüilo do que aquela tarde para experimentarem seus potenciais orgânicos.

Messias não era mais nenhum homem inexperiente. Zezé havia lhe ensinado todo o prazer do sexo, de sorte que, quando Dores o teve, para seu espanto, pôde verificar que ali estava um extraordinário varão, capaz de dar prazer a qualquer fêmea, por mais depravada que fosse, na cama. E já que se deixara envolver em tal equívoco, o melhor fora participar.

Ela não se arrependeu do ato; pelo contrário: foram momentos de volúpia e prazer, só não sabia como retribuir tanta euforia sexual.

Messias, apesar de estranhar, também não se arrependeu do que fizera. Acostumado a estar quase todas as noites com o prazer personificado, uma de folga seria muito mais sentida do que se deliciar noutra alcova. Ainda não entendia essa irresponsabilidade.

Saiu de lá tarde; era um domingo. Acabou se esquecendo do passeio à praia. Foi direto para casa, porque, no dia seguinte, teria que acordar cedo. Já não era mais o tempo daquele que poderia acordar à hora que quisesse e, no máximo, perderia a primeira aula. Agora tinha que ir para a repartição e dar um jeito de conciliar os horários a fim de que pudesse assistir às classes. Por sorte, seu serviço era externo: saiam sempre em dois para fiscalizar o comércio e, como já fizera coleguismo, ele e seu companheiro se entendiam perfeitamente, porque um dava cobertura ao outro para que pudessem se virar.

Naquele domingo, foi dormir mais cedo.

27 Resolvendo problemas

Anabela tornara a voltar ao encontro do Juiz, mais feliz do que nunca, sempre repetindo a técnica de ir para a clínica veterinária, como se fosse sair com Carlota e lá, tomando o mesmo carro oficial, dirigido pelo mesmo motorista, que, por ser a segunda vez, não encontrara dificuldade em dar cumprimento à tarefa.

A moça retornara feliz e, num abraço emotivo, comentou com a amiga:

- Ele é adorável! Tornou a me convidar para jantarmos; o vinho estava delicioso... dessa vez não fui inconveniente. Lá tem uma boate: ele me convidou para assistir ao *shôw*, mas ficava tarde e eu não tinha avisado em casa.

- Sim. Mas o importante: ele resolveu o problema do neto?

- Na semana que vem, ele vai me levar a um médico de confiança, para fazer os exames e vai assumir tudo.

Ah! Foi ótimo.

Parou um pouco, com a euforia e caiu em si:

- É. Mas como vou arranjar isso?

- Arranjar o quê?

- Jeito de ir ao médico com ele sem que lá em casa a turma saiba!

Carlota ficou pensativa:

- E onde é esse médico?

- Para falar a verdade, não sei. Ele ficou de me ligar na segunda-feira e marcar um encontro, aqui em baixo, porque ele só vai para a tal “comarca” na terça. Então, eu saio para me encontrar com ele. Você tem que dar um jeito.

- Ué! Encontrar-se aqui em baixo vai ser mais fácil do que lá.

- Mas eu acho que o médico não é daqui.

- Até lá, a gente resolve. Agora trate de ir para casa, que eu não posso ficar me comprometendo desse jeito.

Neném, o Nêmio Túlio, desde o dia que saíra de casa para se queixar na polícia, não aparecera mais. Ninguém sabia dele. À noite, uma colega de turma da Mariana, liga para ela e lhe avisa:

- Estou desconfiada de que aquele seu irmão de criação foi morto a pauladas lá perto de casa. Meu irmão é que apareceu para ver o cadáver e acha que o cara é muito parecido com ele.

- Você tem certeza disso?

- Certeza eu não tenho, mas disseram que o cadáver amanheceu lá; já deram parte à polícia e levaram o corpo do menino para o IML. Era bom você dar uma passada por lá...

Depois das despedidas, Mariana desligara o telefone muito contristada. Quem estava em casa era o Sérgio Ricardo, o artista da família. Foi até ele e contou-lhe o que a colega lhe relatara.

Sérgio Ricardo ainda ponderou:

- Será possível? Quem poderia tê-lo matado, e por quê?

-Você não acha melhor alguém ir lá na morgue conferir?

- No caso, eu! Onde?

- É. Necrotério, IML. Quem mais poderia ir? Nem quero falar para mamãe, sem ter certeza. Pelo menos, você tiraria a limpo. Já pensou se for rebate falso? Ela vai levar um susto à toa.

Sérgio saía no momento em que Ana entrava em casa. Vendo a cena, assustada, arriscou perguntar, pensando que pudesse ser com ela:

- Houve algum quiproquó por aqui, na minha ausência?

Enquanto despachava o irmão, Mariana puxava a irmã caçula para o lado, dizendo:

- Depois lhe conto.

- E comigo? - Perguntou espantada e temerosa.

- Não. Com o Neném, que não tem aparecido.

- Não vai me dizer que...

- O Sérgio foi ver. Depois eu digo.

Como a mãe entrasse pela sala, vindo de dentro, Mari só teve tempo de murmurar um *disfarça* entre dentes, levando a outra consigo.

- Dona Ethelvina ainda tentou perguntar alguma coisa, só que não encontrou mais ninguém; assim mesmo, pensou consigo:

- Aí tem coisa! Estão me escondendo algo.

Quando Narciso chegou, Ana e Mari foram falar com ele, antes que tivesse oportunidade de conversar com sua esposa:

- Papai; o negócio é o seguinte: uma colega do curso de línguas ligou-me para avisar que apareceu um defunto lá perto da casa dela, que parecia o Neném. Foi levado para a morgue, enfrentar o legista. Sérgio já saiu para colacionar.

- Para o quê?

- Colacionar, papi: conferir. A coisa é séria.

- Por que você não fala fácil como a gente?

Ana, muito nervosa, sacudindo o genitor, indaga, quase estérica:

- Papai: o senhor prestou atenção ao que ela disse?
- Prestei. Ela disse que tem um cara morto parecido com o Neném. E daí?
- Mas se for ele? Tá sumido há tanto tempo!
- Mas quem iria matá-lo? Não esperemos pelo pior; rezemos para que seja equívoco.
- O pior é que é assim que pobres, como o Neném, morrem.
- Assim como?
- Assassinado.
- Mas você não disse isso. Só falou que apareceu um defunto. Eu é que comentei que ninguém o mataria..

Não há razão para isso: ele não é mau.

- Não diz nada pra mamãe.

Sérgio entra apressado e consternado:

- Pessoal: más notícias; fui lá na geladeira. O cadáver ainda estava na mesa: é o Neném.

Aquela noite acabara para aquela família. Sula nem chegou a entrar em casa: foi direto para ver e conferir; só o César é que não chegara a tomar conhecimento, porque estava de plantão. No dia seguinte, o movimento não foi menor. A delegacia de homicídios fez questão de arrolar a família toda para depor, abriu processo e ...

... ainda está aberto até hoje

28 Revelações passadas

Mariá, irmã da Dores, madrugou no morro. Há muito tempo que não aparecia por lá, de sorte que achou tudo mudado. Rumou para a casa da Margarida, sua amiga, encontrando-a elegantemente vestida com roupa da mais fina. Chegou a estranhar:

- Que é isso, mulher? Vai a algum fandango?
- Sabe como é!
- Não. Não sei.
- Isso aqui não é mais aquela favela do nosso tempo, além disso, o Jorjão vem aqui, hoje.
- E quem é Jorjão?

- Tás por fora. Jorjão é o braço direito do chefe das drogas. Ele é quem traz as ordens.

Ainda trocaram idéias a respeito da criminalidade praticada. Mariá enaltecia as mudanças e comentava que, agora, a vida era outra: tinham proteção de um graúdo, um tal doutor Nuno, que não permitia que ninguém tocasse neles e mais tudo o que a turma vinha praticando: já haviam assaltado três bancos com pleno êxito. Ninguém perdia mais tempo em as- saltozinhos. A coisa era de milhão pra cima, além disso, a moeda, com a inflação vigente, já não valia mais nada.

Depois, foram tomar a tradicional cerveja. Nesse ponto, a conversa mudara. O assunto era homem. Mariá se queixava:

- Lá na Maré, onde moro, a coisa anda feia. E preciso dar um jeito para ver se a gente também consegue essa proteção.

- É só você esperar o Jorjão. Ele vem logo mais tarde. Conversa com ele.

- Pra mim, não vai dar. Tenho que procurar Dores pra dizer pra ela que mataram o “Garoto”.

- Que garoto?

- Você não conhece? É uma história confusa: antes de irmos por morro, naquele tempo, Dores teve um filho: esse “Garoto” que ficou com mamãe, onde a gente morava. Aí ela arranhou o Maneco, um malandro da redondeza, que não quis o menino, e saiu de casa para morar com ele. Vou encurtar a coisa: do Maneco ela foi pr’um outro cara que se meteu a valente com o Nico, que você conheceu morando conosco, já aqui no morro. Nico deu uma facada nesse pilantra e trouxe a mana pra cá. Aí eu vim junto e conheci o Jucá Mente, que tinha aquele barraco onde eu fui morar. Lembra? Era o seu, de um lado, e o meu do outro. Você morava com ele, até.

- Puxa! Isso já faz tempo.

- Bota tempo nisso. Agora, fui visitar mamãe e encontrei ela abalada com a morte do neto, filho da Dores. Ela tá querendo achar a mãe, mas ninguém sabe onde ela se meteu.

- Ah! Eu tenho o telefone dela. Agora é empregada de gente rica e mora lá na casa do patrão, num quarto que ela diz que, se o gato da casa estiver dentro, ela não cabe.

- Então me dá qu’eu vou ligar pra ela. Pelo menos, vai falar com a nossa mãe.

- Vou lá dentro ver.

De fato, foi e trouxe o número; Mariá saiu logo em seguida, para telefonar lá de baixo, do posto. No caminho, encontrou Joça, todo mudado, com barba na cara, mais alto e mais magro.

- Ô, Joça: quanto tempo! Você tem visto o Caramelo?

- Oi, Mariá. Cê sumiu! Seu cachorro tá bem cuidado: agora é mascote da turma de frente. Tem um cara, um tal de Mole- cão, que adotou ele. Diz que dá sorte nos assaltos. É mascote.

- Puxa vida! Quem diria? Você tem visto minha irmã por aqui?

- Ah! É difícil aparecer. Você já teve com Mestre Biba?

Ante a negativa da amiga, complementou:

- É bom você ir lá falar com ele, pra te dá um salvo qualquer coisa, senão, nos dias de ação, a turma vai te barrar, porque você não mora aqui.

- Que ação?

- Você não teve lá com a Margá? Ela não te contou?

- Negócio de assalto a banco!?

- E. Sô. Tá dando um dinheirão.

- E telefone?

- Lá no posto, ainda. Ninguém toca nele: aquilo é sagrado. Um cara, aí, andou quebrando um lá, não viu o dia seguinte. Depois disso ninguém mais se mete a besta.

Margá acabou de descer o morro, foi até o posto, com o papel na mão, contendo o número para o qual deveria ligar. Atendeu uma voz de homem. Sem saber de quem se tratava, preferiu identificar-se, falando depois de confirmar o número:

- Aqui é a irmã da Dores. Posso falar com ela? Tenho recado da mãe da gente.

- Não responderam nem desligaram. Pouco depois, bem timbrada, soa a voz da irmã:

- Alô, é você, Mariá?

-Sô!

- Como descobriu meu gancho?

- Depois te conto. Nossa mãe quer falar com você. Aconteceu um troço com o “Garoto”.

- Que foi?

- Um troço. Só conversando pessoalmente com você. Tô sem ficha. É urgente.

- Vou lá na sua casa.

- Não. T'espero aqui, na casa da Margá.

- Só de noite.
- Tá, espero.

Dores desligou o fone, intrigada: o que seria que a irmã não quisera lhe dizer? Será que o menino estava mal? Já deve estar crescidinho, pensava ela, esquecida de que o tivera há vinte anos atrás e que ele já seria homem feito.

O que Mariá não contou à irmã é que o filho dela estava num bar quando a polícia deu uma incerta. Caiu na tolice de correr e levou um único e certo tiro pela espinha dorsal, que lhe atingira o coração. O rapaz não era mal nem fazia nada que justificasse o medo que tinha pela polícia. Acontece que, num certo dia, ele se achava sentado na porta da casa da avó, com dois outros.

A patrulhinha pegou os três e cobrou cinquenta paus de cada um para liberá-los; os outros dois pagaram tudo o que tinham no bolso, só ele, um pobretão, sem eira nem beira, é que não pôde “resgatar a fiança”. Sofreu o diabo, na mão dos militares, até ser solto por falta de motivos, a ponto de não poder ver nem a farda num cabide, que se apavorava. Não fora enquadrado por vadiagem porque tinha a carteira de estudante da escola pública; além disso, era menor.

Quando Dores chegou na casa de Margá, sua irmã já tinha ido, porque não podia entrar muito tarde na favela onde morava, que na preamar, às vezes, a água cobria o passadiço e tinha que se pisar no molhado até as canelas. A amiga ficou encarregada de dar a notícia, não sem antes receber uma série de recomendações a fim de que ela não se assustasse.

Margá optou por uma conversa relaxante, antes de soltar a bomba. Falou da irmã da amiga, dos últimos acontecimentos no morro, enfim, trocaram várias confidências. Ela, Margá, estava de cacho com o Jorjão; já havia encostado nele, só em pé e dera uma esfregada boa; mas sabe como é:

- Minha cara! Homem a gente tem que dar uma de difícil. Se eles comem, logo, o pudim, ficam só na sobremesa, e eu tô a fim de me arrumar. Quê que há! E você?
- Puxa vida! Mandei brasa com o noivo da patroinha. O homem é pra valer, e a burra, confessou-me que até agora ainda não provou o pavê do cara.
- Você disse pra ela...
- Não! Tá doida! O cara sabe das coisas. Aprendeu direi- tinho, a lição. Só não sei com quem. E você acha que vou abrir o bico pra encher de formiga!?
- Foi só uma vez?

- O que eu posso fazer? O cara quase não vai lá e, quando vai, no mínimo, a surda está a postos, de orelhão em pé. E é surda! Imagina se escutasse. Ainda não deu outra “oportuna”.

Conversaram por muito tempo, até que Dores lembrou de perguntar o que a irmã queria com ela. Com muito jeito, a amiga começou explicando que “o gato subira no telhado”; até levar o tombo, cair e morrer, demorou duas garrafas a mais de cerveja.

Dores perdera a fala. Não via, quase nunca, o filho, nem lhe tinha maiores cuidados; sua mãe é que tratava dele, mas, mesmo assim, ela é que o parira. Não queria dar o braço a torcer, mas a emoção fê-la chorar, com a garganta embargada pela comoção. A noite, para ela, acabara.

29 Novas coincidências e encontros

Toda vez que pegava naquele *diário do marinheiro*, como ele o chamava, Messias voltava a se recordar das cenas passadas; parecia que o livro de “anotações de bordo” do velho marujo, seu tio, tinham a força hipnótica de o fazer entrar em transe regressivo, vendo aquelas ocorrências que vivera nas épocas da transição de adolescente para homem. Hoje, ele chegara do trabalho com seu novo parceiro, o Higino, também fiscal, e o levara até seu quarto para mostrar-lhe uma série de comunicações espíritas que recebera.

Ele, agora, frequentava as sessões mediúnicas de Dom Gaspar, o Espanhol, um velho ibérico que migrara para o Brasil antes da grande guerra e que tinha, em seus trabalhos, uma excelente médium chamada Graça, simplesmente Graça Maria Serda, com a qual tivera inúmeras provas da sobrevivência, inclusive do próprio tio, autor daquele diário, numa identificação tão perfeita que, só quem tivesse convivido com ele poderia retratá-lo ou configurá-lo daquela maneira.

A época era muito turbulenta. Messias continuava solteiro, morando com os pais naquele velho edifício sem elevador. Fora levado ao estudo do Espiritismo por causa da tal vidente cujo nome ele nunca acertava: Florinda ou Floripes, ou sei lá! Há quase duas décadas ela lhe houvera dito cada coisa!!! Estava catequizando o amigo para que fosse assistir a uma daquelas sessões mediúnicas, pelo menos, por curiosidade: não era obrigado a se converter nem a aceitar nada.

Vinham conversando a respeito do dia. Comentaram o encontro com as duas estudantes; dizia Messias para o amigo:

- São muito jovens. Lembra-se do nome delas?

- A filha lá do dono do estabelecimento era Judith, com "th". Ela fez questão de frisar. A outra ficou conversando o tempo todo com você.

- Ê mesmo, seu! Sabe que ela é uma inteligência? Letrada!

- Pudera: ambas estudam "letras".

- Como é que você sabe?

- A Judith me disse e, se não me falha a memória, o nome da outra acho que é Mariana Mendes. O Mendes eu tenho certeza porque meu pessoal mora em Mendes, o mesmo nome. Aquilo é criança para você.

- Que é isso! Não houve nada. Só conversamos. Falávamos de literatura.

- E eu lá nos livros, a examiná-los.

- Bem que você gostou. Ficou o tempo todo paquerando a menina. Pensa que não vi?

Os dois conversaram por mais algum tempo. Na saída, Messias foi levar o amigo à portaria, saindo com ele, até o barzinho da esquina, para a tradicional xicarazinha de café. Viram um senhor levando consigo, numa coleira amarrada a um cordel de couro, um cão *poodle*, muito claro. Messias não se conteve:

- Eu já tive um cão daqueles. Tão carinhoso!... Chamava-se Pirata; se estiver vivo tem mais de doze anos. Ele era bobinho, mas me adorava. Como eu não o podia ter lá no edifício, levei-o para casa de uns tios, que não ligavam para o animal; ele vivia na rua.

Higino ouvia calado. Nada que dizer. O amigo fez o desfecho:

- Um dia, desapareceu. Acho que o roubaram.

- Era branquinho, que nem aquele?

- Não; era mais amarelado e tinha uma certa mecha dourada na cabeça. Onde será que está?

A lembrança do cão encheu-o de saudades. Enquanto tomavam a pequena xícara de café, um turbilhão de idéias passou-lhe pela cabeça. Num dia do passado, vendo um cão muito parecido com o Pirata, abaixou para acariciá-lo e nem havia, ainda, tocado no animal, quando sua dona, parecendo megera, roncou atrás dele:

- Está querendo roubar meu cão?

- Não, minha senhora. Que é isso? Só estava acariciando o animalzinho. Moro num apartamento onde não se pode ter animal. Sabe como é.

A mulher fechou a cara. Indo na frente chamou o cão:

- Anda, Veludo: vem comigo.

Messias saíra dali e, por coincidência, passando por uma loja veterinária, viu um pobre bichinho, da mesma raça do Pirata e tão ou mais pequeno do que ele, naquela época em que o ganhara da Augusta.

Entrou na loja e comprou-o. Depois não soube o que fazer com ele. O jeito foi levá-lo para Zezé, como se tivesse se lembrado dela: morava numa casa com terreno, não tinha nenhum outro bicho, por lá, a não ser um gato angorá, peludo. Iam se dar bem. No mínimo, trocariam pêlos.

Chegara na casa da amiga, tocara a campainha. Demorou a ser atendido. Quando a assistente da Vovó “das flores” veio atendê-lo, tirando o animal de trás das costas, onde o conservava para não ser visto no primeiro impacto, mostrou-o à querida amante. Ela adorou:

- Que lindo! É um amor.

- Comprei para você.

A mulata não se conteve. Pegou o animal e encheu-o de beijos. Só então é que viu que ele estava cheio de pulgas que, pelo jeito, davam para chupar-lhe todo o sangue que seu minúsculo corpinho pudesse possuir.

- Mas tá imundo, Messias! Olha quanta pulga nele. Vamos dar um banho no zinho ...só que agora eu não posso: Vovó Florinda está com cliente e eu tenho que prestar assistência a ela.

. t r Eu posso lavá-lo para você.

- Ah! Então, vem cá.

E foi levando o rapaz para um telheiro que ficava aos fundos, bem na direção daquele vão que sugeria entrada de automóvel. Messias é quem dava banho no seu antigo cão Pirata, de sorte que já sabia como era a coisa, só que, no tanque não tinha água quente para quebrar a friagem da que saía da torneira. O banho foi na base do sabão de côco. Depois, o rapaz ficou ali, catando as pulgas, meio tontas pela esfrega-ção e pelo sabão.

Deu tempo de tirar umas duzentas *pulex*, sem exageros, do pobre canino. Ele tremia de frio. À falta de toalha, Messias usara seu próprio lenço para enxugá-lo, só que era pequeno para tanto pelo. Quando Zezé chegou, o rapaz acalentava o animal, entre as conchas das mãos. Ela chamou-o:

- Vem. Vamos lá no quarto. Vou arranjar uma caixinha de papelão para colocar isso dentro dela. Vamos aproveitar, rápido, que Vovó Florinda está atendendo a um casal e, pelo jeito, vai demorar.

Enquanto falava, introduzia o amigo naquele quarto já tão conhecido das noites de luxúria. Ele entrou com o cão e ela foi buscar a tal caixa, com uma toalha felpuda, já bastante usada. Mal teve tempo de colocar o animal dentro dos papelões e já se vira puxado para a cama pela sua cara parceira sexual, já semi-despida. Foi rápido:

não podiam esperar que a Vovó Florinda acabasse de atender aos clientes. Urgia que o rapaz saísse dali e foi o que ele fez.

Já caía a noite. Satisfeito do gozo da carne, resolveu visitar a noiva que já não via há bastante tempo, em face dos inúmeros desencontros. Quando chegou ao apartamento, Dores estava pronta para sair; assim mesmo, veio atendê-lo:

- Ah! É você?

Depois de ter estado com ele na cama, ficava muito difícil chamá-lo de “senhor”.

- Augusta está?

Aborrecida e apressada, porque tinha que ir ao encontro da irmã, a fim de receber as notícias da mãe, Dores não estava para conversas, de sorte que forneceu o endereço da boate em que a sua noiva praticava o *strep-tease*, dizendo:

- A partir das dez, o “senhor” vai encontrá-la nesse endereço. É só entrar, sentar numa das mesas e esperar. Se me der licença, eu tenho hora para encontrar minha irmã. Só está a tapada do ouvido em casa. Quer entrar pra falar com ela?

- Não, obrigado. Eu vou lá nesse local me encontrar com Augusta.

- Vai mesmo, só não diga que fui que lhe dei o endereço, que não quero perder o emprego.

Messias saiu dali sem entender nada. Enfim, não custava nada ser discreto e, para satisfazer às dúvidas, nada melhor do que ir às vinte e duas horas, no tal ambiente.

Ainda deu um pulinho em casa, avisou aos pais que iria ver Augusta e que não sabia a hora em que voltaria. Mal teve tempo de pegar a primeira condução e, quando chegou lá, já a primeira figurante praticava seu ato, despindo-se. Fazia uma evolução com um lenço que mudava de cor, conforme a luz que incidisse sobre ele; mas o pano não tapava nada e, não fosse uma bota que calçava até as canelas, o panorama do nudismo seria completo. Messias não entendeu nada; encostou-se no balcão do bar, ao fundo do salão. Por trás dele, alguém lhe pergunta:

- O que deseja?

Percebendo o ambiente, pediu:

- O drinque da casa.

Poucos minutos depois, um copo com uma bebida forte estava sendo colocado na sua direção. Nem teve tempo de perceber o que era nem que gosto tinha. No tablado de exposições a sua noiva Augusta aparecia, toda vestida de

romana.

Pela primeira vez conheceu ou viu o corpo dela, despida, depois de uma série de evoluções onde, a cada volteio, uma peça da roupa era jogada para o lado. Se não estivesse tão escuro, no ambiente, qualquer um veria que ele ficara corado ao extremo, sem saber o que fazer ou como agir. Seu primeiro ímpeto foi ir até lá e pegá-la como se fosse boi a laço. Caindo em si, percebeu que, qualquer atitude que tomasse ali, seria perigoso para ele: vários leões de chácara circulavam pelo ambiente.

Recolheu-se à sua insignificância. Esperou Augusta se retirar do palco, fazendo ele o mesmo, só que do salão. Lembrou-se a tempo de pagar a bebida que nem provara e saiu para enfrentar uma noite quente de verão, contrastando com o ambiente interno, refrigerado, onde estivera.

Perambulou pela noite e quando deu por si, estava chegando à praia. Sentou-se a beira mar, sem correr o risco de levar nenhuma outra onda, porque o mar estava calmo. Já a madrugada ia ao fim quando voltou para casa. Encontrou seu pai aflito a subir e descer escadas, sendo recebido com as ásperas palavras do genitor, sob as vistas do porteiro:

- Isso são horas de chegar?

O rapaz ainda tentou ponderar:

- Eu já cresci, papai. Além disso, eu avisei a mamãe que ia ver Augusta e que voltaria tarde.
- Sempre que você vai ver sua noiva chega mais cedo.
- É. Mas hoje não deu.

Subiram discutindo: o pai acerbando o rapaz com suas preocupações e este tentando se defender da melhor maneira possível.

Era sempre aquela mesma ladainha: nervoso, o velho nunca se acostumara com aquelas chegadas do filho a altas horas da noite: parecia que alguma coisa iria desabar sobre ele.

30 Mudando de rumo

A morte trágica do Neném só trouxera aborrecimentos. Ninguém estava a fim de apurar quem o assassinara, mas uma porção de promotores tentava incriminar a família que o criara, como se toda a culpa daquele desfecho fosse deles. O assassino ninguém procurava.

Augusto César esbravejava, em casa, com um intimação na mão, conversando com os seus:

— IÉ por isso que ninguém mais acredita na nossa Justiça! Essa turma que rouba está aí, impune; o assassino do Neném continua solto e ninguém está à cata dele; nós é que somos a vítima disso tudo. A todo momento temos que ir lá depor, não sei o quê!

Ana estava cabisbaixa. Pensava na vida; deveria sair para se encontrar com o Juiz, só que, naquele clima, onde o pessoal desancava a Justiça, como explicaria ela que iria se encontrar com um de seus representantes!?

Já muito atrasada, conseguiu uma desculpa esfarrapada, alegando que iria visitar alguma colega, a fim de esfriar a cabeça e foi ao encontro do seu protetor; este a esperava sentado à mesa de um restaurante, bebericando algum aperitivo com um prato de amendoins; levantou-se ao vê-la chegar, beijaram-se na boca e, meio preocupado, comentou:

- Pensei que fosse faltar.
- Houve um imprevisto lá em casa.
- Mas sente-se e conte.

Ana fez um resumo do ocorrido, narrou o assassinato do irmão de criação e as pressões que estavam fazendo, no Juizado de Menores, para tentar incriminação contra a família, sem se preocuparem com o matador. O Juiz tentou acalmá-la, prometendo que, no dia seguinte, falaria com o colega da Vara de Menores a fim de ajudá-la.

Jantaram serenos e depois saíram no carro particular dele.

Foram à noite. Já era madrugada quando o carro pára em frente da casa dos Mendes; Ana deu um longo beijo no seu condutor e saiu precipitada, entrando em casa. A mãe veio recebê-la:

— Onde você andou, que nem veio jantar?

Tentando' improvisar a desculpa, Ana foi explicando, enquanto caminhava para o quarto das moças, onde as três irmãs se alojavam:

— Eu não sabia onde ir; escolhi uma colega mais próxima; eles iam sair para jantar fora e ver um show.

Gonvidaram-me; acabei indo... eles vieram me trazer em casa.

— Eu ouvi o carro chegar.

— Era o pai dela.

Falou aquilo pensando na possibilidade de a mãe ter visto seu parceiro na direção do automóvel; sua mãe franziu o cenho, disse um simples “é”, deixando que a filha fosse recolhê-lo.

No dia seguinte, quando Mariana já se preparava para ir à Faculdade, dona Ethelvina veio conversar com ela.

— Você já notou que Anabela tem saldo com frequência, ultimamente?

— Para falar a verdade; não!

— Você não sabe de nada? Aquele namoro dela com o tal viciado em drogas...

— Parece que terminaram. Pelo menos, lá na escola, não se falam. Ele voltou a estudar lá.

— Você não acha que ela esteja despistando?

— Creio que não, mamãe. Anabela está em outra, só não sei qual.

— Pois veja se descobre.

— Vou falar com ela, mas quem é capaz de ajudar, espero que seja a Carlota: estão sempre trocando confidências.

— Fale com ela por mim.

Já estava em cima da hora e a moça tinha aula cedo pois iria para a escola, fazer o estágio, a mesma em que estudava. Logo, a seguir, Sulamita saiu e Ana desceu tomar café; também tinha aula cedo. A mãe aproveitou conversar com ela:

- Aquele seu namorado...

Antes de conseguir entrar no assunto, foi cortada:

- Ih! Mamãe: tô n'outra.

- Então conta.

! Com calma; deixe ver se dá certo. Não quero estragar.

- É namorico, ou pra valer?

- Se é o que estou pensando, ainda me caso antes da Mariana. É mesmo: quando é que aqueles dois se unem?

- Não sei. Vocês não me dizem nada! Antigamente, as filhas prestavam obediência às mães, agora, saem de

noite e voltam à hora que querem.

- Tudo mudou.

E mudara mesmo.

Narciso Mendes era um homem muito distraído e não dava conta que os filhos haviam crescido; tratava-os como se ainda fossem crianças. Muitas vezes, chegava tão cansado em casa que, logo após o jantar e o tradicional banho de chuveiro, se punha na cama e só via as coisas no dia seguinte, quando acordava. Para evitar aborrecimento, Ethel não lhe dizia que a turma estava passando uma boa parte da noite fora de casa; não apenas os rapazes: até a caçula, que ainda era menor de idade. Não adiantava nada falar com o pai; só iria trazer mais problemas e preocupações para ele, que vivia atormentado com a política financeira do país.

A vida subia de custo, lentamente, os salários eram os únicos a permanecerem congelados. E o povo iludido por uma série de vantagens aparentes, pagava juros extorsivos que, sem dúvida, inflacionavam as compras, num período em que o governo enganava o povo segurando o valor da moeda nacional com um câmbio fictício, escorado pela balança comercial externa positiva.

Já haviam passados dias piores: haviam gritado contra a opressão militar e agora choravam a sua ausência. Narciso, em seu quarto, dava o nó na gravata, enquanto sua esposa lhe estendia as coisas, como lenço, caneta, carteira, para que as arrumasse nos bolsos.

- A vida está difícil. Não sei se aquele governo safado que sucedeu os militares, construindo ferrovias do inexistente ao lugar nenhum tenha sido o pior dessa fase. Depois veio aquela corrupção danada, que acabou depondo o Presidente da República; e o atual é essa enganação!

- Mas parece que a coisa está mais calma. Aquela inflação era horrível: chegava no meio do mês e o ordenado já não valia mais nada!

- Agora, ele não vale desde o começo. Na inflação, todo mês o salário mudava para os novos índices e equilibrava a coisa; apesar da desvalorização da moeda, você ia às compras e estocava para o resto do mês. Hoje em dia, quando meu pagamento sai, mal dá para cobrir o vermelho bancário e... fim de ordenado.

- Pior do que isso, é a impunidade: essa gente toda que roubou ficou com o dinheiro. Se fossem confiscados, o governo teria caixa para cobrir o déficit público. Quem não tem plano de saúde não tem hospital para se acudir; acabou a assistência média em nosso país com aquele Ministro das bicicletas. Miserável que não tiver dinheiro para se tratar, morre da doença.

Narciso já se aprontara; cortando aquela conversa desa gradável, perguntou:

- E as crianças? Não tenho estado com elas. Antigamente, subiam no meu colo quando eu chegava do trabalho; atualmente, quase não as vejo.

- Cresceram; não é? Não vai querer que um marmanhão como o César lhe suba pelas abas do paletó, como fazia antes!?

- E as escolas?

- Com isso eu não me preocupo; tirando o Sérgio, que resolveu se dedicar à música e parou com os estudos, o resto vai indo bem. O que me inquieta é que ninguém mais diz onde anda.

- Rapaziada é assim mesmo. O Sérgio está tocando com uma turma de gente boa. Ele andou me falando. Um dos rapazes, o que tem a casa, é filho de um conhecido meu: gente de primeira!

Ethel refletiu e preferiu não dizer que a preocupação era com as moças.

31 Na esteira do crime

Dores, no dia seguinte, não apareceu para trabalhar, ficara na casa da mãe, chorando com ela a morte do filho-neto. Estava abaladíssima. Saiu dali e foi direto para o morro, procurar Margarida; ela havia dito que a turma estava protegida pelo Chefe de Polícia: ia pedir justiça. Afinal, se fora um policial que matara seu filho, o chefe dele poderia puni-lo; era só no que pensava.

Imaginava-se vendo o policial surrado pela turma do morro, como castigo e, no seu delírio, clamava aos quatro cantos contra as injustiças daquele ato. Perdera, até, a noção das coisas.

Sua amiga não estava. A casa completamente trancada, não dizia nada, nem a mais animadora afirmativa de quando voltariam seus donos. Pelo menos o Zeca, para dar notícias da irmã. Lembrou-se do Joça: iria procurá-lo para saber a quantas andava a situação por lá. Ele lhe era muito amigo, desde meninote; lembrava-se, mesmo, de quando era criança: ela lhe punha ao colo, como se estivesse matando as saudades do filho que deixara com a mãe e não mais procurara.

Qual! Que idéia!! Naquele tempo ela também era mocinha, de cabeça virada: havia tido o filho da inexperiência, nos primeiros relacionamentos que manteve e ainda estava vivendo uma idéia muito deturpada de tudo, principalmente da ligação de família.

Não encontrou o Joça, mas soube que Zeca estava na casa do comando, isto é, a sede do bando. Foi para lá. Quem lhe recebeu, abanando o rabo, reconhecendo-a, foi Caramelo; ele tornara-se o mascote da turma, de sorte

que tinha imensas regalias naquela casa.

De fato, o Zeca estava lá. Já sabia da morte do “Garoto” e ainda comentou:

- Pois foi a minha irmã que deu a notícia a você.

Ela aproveitou para se desabafar. O máximo que o Zeca pôde prometer foi interceder junto ao Mestre Biba, porque ele é que vinha a ser o amigo do “homem” que os protegia. Dores ficou esperando até tarde; ninguém apareceu; o irmão não sabia da Margarida: ela andava de amores com o Jorjão:

- Já te falaram no Jorjão?

- E! Marga me contou. Se saíram juntos, é provável que não voltem tão cedo.

- Mas você pode ir que eu falo com Mestre Biba.

E foi o que ela fez. Saiu dali indo direto para a favela, na beira da maré, procurar a irmã. A polícia estava por lá, dando tiros a esmo, de tudo o que era jeito. Dores pensou:

- Que coisa, sô! Onde Mariá foi amarrar sua égua!

Só não conseguia entender porque, lá no morro, tudo era tão calmo e ali, a polícia não dava sossego a ninguém. Coisa estranha! Aquilo não era a primeira vez que acontecia. Para ela, com o novo chefe de polícia, amigo, todos deveriam estar protegidos por ele. Essa preferência, ou falta dela, em discriminar essa turma é que não tinha lógica.

Não achando a irmã e, mais por prudência do que por falta de informação, preferiu bater em retirada e voltou para a casa da mãe, sem se lembrar de que tinha obrigações domésticas com o seu emprego.

De relance, viu o Berta, desfilando num carrão, último tipo, ainda tinindo de brilho, sem placa de licenciamento; o Berta, aquele que Biba delegava poderes para substituí-lo em suas ausências.

- Será que era o Berta? Dirigindo carro; e que carro! A toda velocidade, como se estivesse fugindo da polícia!

E estava.

Ele e seu parceiro, o “Mão Fina”, cujo nome devia à fineza do trato que dava aos dedos, haviam acabado de roubar, a mão armada, aquele veículo, da dona que o dirigia, no momento em que ela parara no sinal. A coisa foi tão acintosa, pelo costume da impunidade, que os demais transeuntes viram o assalto e denunciaram a uma patrulhinha que passou, logo a seguir. A perseguição fora inevitável. Por sinal, logo depois que o Berta cruzou, a viatura policial também passou, dando tiros sobre o veículo. Um deles atingiu a lataria traseira do carro, novinho em folha; havia saído da loja e sua dona o levava com todo cuidado, para casa.

Dores continuou não entendendo: se o “homem” protegia a turma do morro, como é que aqueles policiais perseguiram o braço direito da favela? Para ela, é como se todos fossem conhecidos e estivessem a par de tudo.

Não ia tirar a limpo, naquele momento. Isso, porém, a fez se esquecer por instantes do problema que a afligia, com isso, rumou um pouco mais tranquila, para a casa da mãe.

32 Uma revelação passada

Messias e Higino desciam a avenida central para cumprir a última visita de fiscalização daquele dia e conversavam a respeito da tal sessão espírita na casa do Espanhol, onde o primeiro queria levar o outro para assistir a uma reunião, por causa da aludida médium chamada Graça.

Fizeram a fiscalização devida e o assunto voltou à baila. Na sua insistência, Messias justificava-se:

- Eu sei que você não vai acreditar. São comunicações estarrecedoras.

1 Tente. Conte uma delas; só assim poderei opinar.

- Pois vou lhe narrar uma que ocorreu comigo.,S Fez uma pausa e começou: - Há muito tempo, quando meu tio desencarnou, aquele, que foi sargento da Marinha, eu peguei o diário de bordo, como chamava ele ao tal livro de anotações, para ler. E agora, toda vez que pego no tal diário, remonto-me ao passado e as cenas me vêm à lembrança, como se fossem um fenômeno de contactação com esses fato.

- E o que o Espiritismo tem com isso? Está mais para ciência, como a Parapsicologia, do que para religião.

- O grande erro de todos é pensar que Espiritismo seja uma religião como outra qualquer, seguindo Jesus.

- E não é?

- Aí é que está seu engano: o Espiritismo é uma doutrina, cuja filosofia se baseia no fenômeno dito mediúnico.

- Sei: aquele negócio de receber espírito.

- Se fosse só isso! O fenômeno ditando uma filosofia de vida, com princípios religiosos.

- Sim. Tudo bem. Mas, qual foi esse seu caso que você sempre me quis contar?

- Há uns doze anos... vamos dizer assim, eu tinha um *poodle* chamado Pirata, que foi roubado. Sumiu.

Na época, eu fiquei muito triste e pensei em procurar uma vidente para ver se ela me localizava o animal a fim de que eu fosse buscá-lo. Não: na verdade, eu andava cheio de problemas e buscava uma solução. Essa história do

cão teria sido um pretexto. Eu também pensava em escrever um livro, baseado no *diário do marinheiro*; aliás, teria esse título.

! Você já me disse que tinha ido a uma vidente.

- Pois é. Só não lhe contei que ela recebeu um espírito, que, na época eu nem cheguei a compreender de que se tratava; essa entidade me disse que eu o havia estocado à traição.

- Feito o quê?

- Estocada é ferir o outro com a espada.

- Ah! Sim, eu sei.

- Então, eu o teria ferido à traição, matando-o e ele prometeu que se vingaria.

Aproveitou para abrir a camisa e mostrar ao amigo uma cicatriz no peito:

- Está vendo essa marca? Assim que entrei para a fiscalização, fui ser auxiliar de um fiscal mais antigo e viajávamos para o interior, num jipe, que era o nosso veículo de estrada. Já estava nesse serviço há mais de dois anos e nem me lembrava da tal ameaça. Nós vínhamos por uma estrada de pista dupla; no lado direito viajava um caminhão meio "xur-repa"; quando fomos ultrapassá-lo, ele resolveu entrar numa passagem que dava para a outra pista e cruzou na nossa frente. Acho que o cara nem viu a besteira que estava fazendo. Nosso motorista ainda tentou se livrar da batida, com um bela manobra, só que o espelho retrovisor daquele lado roçou na carroceria do caminhão e seu suporte de ferro veio cravar, aqui, em mim. Se não fosse meu companheiro arrancar rápido, o estilete, e tapar o buraco com seu lenço, tentando estacar o sangue, talvez não desse para eu chegar até a cidade mais próxima e ser socorrido.

- Você acha que foi o tal espírito que lhe devolveu a tal estocada!?

- Confesso que, na época, nem pensei nisso. Recentemente, numa das comunicações através da dona Graça, veio uma Entidade dizendo que era responsável pela minha orientação e para dar prova disso, ia me lembrar de um fato que eu não duvidaria. Então disse que eu tinha um inimigo espiritual que jurara vingar-se de uma estocada que eu lhe dera em vida passada; e me perguntou se eu não tinha essa marca.

Higino não estava muito convencido daquilo, todavia, não seria ele quem contestaria o fato. Se, realmente, acontecera como foi dito, era de se pensar no assunto.

Ainda caminharam algum tempo sem dizer nada. Ao se despedir, o descrente indagou para o amigo:

- E a tal médium, a Vovó Floripe?

- Não é Floripe, você me confunde...

- Sim. O que houve com ela?

H E uma história tão comprida! Um dia ainda lhe conto. Mudando de assunto: você esteve com a filha daquele vendedor lá da loja?

- Finalmente, ontem, consegui encontrá-la. Vamos sair juntos, amanhã.

- Boa sorte. Pretendem ir aonde?

- O mais provável seja um cinema. Vou ver ainda. Depois lhe digo.

- Como era o nome dela?

- Era, não: é! Judith, com tê-agá.

Despediram-se. Messias pensava na Judith e, indiretamente, recordava-se da amiga. O colega já ia distante quando ele voltou para lhe perguntar:

- E a outra amiga?

Como não entendesse direito, Higino voltou um pouco, o suficiente para ouvir o que o outro lhe dizia, indagando-lhe:

- O que foi que você disse?

- Perguntei pela amiga da sua namorada que estava junto com ela.

- Desista dela. É noiva e parece que vai casar no mês que vem.

- Como é que você soube?

- Judith me falou.

Tornaram-se a se despedir, desta feita, para valer.

Chegando em casa, sua mãe, dona Ingrácia, passou-lhe o recado:

- Telefonaram para você. Disse que era Aninha e que está lhe esperando para apanhá-la.

Messias tinha uma história com essa moça, já de tempos passados. Conheceram-se à beira mar, depois que ele molhara os pés numa onda mais forte. Depois não se viram mais. Dois anos após é que, por acaso, estando numa padaria, entrou uma jovem, esbelta, cuja fisionomia lhe lembrava alguém conhecido. Olhou fixamente para ela e indagou:

- Nós nos conhecemos?

A moça deu um sorriso franco:

- Você ainda se lembra?

Entabularam uma conversa e rememoraram os acontecimentos.

- Ah! Então você é a amiga da mineirinha que mexeu comigo!?

- Ela se apaixonou por você. Toda vez que vem nos visitar, faz-me voltar à praia, naquele quarteirão, para ver se encontra você de novo.

- Eu me lembro que lhe dei o número do meu telefone.

- E quem se lembrou dele?

Continuaram conversando. Messias comia um doce e bebia um guaraná, em pé, no balcão; ofereceu alguma coisa à moça que, de pronto, aceitou. Enquanto lanchavam, esticaram a conversa.

- Afinal, como é seu nome?

- Eu sou a Margarida. A mineirinha chama-se Ana Lúcia, mas todo mundo a conhece como Aninha. Já tinha lhe dito, naquele dia. E você?

- Messias. Desculpe, mas pensei que não eram verdadeiros.

Saíram dali juntos. Ele tentou segurar no braço da moça; esta, delicadamente, esquivou-se dizendo:

- Não vou trair a minha amiga.

Riram e continuaram trocando informações, até que se despediram. Desta feita, Messias escrevera seu nome e o número do telefone no caderninho dela, que lhe prometeu que, tão logo a amiga aparecesse, procurá-lo-ia; estava doida para isso.

A essa altura, o noivado com Augusta se desfizera sem qualquer explicação. Ele nem mais voltou à casa ou apartamento em que ela morava, muito menos ela tomara iniciativa de lhe ligar o telefone. Quando seus pais lhe perguntaram pelo noivado, ele informou que havia terminado.

- Terminou como?

- Terminou terminando.

- Por quê?

- Terminou porque terminou

Não queria dar maiores explicações nem estava ali para criticar a moça. Além do mais, sua volúpia era Zezé, com suas carícias e seus lânguidos beijos que tornavam a alcova dos encontros um paraíso no reino dos sonhos. Dois anos de loucura e desvario, de encontros e mistério, porque ele nunca lhe perguntara quem era e temia

fazê-lo, para não incorrer na indiscrição que pudesse magoá-la. Não queria perdê-la.

O pequeno cão que lhe dera também recebera o nome de Pirata, só que estava na idade de rasgar tudo. Zezé contava-lhe que a Vovó Florinda não houvera gostado daquilo.

O rapaz chegara a lhe indagar:

- Ela sabe que fui eu que lhe dei?
- Nãaa] Está louco!! Ela nem sabe que nos encontramos.

Houve, até, uma passagem curiosa: o rapaz viera trazer umas flores para Zezé e, quando conversavam na varanda, a vidente aparece de supetão; embaraçados, o jeito foi dizer que ele queria uma consulta, o que acabou ocorrendo. Enquanto se preparava para os protocolos da recepção, ele, muito embaraçado, conversava com a assistente da médium:

- O que é que eu vou falar?
- Nada. Só veio se consultar.

Finalmente, com todos os aparatos prontos, o rapaz foi introduzido na sala; a médium, no seu automatismo, derramou sobre uma peneira de palha uma porção de pequeninos búzios carijós e, de repente, foi tomada por uma entidade que falava arrevesado, dizendo-se “preta-velha”:

- Sunsê engana o “cavalo”, mas preta véia vê tudo! Cuidado cum zi muleca, qui é cambona di preta véia. Sunsê gosta di muleca, eu sei... E quando se despedir, vai deixá gente boa.

E ficou falando outras coisas que o rapaz não entendia e só veio a saber do que se tratava, depois, já de saída, quando comentou o fato com a Zezé. Esta lhe explicou:

- Sunsê é “você”; cavalo é “a médium”; véia é “velha”, o espírito que estava falando: ela se considera com as vestes corpóreas da encarnação passada. Zi muleca sou eu, cam-bona | quem cuida do ambiente e do cerimonial.

- Como é que você sabe disso tudo?

i Eu convivo com isso desde criança.

l Você veio para aqui ainda pequena?

l Mais ou menos. Talvez menor do que você possa imaginar.

| Me diz uma coisa: você estuda?

Ela se calou. Cruzou os dedos das mãos entre eles, colocando-as ante o ventre, baixou a cabeça e ficou assim por algum tempo. O rapaz insistiu em outra pergunta:

- Por que parou de estudar?
- Um dia eu lhe conto.
- Quando?
- Talvez mais breve do que possa se esperar.
- Sua vida tem mistério?
- Não. Eu é que não gosto de falar dela.. Vai, antes que Vovó Florinda veja-o aqui, de novo.

O rapaz achou mais prudente sair.

Quando deu de si, estava de volta aos dias presentes, com sua mãe lhe falando:

- Acorda, Messias! Está dormindo em pé.

Era um fenômeno curioso: parecia que entrava em transe e tornava a viver aqueles momentos do passado, um a um, meticulosamente, e tantas vezes, que já conhecia cada passagem de cor.

O velho Espanhol havia lhe explicado de que aquele era um transe regressivo automático. Quem sabe, ele não pudesse regredir a vidas passadas!? Aquela idéia o assustava. A sorte dele foi que, numa das sessões mediúnicas, o espírito protetor da dona Graça manifesta-se e, sem ser consultado, diz para o presidente dos trabalhos:

- Ele não pode conhecer, ainda, o seu passado: vai se assustar e se apavorar, por isso, o bloqueio que não permite que seu consciente invada a gaveta das memórias pretéritas. Nem todos têm condição para isso. No dia que puder, tudo virá espontâneo.

O Espanhol entendera perfeitamente o recado e, desde aquele dia, nunca mais insistira para que Messias se sujeitasse a um transe condicionado, com o fim de visitar suas vidas anteriores.

33 Marcando casório

De fato, Narciso, encontrando-se com seu provável futuro genro abraçando sua filha Mariana, entrou de leve, numa conversa, para indagar quando é que eles pretendiam se casar, ou se aquilo era só para “inglês ver”. O rapaz ficou meio perturbado e, caindo em si, viu que, de fato, já estava de aliança na mão direita e o casamento não saía.

- Bem! Seu Narciso, eu ainda não havia conversado sobre isso com Mariana, de sorte que a gente não decidiu; mas...

A moça, que só esperava uma deixa, encontrou o que queria:

- Você podia tratar dos papéis. Eu já estou pronta, com enxoval e tudo.

E, depois daquela conversa, que ainda se prolongou por algum tempo, ficou combinado que dariam entrada dos papéis, no Cartório e que, de acordo com o que ficasse resolvido, marcariam a data do casamento. O problema estava em decidir para onde iriam, depois de casados. Mariana queria que eles ficassem na casa dos pais: havia um apartamentozinho sobre a lavanderia e uma pequena cozinha em baixo, que eles poderiam aprontar, para morar, até arranjam casa maior. Não foi possível, porque não dava condições de reformar as acomodações com essa urgência. Marcelo ponderou:

- Podemos morar provisoriamente nas dependências da clínica veterinária. Para mim vai ser bom, porque fico perto dos animais, para qualquer emergência.

Daí, travou-se uma discussão que não teve fim.

Por outro lado, Carlota, encontrando-se com Anabela, perguntou-lhe:

- Cadê a barriga? Já era tempo de ela estar crescendo.

- Ah! Eu fui ao médico, que o Aquino me levou; era rebate falso.

- Quem é Aquino?

Caindo em si, emendou:

- Doutor Aquino. O pai do Télió.

P Você fala do Juiz!?

- Isso mesmo. Ele me levou para ser examinada por um médico amigo da família; fez uma porção de exames e depois, constatou que não tinha nada.

- Você continua se encontrando com o Doutor Aquino? Carlota fizera a pergunta carregando no “doutor”.

- Anabela ficou muito sem jeito; baixou a cabeça, envergonhada e resolveu confessar:

- Ele quer que eu vá morar com ele. O que é que eu faço? Assim, de supetão, Carlota chegou a estremecer, com aquela

revelação. O que poderia falar? Nem imaginava que isso pudesse acontecer. A única coisa que soube dizer foi:

- Você trocou o filho pelo pai...

Anabela viu que ainda era cedo para se revelar, por isso, preferiu fingir que não entendera a insinuação e comentou:

- Ele quer me amparar, depois que soube o que o filho dele fez comigo.

- Morando juntos?
- Não é bem isso: eu iria morar na casa dele.
- E a mulher dele?
 - Dela eu não sei. Parece que tem outro. Não está aí, nem para o marido!
- Não acha que ele seja muito velho para você?
 - Às vezes é melhor um homem maduro que cuide da gente do que um jovem viciado em drogas que nem o Télió.
- Bem! Você faça o que achar melhor. E como é que pretende dizer isso à sua mãe?
 - Pois é: por isso é que ainda não me decidi. Ele tem insistido para que eu vá morar com ele. Viu como o caso do Neném não aborreceu mais a gente? Ele é quem foi mexer os pauzinhos.
 - Mas isso não é motivo para que vá viver junto com ele.
 - Não! Ele me adora... e me faz tão feliz. Sinto-me tão bem ao lado dele!
 - Acho que sua mãe não vai aprovar.
 - Mas, se eu disser a ela que o filho era dele?
 - Afinal, você estava ou não esperando criança?
 - Sim, não. É apenas uma idéia. Do mesmo modo que eu pensei que estivesse grávida, agora posso dizer a mesma coisa e que ele pretende me assumir.
 - Acho isso uma loucura. Você tem alguma criança aí dentro da barriga?
 - | Não. Juro que não. Aí...
- Falou passando ambas as mãos sobre o ventre achatado e encolhido, a caracterizar que, de fato, dentro dele só as entranhas e mais nada.
- Enquanto isso Sérgio anunciava a primeira apresentação do conjunto, só que não iam ganhar nada. Fora convite. Mas era a grande oportunidade que teriam.
- Sulamita é que andava jururu, desde que tomara conhecimento do próximo enlace da irmã; Carlota, ao despedir-se da Anabela, foi direta para a clínica veterinária e a encontrou cuidando de uma perereca. Vendo-a macambúzia, comentou:
 - Você gosta de meu irmão.
 - Por quê?

- Depois que ele anunciou o casamento com sua irmã, a Mariana, você mudou muito. Pensa que não tenho notado?

- De fato. Agora, a Mariana é que vai ficar, aqui, no meu lugar, cuidando dos bichos e eu vou ficar de fora.
- O que lhe impede de continuar conosco?

Como não soubesse a resposta, Sula deu de ombros e continuou a tarefa. O batráquio havia sido achado por um gato que, se não fosse a intervenção da sua dona, já teria comido uma de suas ancas.

Carlota achegou-se até ela:

- Sabe? Eu preferia que o Marcelo a tivesse escolhido. Vocês se entendem melhor. Sua irmã é literata e nada prática, para viver ao lado de um cuidador de bichos. E eu ainda acho que ele prefira você, só não entendi porque namorou a Mari.

Mais num desabafo, do que, mesmo, por outro motivo, Sula explicou:

- Quando conheci Marcelo, ele já namorava Mariana; era ela, sempre, que levava os cães lá de casa, para vacinar, no posto da Faculdade de Veterinária e lá se conheceram. Um dia, ela trouxe o namorado para a família ver. Como eu tivesse pretensões ao vestibular médico e gostasse muito de animais, seu irmão me ajudou, preparando-me no que faltava, para prestar os exames. Foi só isso.

- Nada mais. E você quer que eu pense que não gosta dele com amor?
- Acho que, entre nós, o que nos une é o trabalho.
- Será? Pago para ver.

Enquanto as duas conversavam, Judith, a colega da Mariana, aparece pela casa da amiga para apanhar umas anotações de aula; as duas se encontram e vão para o quarto das meninas, como dizia, a fim de ficarem mais à vontade. A amiga recém-chegada trazia novidades:

- Sabe aquele fiscal que estive na loja de meu pai? Fingindo lembrar-se vagamente do fato, Mariana, apenas,

comentou:

- Dois fiscais!? Apareceram enquanto eu estava lá? Sei.
- Esses mesmos. Isto é, um deles.

Qual?

- O que examinou os livros.

- E qual deles examinou?
- Um ficou o tempo todo te paquerando; foi o outro.
- A mim?
- Deixa de ser ingênua! Só porque vai se casar...
- E o que tem ele?

Batendo com o dedo direito no peito, para indicar posse, respondeu:

- O meu, que se chama Higino...

Interrompendo a frase, Mariana indaga:

- E o outro, como se chamava?
- Você quer ouvir minha história ou está a fim de interromper?
- Desculpe. Continue.
- Pois é: o Higino foi lá me ver, de novo; marcou um encontro comigo, logo mais. Você acha que eu devo ir?
- Claro. Um pão daqueles! Se o outro for junto, posso te acompanhar.
- Mas você não vai se casar?

Tentando se explicar, Mariana, titubeia com as palavras:

- Eu só iria para fazer companhia, a fim de não deixar ninguém segurando vela. Mais nada.
- Você não gosta do seu noivo?

Enchendo-se de ternura, ela responde:

- É mesmo, ele é tão bom para mim! Não merece que eu faça isso.
- Então, menina! Juízo.
- Mas conta: o outro apareceu por lá?

- Foi, nem imagine! Papai me disse que já era a terceira vez que pintava. Ele, até, ficou com medo que os caras quisessem achacar.

- Parece que eles não são disso.

- E! Mas meu pai já sofreu na mão dessa fiscalização, numa época difícil: aquela em que o governo bloqueou o dinheiro de todo mundo. A tal ministra que se casou com um humorista! Que andou de caso com outro ministro.

- Quem te disse isso?

- Os jornais fizeram um escândalo danado. Admira-me você, que lê tudo o que encontra, não ter visto essa notícia.

- Mas o que foi que disse o cara?

- Ah! Ele apareceu por lá e quando me viu, foi logo falando. Não perdeu tempo. Eu me fingi de sem jeito, mas ele insistiu tanto que eu prometi que, logo mais, depois que fechasse a loja, iria falar com ele.

- Combinaram alguma coisa?

- Ainda não. Vou sugerir que a gente vá até a praia.

- De noite é perigoso. Está cheio de assalto. É melhor vocês irem para um barzinho. Ele tem carro?

- Acho que não; mas isso não é problema. Eu até prefiro. Sabe como é carro: depois que a gente está dentro, ou dá ou desce. E eu não sou dessas coisas: comigo é no direito.

- E mesmo. Por isso é que vou me casar. Nada de carro: na cama é melhor.

As duas ainda conversaram por muito tempo, até que, olhando o relógio, Judith ficou alarmada:

- Estou em cima da hora. Vou chegar atrasada. Será que ele espera? Nem vou em casa.

Disse isso e se precipitou porta afora.

Higino estava impaciente, a pensar que levaria o bolo; quando viu a moça surgir, ficou alegre a tal ponto que chegou a se comprometer:

- Pensei que não viesse.

- Eu estava na casa daquela minha amiga e colega de escola. Conversamos: eu me distraí.

- Não faz mal, o importante é que veio.

- E seu amigo?

- Você quer saber de mim ou dele?

- Não: é que a Mariana perguntou por ele.

- Mas você não me disse que ela estava noiva?

- E. Vai se casar com um veterinário. A clínica dele está indo de vento em popa.

- Vamos a um cinema?

- Eu preferia ir a um barzinho.

Foram. A princípio, separados pelo vazio, depois, de mãos dadas. E lá ficaram bebericando até que a moça sussurrou:

- Tenho que ir. Moro sozinha com meu pai. Mamãe morreu. Eu é que cuido dele. Se demorar, vai ficar assustado.

Higino achou mais do que justo aquela ponderação e tão enlevado estava que nem soube como lamentar a orfandade da moça. Depois de deixá-la em casa, nem deu conta de que estava sendo seguido por dois marginais. A sorte dele é que uma patrulhinha passou por ali e foi abordar os três, a fim de saber o que faziam.

O rapaz identificou-se como funcionário da Secretaria de Finanças e foi liberado no ato. Os outros dois foram pegos com os revólveres na cintura. Higino tratou de cair fora, enquanto era tempo.

No dia seguinte, comentou o fato com Messias:

- Puxa vida! Que aperto. Minha sorte é que eu tinha essa carterinha do trabalho.

- Pois é. Tem um colega nosso que foi assaltado. Roubaram a carteira dele. Aí, ele se atracou com o bandido.

Na hora em que a polícia apareceu, levou todo o mundo; na delegacia, o bandido pagou a fiança com o dinheiro que roubou e ele, que tinha sido roubado, ficou preso. Nem o documento, conferiram. Só quando amanheceu o dia é que ele conseguiu falar com a repartição e foram lá, libertá-lo.

- É essa a polícia que temos.

- O caso dele foi comentado nos jornais.

- E ninguém apura nada!

- eu não sei se temo mais os bandidos do que os policiais achacadores.

- Felizmente, não todos: ainda há um grande número de gente de bem atuando contra o crime. Eu mesmo tenho alguns amigos lá dentro que são madeira de lei.

- Só que a maioria deles foi para a geladeira.

34 A nova vida da faveia

A vida estava tão difícil que, muita gente pobre, de bem, fora obrigada a abandonar suas antigas casas para irem se abrigar nas favelas. A miséria grassava por todos os lados. A corrupção desenfreada do governo, inventando impostos e ignorando o pudor público estava levando o povo à falência, o que foi a causa do aumento de barracos e, assim, as favelas se encheram de gente: A princípio, um, depois outro, uma família aqui, outra acolá, tudo desregrado, sem a mínima postura habitacional. Enfim: um amontoado, e nada mais do que isso. Favela já não era mais sinônimo de gente desleixada e antisocial. Tornara-se o conjunto da própria miséria econômica.

Não houve jeito de detê-la.

O governo olhava tudo isso com total indiferença: sabia que aquela gente tinha que viver em algum lugar; não se podia cometer nenhum genocídio, sob pena de os outros países protestarem, principalmente depois da instituição de uma série de organizações de “direitos humanos”.

Lá estava a favela do morro! Aquela turma do *fait néan* que não queria nada com o trabalho, perdera-se no meio de uma grande multidão de trabalhadores que madrugavam pelas ladeiras abaixo, em busca da sua labuta diária. O desemprego foi outro grande fator para a transformação das velhas favelas onde a promiscuidade era o peculiar, para dar lugar a um conjunto habitacional de pessoas que, apenas, tentam sobreviver à sanha de uma política sórdida de corrupção e desmandos, imperando impunemente nos Poderes constituídos.

O crime instituído apenas servia-se disso e procurava tirar proveito do abandono em que aquela gente vivia, dando-**lhe** uma aparente proteção que os governos estavam longe **de** prestar.

Muitas pessoas aderiam aos líderes da marginalidade porque viam nisso a única proteção e o possível amparo nos momentos de dificuldade. Era com os ditos malfetores que eles se haviam nos momentos difíceis e não raro, os que, por acaso, se insurgiam contra essas quadrilhas, tinham fim trágico, sem qualquer defesa ou sem amparo da lei. o jeito era aderir.

Margarida havia se mudado do casarão novo. Agora vivia com o Jorjão, fora do morro; no seu lugar, Zeca colocara um crioulinha roliça, desajeitada para certas coisas, mas que, numa cama, sabia o que fazer. Quando Dores chegou, foi esta quem a recebeu. Não a conhecia; ficou desconfiada, pensando que fosse algum cacho do Zeca. A coisa serenou quando Dores perguntou por Margarida.

- Ah! Moça: num mora mais aqui. Só eu.

- Bolas! Em um mês tudo isso aqui muda.

Nem pôde entrar. Desceu a ladeira e foi ter ao bar onde normalmente podia conseguir informações. Estava tudo diferente. Bem em frente havia uma guarita policial. Estranhou o fato; não tinha ninguém para quem perguntar, a fim de se informar, de sorte que saiu em busca de algum lugar em que não tivesse havido mudança. Quem a viu foi Caramelo. Veio correndo, sacudindo o rabo, lambendo-lhe as mãos.

Ela pegou-o no colo. Logo apareceu um mal encarado para lhe dizer:

, - Dona: esse cão tem amo.

Caramelo tinha “amo”. Vejam só, como tudo muda! Sem responder, continuou ouvindo o que o outro lhe dizia:

, - Ele é o mascote do Quimbau.

- Quem é Quimbau?

- A senhora num é daqui.

- Eu sou, e dos velhos tempos: você é que é novo na praça. Caramelo é meu cão.

O indivíduo mal encarado olhava-a desconfiado; aliás, sua função era essa: observar os estranhos. Ninguém podia transitar pela região sem que ele observasse nem ficasse a par do que queria, por isso, indagou-lhe:

- o que é que faz por aqui?

Acostumada aos “bons” tempos, Dores olhou-o com descaso e, respondendo de lado:

- Tenho que lhe dar satisfação, ó calhorda? Cadê o Biba?

- Mestre Biba?

- Ele mesmo.

Bem: esta conhecia alguém importante, por isso, era melhor manear do que entrar de chofre.

- Mestre Biba tá no casarão.

- E o Joça, conhece?

- Tá lá tomém.

Caramelo foi acompanhando-a. E, mais por instinto, acabou servindo-lhe de guia; rumou direto para o tal “casarão”, a fortaleza do tráfico de drogas. Na porta, começou a dar pulinhos de contentamento, como se soubesse que servira de condutor e acertara o rumo.

Pela segunda vez, naquele dia, ao se deparar com o pequeno cão, tão animado, sentia a presença do noivo da

“pa-troinha” e não sabia explicar o porquê, afinal, só se deitara com ele, uma única vez e, nem por isso, fora uma relação marcante, senão pela experiência que seu parceiro demonstrou, e nada mais. Não se empolgara por ele a ponto de o sentir daquele jeito.

Fez essas conjecturas e lembrou-se que, depois do dia em que lhe dera o endereço da casa de espetáculos em que dona Augusta se despia, nunca mais aparecera; tinha sido sintomático, pensava ela:

- Será que ele viu aquela pouca vergonha? Se viu, o que teria feito? Se fosse um daqueles machões que tanto conhecia, tinha lhe dado uns bons tapas.

Como estivesse para ir ao seu encontro, pensou, mesmo, em perguntar pelo rapaz, só não sabia como faria, para não despertar suspeitas. Parou de pensar nisso porque, diante dela estava um dos capangas do casarão interpelando-a:

- Deseja alguma coisa, moça?
- Sou prima do Zeca (não era, mas convinha passar por parenta) e criei o Joça. Eles estão aí?
- Vou ver. - Falou e, quando já ia entrando, voltou para perguntar: - Quem é a dona?
- Dores; eles sabem quem é.

Não demorou quase nada e o mesmo indivíduo voltou, entreabrindo a porta, num comando seco para a recém chegada:

I Entre.

Ela se pôs numa sala ampla com enorme mesa e, pelas paredes, bem distribuído, um armamento de fazer inveja a muitas delegacias de polícia. Zeca veio lá de dentro:

- | Bons olhos!
- Salve, Zeca. Vim ver a Marga e só encontrei uma “nigri-nha” arrepiada, na casa d’ocês.
- Ah! Ela ficou lá porque a mana se mudou.
- E te deixou abandonado?
- Foi morar com o chefão. Sabe como é.

| Então, é bom eu não ir lá.

I Vai ser difícil entrar: é uma fortaleza fora daqui. Tem senha e tudo.

- Então deixa! Eu quis aproveitar hoje, que é meu dia de folga...

Ainda conversaram um pouco mais, sempre sob assistência do Caramelo, que dava voltas pelas pernas da amiga, como se a quisesse de retorno.

Saindo dali, como já anoitecia, resolveu ir direto para se encontrar com Augusta. Era cedo, de sorte que a turma do espetáculo noturno ainda não chegara. Foi direto para o camarim da ama e lá ficou à sua espera. Dormiu recostada num sofá e só deu conta de que alguma coisa acontecia quando ouviu tiros. Acordou espantada. Esfregou os olhos e pôde confirmar que os estampidos se repetiam. De um salto, alcançou a porta e rumou para onde os ouvia. Encontrou uma das bailarinas com um tiro na cabeça, um segurança ferido a bala e, logo adiante, sua patroa, caída no chão, sangrando muito na altura do peito.

Correu para acudi-la, aos brados:

- Que foi, meu Deus, que fizeram com a senhora?

Augusta gemia moribunda; Dores ainda ouviu alguém, às suas costas, dizendo:

- Foi um assalto a mão armada. Os seguranças reagiram.

As ambulâncias custaram a chegar. Augusta ainda vivia, mas sua colega morrera no ato. Caído mais adiante, um dos bandidos fora fulminado com dois tiros a queima roupa. Alguém devia saber do movimento da tesouraria, porque, àquela hora é que faziam os malotes com a fêria da véspera, para enviá-los ao banco e, no meio dos cheques, ia um com dinheiro vivo. Este era o visado.

A polícia veio logo depois, como de costume, com todo estardalhaço:

- Não mexam em nada.

Augusta e o guarda baleado foram removidos para o Hospital Municipal. Fiel à patroa, Dores acompanhou-a dentro da própria ambulância e só saiu do seu lado quando esta foi para a sala de cirurgia. Demorou muitas horas. Operada, ela foi removida para a CTI. A fiel escudeira permaneceu durante todo aquele tempo nos corredores do hospital, à espera de alguém que lhe desse acesso para ver a enferma.

No dia seguinte, à tarde, não agüentando mais, de cansada e faminta, resolveu ir até a casa. Comeu e dormiu. Acordou já era noite. Lembrou-se de que poderia pedir auxílio ao ex-noivo da patroa, porque não adiantava voltar sozinha ao hospital que não a deixariam passar do corredor. E, se pensou, ligou.

Dona Ingrácia atendeu do outro lado. Depois de ouvir o desespero da moça, informou-lhe:

- Ah! Minha filha: ele foi p*ro centro espírita. Você quer ir até lá? Eu lhe dou o endereço.

Minutos após ela estava no saguão de entrada do templo. Perguntou pelo “seu” Messias. Informaram-lhe que ele estava em reunião, na sala de médiuns e que, lá, só abriam a porta depois que a reunião terminasse. O jeito foi

esperar.

35 A revelação

Messias lembrava-se, curiosamente, de que, naquela tarde, há alguns anos atrás, ele estivera com Zezé; tinha sido sorteado no consórcio e retirara um carro de pequeno porte, com uma licença de pára-brisa; dera algum dinheiro por fora, a fim de receber o carro, sem demora; comprara peças sobressalentes além do preço real, pagando o ágio correspondente à transação preferencial. Apesar de Fiscal da Secretaria de Finanças, sabia que tudo aquilo estava mancomunado com a Fiscalização, que possuía uma caixinha para a qual o comércio abusivo contribuía a fim de continuar a praticar seu ágio.

Muito feliz, saíram para dar uma volta rápida pelo quarteirão, a fim de que a companheira estresse o veículo; voltaram rápido, porque a Vovó Florinda, Florência ou Florália estava em trabalho mediúnico. Mal tiveram tempo de dar uma rápida passada pelo quarto da moça, a fim de matar os desejos. Já se despediam aos beijos cinematográficos, dentro do automóvel, quando a própria médium abriu a porta, deparando-se com a cena romântica, meio escandalosa.

E escusado dizer que a senhora foi até o carro, para espanto de ambos, bateu no vidro da frente e soltou seus improperios, arrasando com sua assistente; falava baixo, sem chamar a atenção, porém, suas palavras eram muito duras, terminando com a tradicional frase:

- ...e passe para dentro!

Messias resolveu tomar as dores da amiga;

- A senhora não pode fazer isso com a moça.

E foi falando o que lhe vinha a cabeça, enquanto Zezé, apenas, chorava. Às tantas, para encerrar sua defesa, ele bradou, meio alterado:

- ...Simplesmente, por ser sua patroa, a senhora não pode mandar nela desse jeito!

Zezé não se agüentou: em prantos, tapando a boca do rapaz confessou:

- É minha mãe.

Messias parou estático, custando a entender o que ouvira. A essa altura, a moça se ajeitou, abriu a porta do carro e saiu, correndo para dentro. Boquiaberto, o único ato que soube desempenhar, foi beijar a mão da senhora, olhando-a carinhosamente, para lhe dizer:

- A senhora me perdoa.

Saíra dali arrasado, contudo, ainda passara em casa, para mostrar o carro aos pais e, depois de comemorarem

juntos, foi direto para o Centro; muito abalado, quase não conversou com ninguém. Sentou-se ao lado da médium dona Graça e lá ficou perdido em seus pensamentos.

Já estava para terminar a reunião, quando uma entidade, muito aflita, se “incorporou” na médium. O Presidente da reunião fez uma pequena prece para o sofredor, pedindo que os guias o amparassem, depois do que, o espírito manifestante falou:

- Eu fui mulher e pertenci a um grupo filantrópico de senhoras da sociedade.

O presidente, conciliador, interveio:

- Mas se a amiga só praticou o bem, por que está tão angustiada?
- Treda ilusão: só fui ver a realidade das coisas depois que me desencarnei tragicamente assassinada por um tiro proposital, mas que foi tido como bala perdida.

O ambiente ficou tenso; ninguém podia esperar aquela revelação. O espírito continuou:

- Eu vim com a moça que está aí fora; ela me conheceu. Nós praticávamos uma caridade ostensiva lá no morro onde ela morava: levávamos mantimentos com o dinheiro arrecadado pelo grupo, a fim de alimentarmos aquela gente, mas só o fazíamos para que os outros vissem que as damas da sociedade olham para os mendigos. Tudo o que fiz não teve nenhum mérito: foi ofuscado pelas minhas atitudes agressivas. Eu morri por causa do cachorro dessa moça.

E terminou a peroração pedindo:

- Rezem por mim. Estão me dizendo que vou voltar.

36 As Sodas

Enquanto Messias pensava naqueles trágicos dias vividos há algum tempo, seu amigo e colega Higinio ia com Judith, já oficialmente sua namorada, com o consentimento do pai, todo enfarpelado, assistir ao casamento da Mariana com um veterinário, onde seriam padrinhos da noiva.

A igreja estava repleta porque muitos casamentos iriam se realizar; os dois passaram pela lateral e foram até o altar, a fim de se posicionarem devidamente.

Anabela, com o Juiz “seu protetor”, de mãos dadas sob as vistas nada complacentes de seus pais, ficara duas fileiras à frente dos irmãos, que evitavam falar com ela. Todos estavam a par da situação e não aprovavam. O fato é que ambos estavam montando casa para morarem juntos.

Depois do casamento na Igreja, Narciso preparou uma reunião em casa, mais para os familiares do que

protocolar. Quem ficou indócil foi o Vovô, a essa altura, um velho, mas bem tratado animal, perfumado e penteado por Sula; ele ia de um em um, para verificar se encontrava quem queria, ou, pelo menos, passava essa idéia a quem o analisasse friamente. Afinal, não se deparando com o procurado, foi o primeiro a se retirar da festa.

o pai da noiva encomendara um barril de chope, o que não evitou, porém, que, além da tradicional champanhe, houvesse vinho de boa safra para quem preferisse. Sula é que já havia ultrapassado os seus limites e Carlota tentava retirá-la infrutiferamente do salão, para levá-la a seu quarto. Numa dessas insistências, ela protestou:

- Me deixa! Eu quero fazer um brinde ao casal.

Trazia antecipadamente uma garrafa de champanhe que fez alguém abrir. Tinha três taças na mão esquerda e, enquanto derramava a bebida, dentro de uma delas, deixando uma boa parte entornar, falava arrastando as palavras:

- Que minha irmã seja eternamenté feliz! Viva a instituição do casamento!!

Todos perceberam que ela estava embriagada, porém, discretamente, o próprio Marcelo veio, trazendo a esposa, até a colega e cunhada, tomando duas taças, uma deu para Maria- na ficando com a outra. Fingiu que participava do brinde, agradeceu efusivamente e a foi levando para dentro.

Livrando-se do cunhado, a moça foi abraçar a irmã; não se aguentando em pé, descarregou o peso sobre a outra, toda vestida de noiva, promovendo a vídeo-cacetada da noite: as duas caíram sobre o colo de um senhor que saboreava um prato de estrogonofe regado ao molho de creme. Foi uma arriosa involuntária que fez a noiva sentar naquele prato e esparramar comida aos quatro cantos. Mais uma vez Marcelo acudiu e, sem que esperasse, a cunhada pespegou-lhe um beijo na boca, que deixou todo mundo perplexo.

Narciso, vendo aquilo, veio se impor, como pai, chamando a atenção, energicamente, da filha, fazendo-a se retirar com ele, sob os protestos mais veementes que a moça pôde encontrar. Foi a nota destoante de tudo. A festa ficou completamente insossa, depois daquele alvoroço.

Higino estava muito sem jeito, num ambiente onde só conhecia a noiva e, assim mesmo, de passagem, sabendo que seu amigo Messias se simpatizara com ela e que, provavelmente, estivesse vivendo a mesma fossa por que passava aquela moça. Ainda pensou:

- Quem sabe se um não poderia consolar a outra? Anotou isso na memória e se auto-prontificou a tomar as

devidas providências a fim de fazer com que se concretizasse sua idéia.

No dia seguinte, a casa estava uma bagunça. O casal havia viajado, de véspera, no carro da clínica, para passar a lua de mel fora. Depois voltariam para um pequeníssimo apartamento que alugaram, perto da clínica; Augusto César saiu cedo, antes de que mais alguém se levantasse. Anabela passara rapidamente pela festa e saíra com seu companheiro para dormirem num motel. Tentara falar com o pai; não sendo possível, no meio daquele alvoroço todo, resolveu ir-se.

Carlota encontrara um “paquera” que passou a festa inteira dirigindo-lhe uma série de galanteios onde o lugar comum imperava. Ela já estava para estourar quando seus pais vieram chamá-la convidando-a para irem embora. Foi a deixa: quando o rapaz lhe estendeu a mão e lhe fez a tradicional pergunta:

- Quando nos veremos?

Ela lhe respondeu prontamente, saindo, em seguida, sem esperar a contra-resposta:

- Nunca. Ou melhor, um dia depois.

Já para a tarde, Anabela apareceu em casa. Ninguém comentou nada a respeito dessa sua ausência; seria preferível ignorar, porque não iria adiantar em nada. A recepção foi fria, contudo, tentou procurar a mãe para lhe falar; com dificuldade, comentou:

- Nós estivemos lá na Delegacia de Polícia para ver o caso do Nêmio. Arquivaram o processo, sob alegação de que o suspeito do assassinato fora morto a tiros.

Naquele mesmo momento, Higino conversava com seu colega de trabalho. Messias era mais velho do que ele, por isso, fora encarregado de acompanhá-lo, orientando-o no serviço, como Fizera seu antigo companheiro, logo que fora nomeado. Os dois estavam no gabinete, folheando a papelada, a fim de fazer o mapa correspondente. O jovem comentou:

- Sei que você é mais velho e experiente que eu; mais vivido, porém, pela amizade que nasceu entre nós, gostaria de falar com você num assunto da sua intimidade.

- Pois fale.

- Pode ser que esteja errado, mas tive a ligeira impressão de que, apesar de ser bem mais moça do que você, a Mariana representa seu amor!

- Não, Higino: minha vida está meio tumultuada por causa de uma antiga namorada que tive, chamada Ana Lúcia; mineirinha de Belô...

- De onde?
- Belo Horizonte. Nós tivemos um caso, que um dia contarei a você.
- E daí?
- Pensei que ela tivesse me esquecido. Ela veio para o Rio, de vez, segundo falou para minha mãe, por telefone.

Tem telefonado constantemente, à minha procura, só que eu não paro em casa. Deixou um recado dizendo onde está, para que eu a procure. Mas o que você queria dizer?

- E que Mariana casou-se ontem com o tal veterinário. Messias olhou para o amigo, com as vistas perdidas no tempo e apenas murmurou:
- Que sejam felizes.

37 No centro espírita

Voltando àqueles dias passados, quando Messias saiu da sala de reunião encontrou Dores à sua espera. Ela se levantou, de imediato, e foi contando, aos trambulhões, o ocorrido com Augusta. Por fim, complementou:

- Ela, nesse momento, está no Hospital Municipal e ninguém me deixa entrar para vê-la. Os pais, para variar, estão em São Paulo e a tia surda, quando eles viajam, vai para a clínica. Ela e nada seriam a mesma coisa. Vim apelar pra você.

Messias saiu e foram juntos ver sua ex-noiva; pelo caminho, a moça, com toda a curiosidade que a indiscrição lhe permitia, puxa conversa, indagando:

- Sumiu, Você foi lá na boate?

Fui.

- Nada.

Dores não se conteve e acabou perguntando:

- Viu?
- Nua? Vi. Não gostei do corpo dela.
- Você nunca tinha usado?
- Usado como?
- Assim como a gente fez, naquele dia.

Messias riu por dentro, sem transparecer; preferiu não responder e saiu com a evasiva:

- Pergunte a ela.
- Se viver.

Haviam chegado. Messias identificou-se e explicou que estava à procura de certa moça, baleada, que fora internada de véspera. Conseguiu localizá-la; estava fora de perigo: a bala se alojara sob a clavícula direita e fora retirada. Pôde vê-la através do vidro da janela da CTI; estava dopada pelos analgésicos. Saiu dali mais calmo e veio informar à empregada dela que tudo estava bem.

Conversavam quando um senhor, forte, meio puxado na cor, com um bigode diferente, vestindo um blusão escuro sobre uma camisa multicolor, abordou os dois:

- Os senhores são parentes da vítima do 402?

Messias, desconfiado de quem se tratava, preferiu confirmar:

- Quem é essa vítima?

Seu interlocutor pegou uma pequena prancheta que tinha às mãos, folheou suas fichas, detendo-se numa delas, onde leu o nome e as características de Augusta.

Ante isso, Messias apresentou:

- Não. Sou amigo da família; os pais estão para São Paulo e esta - apontando para Dores - é a secretária de trabalho dela.

- Eu sou da polícia (mostrou as credenciais). O senhor sabe que ela foi ferida num tiroteio entre pistoleiros e os seguranças de uma casa de espetáculos...

- ...onde ela trabalha. Sei. - Disse interrompendo a exposição, a fim de ganhar tempo. - Os senhores já apuraram alguma coisa?

O policial deu um sorriso que era mais um esgar do que, mesmo, um gesto camarada e disse:

- Um dos bandidos foi morto por um segurança à queima-roupa, depois de rendido, e nós temos que apurar isso.

- E o tiro que deram nessa moça?

O policial disfarçou, fingiu-se de mouco e continuou:

- A comissão dos direitos humanos está lá na delegacia, fazendo protestos contra o assassinato do indefeso, alegando que ele depusera as armas e que o segurança atirara covardemente nele.

- Eles não estão preocupados com as pessoas de bem que foram feridas? Pelo que soube, uma das colegas de trabalho da minha amiga também foi morta.

- O senhor sabe como é essa gente dos direitos humanos: nós temos ordem de atendê-los.

- Sei: vivemos um governo onde só os bandidos têm direitos.

O policial não gostou, mas engoliu em seco. Ainda insistiu:

- O senhor sabe de alguma coisa que possa nos ajudar.

- Não, meu senhor. Nem eu nem esta moça.

Dores ainda tentou interrompê-lo para falar qualquer coisa, sem conseguir, porque Messias, contendo-a com um gesto brusco, completou o que ia dizendo:

- Nós estávamos em lugares diferentes quando fomos informados do fato. Estamos chegando aqui, há poucos momentos para saber como está a vítima dos bandidos, já que os senhores só se interessam pelos meliantes.

- Mas a moça já esteve aqui antes.

-Eo que ela ia dizer: recebeu o aviso em casa e veio direto. Depois é que me localizou, porque os pais da moça estão em São Paulo.

O policial coçou a cabeça e preferiu dar a conversa por encerrada. Quando se afastou, Messias explicou a Dores:

- Já viu que é melhor você não se meter nisso. Se disser que estava lá, na hora, eles vão querer que você identifique o segurança que baleou o bandido, porque ele é que vai acabar sendo preso. Você ainda não conhece nosso governo?

A moça calou-se, dando de ombros.

Depois disso, Messias soube que, pelo estado em que se encontrava, Augusta ainda permaneceria por mais quarenta e oito horas no CTI, quando seria examinada, para ver se saía de lá.

A vista disso, Dores resolveu procurar Mestre Biba. Rumou célere para o casarão onde encontrou o mesmo vigia da antevéspera; reconhecendo-a, mandou logo entrar e foi chamar o Zeca. Por acaso, Biba também estava. Com a velha intimidade, por tê-lo conhecido garoto, esqueceu-se de chamá-lo de “mestre”, o que foi advertida pelo Zeca.

Meio atrapalhada, foi explicando o acontecido, sem esconder nada, afinal, estava entre sua gente e neles podia confiar. Para não perder tempo, Biba entra direto no assunto:

- O que ocê quer que eu faça?

- Livrar a cara desse segurança da boate, que é meu amigo. Além disso, ele atirou para que o outro não o matasse.

- Já transou com esse cara?

- Não, Biba. Lá é proibido essas coisas entre o pessoal da casa. É um negócio de mulher nua que não pode degradingolar.

Voltando-se para dentro, Biba indaga a um comparsa:

- Você sabe se essa boate paga proteção pra gente?

- Ondé quela fica?

Dores deu o endereço ao que, o outro respondeu:

l Isso é área do Mangue das Garças. Não é nosso.

Voltando-se para Dores, conciliou:

- Tá bem! Vou vê o que faço pro seu amiguinho.

Dores sabia que, entre eles, ninguém enganava ninguém:

o que dissesse seria verdade, por isso ela não lhe escondera nada a respeito do ocorrido, pelo menos, do que vira e soubera.

De fato, o segurança disparara dois certos tiros no assaltante depois que esse lhe assestara sem êxito o último cartucho de seu revolver e, vendo que estava perdido, levantara ambos os braços, tendo o revolver pendurado pela alça do gatilho no dedo médio da mão direita.

Para o grupo dos direitos humanos, o que valia era a posição em que se encontrava o bandido na hora em que fora baleado; o simples fato de ele ter acertado um dos vigias e errado o resto da munição não tinha nenhum sentido.

No meio desse grupo estava um líder do Partido Ecológico, que primava pela defesa do meio ambiente; era um dos maiores defensores dos direitos humanos:

- Estão poluindo nosso país, manchando-o de sangue!

Evidentemente, ele falava do sangue do bandido morto, porque, de fato, de criminosos dessa laia, o sangue é um poluidor dos mais perniciosos.

Despedindo-se da turma, soube que Berta havia sofrido um desastre de automóvel, com um outro amigo,

menor de idade, que ia em sua companhia; ambos tiveram fraturas generalizadas por várias partes do corpo. Berta, apesar de ainda hospitalizado, estava sendo processado porque levava um menor; o fato de ter roubado o carro, fora omitido.

- Não se preocupe com o Berta. Ele está de molho, mesmo!

38 'Enfim, a grande revelação

Depois que deixou Higino, Messias voltou para casa, lembrando-se do que ocorrera há tempos, quando vira Ana Lúcia pela segunda vez: Margarida, depois do encontro naquela confeitaria, cumprira o prometido, isto é, ligeira para Messias avisando-o de que a moreninha de Minas havia chegado e estava doida para vê-lo.

Pegou seu carro novo, levou até a Inspetoria, onde se identificou como fiscal, dando, assim mesmo, uma gorjeta ao em-placador para que o liberasse o mais rápido possível. Depois, foi dirigindo-o muito perigosamente, porque ainda não pegara traquejo. Fizera um curso de motorista e pagara pela carteira, para se livrar do exame. Agora, estava vendo a dificuldade que tinha em dirigir, sem treino. Assim mesmo, chegou inteiro à casa da amiga.

Aninha veio correndo falar com ele; abraçaram-se como se fossem velhos conhecidos.

Aqueles dias que se seguiram foram de passeios e lazer. Divertiam-se às baldas e, com isso, a intimidade começava a nascer entre ambos: primeiro um beijo carinhoso, mais outro, e cada vez mais íntimo, até que um dia, acabaram deitados numa areia de praia, dessas que ficam longe da cidade e que, à noite só namorados e amantes freqüentam.

Ainda virgem, vestindo um casaco de frio, Aninha, naquele primeiro contacto, deixara-se levar pelo carinho que tinha pelo companheiro e lá se foi a intimidade, de uma forma precária. O rapaz só dera pela conta quando a viu com indícios de sangue que manchava o forro do casaco sobre o qual deitara sem tirar.

Messias, contristado, não teve coragem de perguntar nada; tinha sido um momento de prazer como os demais que já tivera, só que, as outras não se queixavam da virgindade.

Voltaram, aquela noite, para casa, sem se falar. Messias não imaginava as conseqüências do seu ato, mas pressentia que alguma avalanche estava prestes a desabar.

Precisava ir ver Zezé, para falar-lhe; só não tinha coragem, depois daquela revelação, além disso, todo o tempo disponível que tinha dedicava-o à Ana Lúcia.

O próximo passo na intimidade de ambos foi dado na cama de um motel, não só pelo conforto como porque souberam que, na noite anterior, uma gang de pivetes havia atacado os casais, lá naquela praia em que estiveram.

O caminho já estava aberto e o melhor seria aproveitarem.

Foi um período delicioso. Por via das dúvidas, Messias procurou saber como era o problema para não engravidar a menina, cuidado que nunca tivera com Zezé, que sabia se virar sozinha e não era caloura como Ana Lúcia; ensinaram-lhe a tabela japonesa onde só precisava se resguardar no período fértil; de alguma forma, tudo funcionou bem e sem riscos.

No fim do mês, Ana voltou para seu Estado. Foi quando ele pôde procurar a Vovó Florinda. Se pensou, tomou a deliberação de ir lá, não só para se explicar como para saber a história maluca do seu parentesco com a Zezé.

Talvez, mais pela curiosidade do que por qualquer outro motivo, lá foi ele para a taba da *médium vidente*. Tocou a campainha. Zezé veio atendê-lo, mesmo sabendo, pelo visor da porta, de quem se tratava, abriu-a para que entrasse. Parou em pé, de frente dele:

- O que você quer?
- Gostaria de conversar com sua mãe. Não é sua mãe?
- É. O que você quer com ela?
- Desculpar-me: fui tão grosseiro naquele dia, pensando que ela fosse sua patroa...

Zezé cruzara os braços diante do busto e se pusera, em pé, na entrada da varanda, bloqueando a passagem do visitante. Rispidamente, comentou:

- Não precisa; já se desculpou.

Não vendo meios para que ela permitisse sua passagem e como jamais forçaria pela violência, procurou outro argumento:

- Eu sou cliente da “Vovó” e pago pela consulta; tenho o direito de ser atendido como qualquer outro.

A moça deixou-o ali, em pé, certa de que não se arredaria enquanto não voltasse; fez meia volta, displicente, entrando pela sala. Voltou pouco depois, informando:

- Ela vem conversar com você aqui na varanda.

Demorou. Messias já estava irrequieto quando a senhora apareceu; junto, sua filha trazia duas cadeiras portáteis, colocando-as meio de lado, onde os dois se sentaram instintivamente.

Gaguejando um pouco, Messias conseguiu articular as primeiras palavras:

- Eu não sei como me desculpar.

- Pois é, meu filho.

E a conversa começou a se desenvolver gradativamente; a senhora descrevia os dissabores por que passara; enquanto isso, Messias a ouvia sem dizer nada. Chegou a pensar que ali estivesse o enredo que procurara; aliás, ele fora ali, pela primeira vez, na esperança de receber inspiração e agora perguntava a si mesmo:

- Será que é essa a história que procuro?

Depois de falar de uma porção de coisas, a boa senhora completou:

- Eu não queria que minha filha passasse pelo que sofri: eu apaixonei-me por um branco, como você, e me entreguei a ele, que só pensava nos prazeres que lhe dava, na minha ingênua ignorância. Quando meus pais souberam que eu estava esperando a Zezé, expulsaram-me de casa. Comi o pão que o diabo amassou; barriguda, passava esfregão e pano, diariamente no piso de um bar infecto, para sobreviver. Você sabe o que é infecto?

- Sei sim senhora.

- Pois é: até que descobri que tinha esse dom mediúni- co; nunca freqüentei nenhum centro espírita, mas vi muita mulher inescrupulosa dizer-se médium e ganhar dinheiro fácil, sem se prostituir.

- Mas a senhora não acha que essas enganadoras estão prostituindo sua própria alma?

- Só que eu recebia auxílio espiritual; as entidades falavam comigo. Eu cursei a Escola Normal e só não cheguei a ser professora porque não fui classificada no exame de seleção; no meu ano, abriram as inscrições para toda e qualquer normalista, mesmo as de escolas particulares, que até então não existiam. Foi um jogo político.

- Quer dizer que a senhora tem estudo?

- Poderia ser uma professora primária do Estado e estar ganhando uma miséria. Consegui educar Zezé às custas de muito tanque de roupa. Ela fez até a escola de enfermagem. Não lhe contou?

- Não senhora. E por que largou?

- Essa desmiolada se apaixonou por um interno e foi passar a noite com ele, enquanto um paciente neurótico se desesperava e caiu da cama, com uma porção de drenos, morrendo.

A moça, que ouvia a conversa, corou; de parda parecia um gringo ao sol dos trópicos.

A mãe continuou:

- É uma desmiolada pelo sexo: apaixona-se rapidamente. Eu não: entreguei-me por amor e nunca mais tive outro homem. Quando os espíritos começaram a me ajudar, fui obrigada a prometer que atenderia os ricos, cobrando, e socorreria os pobres fechando a vista para qualquer recompensa. Enquanto eu cumprisse esse lema e

ajudasse aos que precisam, eles estariam do meu lado.

Messias se espantava ante tamanha revelação. Nesse ponto, comentou:

- Mas a senhora chama seu terreiro de taba.

- Porque meu guia principal é um pajé. Eu nunca entrei em nenhum terreiro; o que aqui pratico são eles que me orientam.

Depois de muita conversa, ela concluiu:

- Moço: Zezé não é para seu porte; esqueça-a, em benefício de ambos. Estão me dizendo que, nessa vida, vocês não têm nenhum pacto de correspondência, por isso, não está no destino dos dois viverem juntos. Seu destino está ao lado de outra pessoa. Ouça-me: eu só quero o bem da minha filha. Se achasse que ela poderia ser feliz com o moço, seria a primeira a fazer força para isso.

39 Um assalto em casa

Quando voltava para casa e já abria o portão, Sulamita viu um homem alto, magro, de fisionomia fechada, cor negra e, de súbito, colocar-lhe um revolver na nuca, segurando o corpo com uma gravata de braço pelo pescoço. Não teve tempo nem de gritar.

Um pouco mais afastado, outro homem claro, de feições lombrosianas, observava o fato, com outro revolver na mão, provavelmente para dar garantias ao assaltante. Não houve como evitar: dentro de casa, um terceiro, com feições caboclas, ia dominando os demais que, no caso, se resumiam ao César, à sua mãe e a uma empregada; levou a todos para o banheiro e os trancou lá, obrigando Ethelvina, nesse ínterim, a lhe mostrar todas as dependências da casa, jóias e que mais pudessem levar.

Colocaram tudo o que puderam dentro do carro de Augusto César, que estava estacionado na garagem e que ele adquirira há pouco tempo. Fizeram uma limpeza geral.

No banheiro, os moradores da casa não sabiam o que fazer, quando ouvem Sérgio Ricardo entrar assobiando, como era de seu costume, para alertar pela chegada. Temeram o pior; felizmente, os bandidos já haviam se evadido.

Dessa feita, a Polícia não foi chamada a tempo. César tinha um colega do tempo de escola primária que era investigador. Foi procurá-lo e recebeu dele todo o apoio a fim de saírem em busca do prejuízo. O processo foi muito demorado; Sula, vendo o livro de fotografias da coleção dos fichados, reconheceu, entre elas, a fisionomia do homem claro que não participara diretamente do assalto, mas que os observava atentamente. O investigador,

amigo do seu irmão, exultou com aquilo: pelo menos, tinham uma pista para começar.

Enquanto isso, Anabela e seu querido Juiz foram morar juntos, em definitivo; ele tinha pela jovem um carinho inusitado, a ponto de os pais da moça acharem que sua sorte não fora tão ruim quanto podia parecer, embora não aceitassem aquela vida de amigação, que, para uma família tradicional, não passava de uma indecorosa irregularidade.

Marcelo e Mariana vivem bem, embora não se pudesse dizer que fossem um casal completo; quem estava para se casar era Higino, com Judith, colega de classe da Mariana que, a essa altura, já se formara. Visitavam-se freqüentemente e toda vez que isso acontecia, a esposa de Marcelo sempre perguntava pelo amigo do noivo de sua colega e dizia francamente:

- Se eu não me casasse com Marcelo, teria namorado ele.

A amiga ainda brincava com ela:

- Toma jeito, que agora você é casada e tem um bom marido! Não vá pular janela.

Mariana ria, simplesmente.

Quem não estava bem era o velho *poodle* Vovô: a idade não lhe permitia maiores oportunidades e Marcelo já vaticinara que ele viveria muito pouco tempo, talvez nem o suficiente para ver as coisas melhorarem, com as novas eleições que se aproximavam.

Télio, filho do Juiz, fora preso praticando assalto com um bando de rapazes viciados em drogas. Desta feita, o pai nada fizera para ajudar o filho e ainda dizia:

- Tentei, de todas as formas, tirá-lo desse caminho: cheguei a interná-lo numa clínica, mas a mãe dele, que o paparica demais, foi lá e o levou para casa, como responsável pela sua tutela. Ela que se arrume.

Quem estava noiva era Carlota, só que, sempre que seu parceiro investia para o lado da intimidade, ela respondia-lhe:

- Já tive uma amiga que passou sérios apuros por causa disso. Só pretendo me entregar depois do casamento. Podem me chamar de ultrapassada, de tudo o mais que quiserem, mas essa vai ser a minha regra.

O resto corria dentro dos conformes, como dizia Narciso. Se não corria, andava, porque, depois de afastarem o Presidente da República, o vice que assumiu, por tentar fazer um governo honesto, era altamente criticado pelos políticos sob a pecha de *incompetente*.

40 'Pela última vez

Dores subira o morro pela última vez; já havia estado com a irmã, conversara longamente com ela e lhe explicara que, depois que a “patroinha” fora baleada, os pais dela exigiam que fossem para São Paulo, de vez, onde ele tinha um movimento comercial razoável e, como adquirira uma fazendola próxima do seu negócio, pretendia mudar-se em definitivo! para suas terras. Venderia o apartamento onde ela trabalhava e iriam todos ser sitiantes.

Ela topara o convite. Desde que o filho fora assassinado, não via razão de viver ali. A mãe também viera a desencarnar, talvez, até, de desgosto. Lutar pela punição do que atirara pelas costas do rapaz era ação inócua, de sorte que nada mais esperava ali. Estavam de partida: ia, apenas, despedir-se do Caramelo. Não podia levá-lo, porque os patrões, na certa, não o aceitariam; mas queria vê-lo pela última vez.

Chegou em má hora, no morro. A turma tentara assaltar um banco e um dos novatos precipitou-se na saída, levandoH um tiro de um dos seguranças contratados *pelo* comércio local. Na linguagem deles, a ação abortara e, se não fosse alguns poucos trocados que alguns haviam recolhido dos caixas, teriam voltado com as mãos vazias.

Na fuga, um dos carros roubados para a evasão *batera* em outros veículos parados, ao tentar manobra ousada. Por sorte, os bandidos puderam sair, ante a covardia popular, e se evadirem sem que ninguém os molestasse.

Depois de ouvir as últimas novidades, *ela indagou:*

—E oZeca?

— Foi nomeado para a Polícia; agora é nosso *olheiro* e informante lá de dentro.

— Quer dizer que virou tira?

- Nem mais nem menos.

Joça temia pela sorte do Caramelo e queria que Dores o levasse dali, porque, sendo o mascote do grupo, na certa, a ira daqueles homens virar-se-ia contra ele, o que seria o seu fim, virando alvo de peritos atiradores.

Dores acariciou com ternura o seu adorado cãozinho mas explicou ao rapaz que, infelizmente, não poderia fazer nada por ele. Despediu-se e se foi.

Desolado, vendo-a ao longe, ainda conclamou, falando para o cão, como se ele o entendesse:

- Foge, Caramelo, vai atrás da sua dona, enquanto é tempo, se você pretende viver.

Parece que o animal compreendera tudo e saiu numa disparada, atrás da sua dona; só teve tempo de vê-la

entrar no ônibus sem que percebesse sua carreira.

E ele Ficou só e abandonado.

Começaram as suas agruras, perambulando de beco em beco, a fim de evitar que fosse escorraçado pelos transeuntes que não gostam de ver cães vadios pelas ruas. Sofreu e pagou todas as suas dívidas, considerando que as pudesse ter, à procura de um abrigo que o acolhesse.

Foi assim que, um dia, viu aquele portão entreaberto, que alguém esquecera de trancar e algo que lhe chamava para seu interior dizendo-lhe:

- Vem, que aqui terá abrigo.

E teve.

41 Último capítulo

A casa dos Mendes estava em festa: O Juiz Doutor Aqui- no conseguira o divórcio e resolvera casar-se com Anabela, para isso, formalizaria o pedido oficial, para gáudio de todos. A família resolveu tornar o ato solene em festividade para os mais íntimos e arregimentara um churrasco, para o que contratara um churrasqueiro especializado no assunto.

Sérgio Ricardo armava os instrumentos do pessoal, porque iriam tocar na reunião.

Sula, ajudada pela irmã e a cunhada que vieram, de véspera fazer a arrumação da casa, havia adornado tudo com bandeirolas e uma porção de aparatos

Cedo, Augusto César fora chamado pelo seu amigo policial, para conversarem. Era o único que não estava na faina matinal, ajudando nos preparativos.

Higino pedira licença para convidar Messias e fora até sua casa a fim de avisá-lo. Passaram longo tempo conversando e este lhe revelou que estava atrapalhado, porque uma velha namorada que se entregara a ele em tempos idos, ao perder a mãe, viera para morarem juntos. A princípio, se alojara no quarto da irmã, mas, com o tempo, acabou se transferindo para seu quarto, ante o escândalo geral da família. Ele não pudera evitar o problema. O amigo pergunta-lhe:

- Como isso aconteceu?

- Ela viajou para cá, ficou me telefonando a fim de dar a notícia de que seu pai, já viúvo, amigara-se com uma antiga amásia e ela, para não ir morar com eles, embarcara optando pela minha companhia.

- Eu conheço?

- Talvez não se lembre dela: chama-se Ana Lúcia, mas é conhecida por Aninha. Já saímos juntos, eu, você, ela e JuQuh.

- É. Lembro-me vagamente. Era uma mineira bonitinha.

- E foguenta...

- Como foi que você foi metê-la em sua casa?

- Não meti. Deixou-me vários recados, dando o endereço p[^]ra procurá-la, depois, resolveu, ela mesma, pegar um táxi, com toda a bagagem e desembarcar lá em casa. Quando cheguei do trabalho já a encontrei aboletada; como Mag, minha irmã, a conhecia, levou-a para se alojar no seu quarto.

- E agora?

- Ela foi a Minas ver o inventário da mãe dela; parece que lhe deixou bens.

- Afinal, vai ou não ao churrasco?

- Não sei.

- Seria uma ótima oportunidade.

E tanto insistiu que acabou levando o rapaz para a festa.

A turma estava animada. O grupo de música executava um *rock paulista*, para desgosto de Narciso, que só gostava de música suave; só não dizia nada porque achava que, no momento, tudo era festa. Anabela ainda não tinha chegado com seu futuro noivo, contudo, a churrasqueira começava a ressarir as lingüiças, que já estavam sendo servidas para os mais famintos.

Quando Messias chegou com os amigos, a festa vivia o auge; logo depois, César volta da delegacia, após uma longa conversa com o policial seu conhecido.

A mãe ousou perguntar-lhe:

- Como foram as coisas por lá?

- Tudo na mesma.

- E por que demorou tanto?

- Estava lá, conversando com meu amigo; ele estava me contando uma porção de coisas. Depois eu falo para a senhora.

- O quê?

- O papo que a gente teve lá. Deixei eu ir comer alguma coisa que, hoje, nem café tomei.

Afastou-se dali porque não queria revelar à mãe o que o amigo lhe dissera, contudo, precisava desabafar e ninguém melhor do que o cunhado veterinário. Este, vendo-o, encetou conversa:

- Algum bicho lhe mordeu?
- Por que? Demonstro isso?

Vendo que o rapaz queria lhe dizer algo, abreviou a conversa pedindo:

- Conta lá, vá!
- Imagine você que o meu amigo me chamou na polícia para dizer que, por ordem do chefe lá de cima, o processo do assalto aqui em casa foi avocado pelo Gabinete.

Marcelo não entendera bem, além disso, não era letrado em ciências jurídicas; vendo-o embaraçado, Mariana entrou na conversa:

- O processo foi avocado por requisição ou simples pedido?
- Ah! Isso eu não sei. Foi pro gabinete e, segundo esse meu amigo, não vai voltar mais, porque a turma do assalto é gente ligada diretamente ao chefe de polícia. E ainda por cima, fomos aconselhados a esquecer, porque se trata de gente da pesada; ainda poderíamos levar a pior.

- Não é possível!
- E. Mas nem deixe mamãe saber, por enquanto: ela está tão feliz com o casamento da Anabela que seria uma lástima estragar-lhe o prazer. Vou comer alguma coisa para ver se me curo da ressaca.

Usando seu proverbial vocabulário, Mariana comentou:

- Vá se curar pela fagoterapia.
- Que troço é esse?
- Curar-se comendo.

De fato, ninguém dissera nada aos pais; Anabela chegou logo a seguir e as atenções foram voltadas para os noivos que vinham felizes. O Juiz, quebrando sua protocolar postura, vestira camisa de manga esporte e foi aderindo à caipirinha que os rapazes serviam.

Sulamita chamou o cunhado para dizer:

- Vovô está muito mal, senão, estaria aqui, vendo um a um os convidados, cheirando cada perna, a procura de nada.
- Vamos lá vê-lo.

De caminho, Mariana, que enchia Messias de atenção, pegou- o pelo braço:

- Não quer ir lá ver, também, o canídeo?

Meio sem jeito e relutante, foi se deixando arrastar, enquanto sua anfitriã indagava:

- Você sofre de lissofobia?

Carlota, que estava junto com o grupo, comentou para o irmão:

- Sua mulher ainda não perdeu essa mania de falar de forma que ninguém entenda?

Para evitar maiores celeumas, a erudita cunhada foi explicando:

- Lissofobia é medo de raiva canina.

Enquanto falavam, chegaram ao galpão onde Vovô fora posto dentro de uma caixa de papelão cheia de jornais. Ele havia saído sem que vissem e estava deitado no chão frio porque não se aguentava, nem arrastar-se.

Vendo-o ali, assim, Sulamita correu até ele, como se quisesse abrigá-lo e notou que o animal fitava longamente o Messias, que, para ela, dever-lhe-ia ser um estranho. Olhava com um olhar vago e gania; gania insistentemente, como se quisesse dizer algo. Mariana comentou:

- E, Messias! Ele gostou de você. Faz uma festinha nele.

Messias aquiesceu. Agachou-se perto do animal e colocou a palma da sua mão direita sob o queixo dele, amparando-o e evitando que tocasse no chão. Súbito, teve um daqueles seus desprendimentos, como se voltasse ao passado e lembrou-se de que houvera tido um *poodle* que sua então noiva Augusta lhe dera de presente num aniversário.

O cãozinho era lindo; quem cuidava dele, dava-lhe banho, catava-lhe as pulgas diariamente e ainda o enchia de perfume era Aparecida, irmã de Messias, mas a paixão do animal era o rapaz, àquela época. Enquanto pequenino, dormia, até, em sua cama e ficava feliz quando ele entrava em casa, de volta de suas andanças, não se separando mais. Ia atrás dele para todos os cantos: até no banheiro e só não entrava no chuveiro porque se acostumara a tomar banho quente, enquanto que aquele que elegera como dono, só gostava de ducha fria.

Naquele instante, enquanto segurava a cabeça do Vovô, viu-se discutindo com o síndico que trazia uma intimação para que se desfizesse do animal, porque o regimento do edifício não permitia que se criasse nenhum bicho lá dentro.

Foi obrigado a levá-lo para casa do tio marinheiro, um casarão que tinha quintal e que poderia abrigar o Pirata, sem maiores problemas. Enquanto revivia aqueles momentos passados, sentia o peso do Pirata na sua mão

direita.

Já num transe mediúnico, adentrou-se pelo portão da casa do tio e, de repente, em vez de se deparar com a fachada fria, sem varanda, daquela morada, viu-se perdido no etéreo e percebeu que, de longe o “sargentão” se deslocava na sua direção. Aguardou. O tio chegou bufando:

- Ufa! Estava muito distante, mas tinha que vir lhe falar: custei a chegar.

Não senti o chão; parecia que não pisava em nada; por sua vez, seu tio não andava, volitava. Ousou perguntar:

- Como está, meu tio?

- Bem, felizmente. Apesar daquele meu espírito revoltado que me levava para o Comunismo, nunca fiz mal a ninguém e alguns benefícios que andei prestando desinteressadamente, muito me valeram do lado de cá.

- Folgo em saber que o senhor está bem.

- Pois é. Mas estou preocupado com você, meu sobrinho. E, como você sempre me quis muito, permitiram-me que viesse falar-lhe. Ouça-me sem interromper.

Com isso, Messias suspendera a pergunta que pretendia fazer. Achou melhor ouvir o tio. Este o levou a um desfiladeiro e, de uma elevação, mostrou-lhe dois casais. Súbito, percebeu que um daqueles dois homens era ele, sua esposa era Sulamita e o outro casal o veterinário e Mariana.

O tio voltou a falar:

- Vocês se traíam mutuamente, por isso, nesta encarnação, cabia a você ter-se casado com ela - e apontava aquela que lembrava Mariana -, para refazerem esse equívoco, mas parece que voltaram a incidir no mesmo erro. São quatro cabeçudos. Reze, porém, para não voltarem a cometer os mesmos desatinos, já que vão ter nova oportunidade.

- Mas titio, chumbo trocado não dói. Se ambos...

Não terminou a frase; o tio cortou sua fala para esclarecer:

- Isso é promiscuidade e, por causa dela, o mundo está cheio de crimes e de doenças venéreas; cura-se uma, aparece outra. No dia em que o mundo for evoluído, cada um terá seu par certo.

- E agora, o que faço? Foi ela (referindo-se a Mariana) que se casou primeiro.

- O que você tem que fazer é não cometer novamente o mesmo erro. Tenho que ir. Seus amigos lhe chamam. Dê-me o Pirata que vou levá-lo comigo: ele já sofreu muito.

Falou e retirou o cãozinho da sua mão, afastando-se com ele.

De repente, Messias desperta, ouvindo uma voz muito distante, chamar-lhe angustiosamente. Era Sulamita que o vendo acoradado e muito pálido, fora de si, começou a chamá-lo com insistência a dizer:

- Messias! Messias! Está sentindo alguma coisa?

Acordou espantado e custou a compreender o que estava acontecendo. Estranhou tudo em volta e demorou a colocar a cabeça no lugar. Coisa estranha havia acontecido com ele!

Vovô morrera serenamente com a cabeça apoiada em sua mão.

‘Epílogo

Muito tempo se passara; os desmandos haviam sido tantos que o candidato do governo daquele ano perdera as eleições; o que o sucedera havia sido muito pior, de sorte que o povo, como possui memória curta, tornou a eleger o que já fora derrotado, anteriormente, nas urnas, que representava, na época, a criminalidade no Poder.

Na verdade, o que os eleitores querem é se desferrar de um mau governo.

Messias reclamava a todos, indistintamente, acusando de fraude as eleições porque, em ambas, o nome dos respectivos candidatos que escrevera em suas cédulas para deputado não aparecera com nenhum voto em sua seção eleitoral.

Ele se desenvolvera nos desprendimentos e, por vezes, era muito útil, porque via muita coisa para auxiliar as pessoas. O Espanhol desencarnara e, em seu lugar, ficara um bom senhor, um pouco sem tarimba para lidar com os médiuns, desajeitado e até meio trapalhão, de sorte que dona Graça Maria Serda havia se desligado dos trabalhos mediúnicos.

Ana Lúcia, a mineirinha, vivera com Messias durante algum tempo; para evitar aborrecimentos na casa paterna, ele alugara um conjugado para morarem e lá levavam sua vida, até que a companheira cansou da monotonia diária; aborreceu a vida e resolveu tomar novos rumos. O que gostava era da aventura, dos encontros furtivos e perigosos, em lugares curiosos. Na verdade, idolatrava o sexo, porém variado em suas formas, de sorte que a vida conjugal de dona de casa, não a atraindo, fê-la mudar-se de ares. Encontrou um moto-queiro que, num belo dia, a colocou numa garupa, e lá foi ela, rumo a novas cidades, morando sem pouso certo.

Sozinho, Messias voltou a se aproximar de Sulamita; agora eram íntimos amigos e ele lhe fazia suas confidências; o tempo passara: no dia em que Judith e Higino se casaram, aproveitou para revelar à veterinária toda visão que tivera, levado pelo tio, por isso se afastara dela, a fim de não repetir os erros da vida passada.

- Mas que erros? - Perguntava-lhe a amiga, depois de ter ouvido toda a história da visão.

- Nós éramos dois casais, como voltaremos a ser, se nos unirmos em matrimônio. Pelo que deduzi, é que prevaricávamos, trocando de parceria e voltamos para corrigir esse procedimento leviano da vida passada.

- Não há perigo. Marcelo é meu cunhado e não é nenhum devasso. Pelo menos, assim tem demonstrado. Parece que se corrigiu dessa vida anterior. Eu o amei, mas aprendi a esquecer-lo.

Riram da conversa, mas o fato é que, com os costumeiros encontros, acabaram se namorando e trocando, além das confidências, as intimidades.

Por essa época, na sessão mediúcnica apareceu o seu Luiz, melhor falando, Antônio Luiz, com “z”, porém conhecido pelo nome mais curto. Era um médium extraordinário, todavia totalmente inconsciente, de sorte que, quando era influenciado por um obsessor, este fazia dele o que queria, em compensação, muita comunicação fora identificada, com tanta firmeza que os seus assistentes jamais poderiam levantar dúvidas de sua veracidade.

Numa dessas últimas reuniões, comunicou-se por seu intermédio, um espírito muito aflito, pedindo que orassem por ele. Depois de uma prece comovida, o presidente indaga-lhe para saber o que estava ocorrendo. Então ele fez a terrível revelação:

Eu devia nascer filha dela.

- De quem?

| Esse moço a conhece -. Indicou Messias.

O presidente da reunião ia-lhe fazer uma outra pergunta, inoportuna; a um gesto incisivo do Messias, mandando-o esperar, calou-se e deixou a mensagem fruir. O espírito voltou a explicar:

| Essa é a quarta tentativa que faço para nascer filha dela. Ele é que não quer; desde a primeira vez, ordenou que me tirassem, por isso, dessa feita, eu a imantei de tal modo que, para se livrar de mim, seria quase impossível. Assim mesmo, ele mandou-me arrancar do ventre dela. Isso fez com que nós duas angariássemos um terrível débito para a próxima encarnação: estamos tão presas, uma à outra que vamos nascer juntas para que a cirurgia terrena nos separe.

Dessa feita, o presidente, um tipo despreparado, que só sabe fazer preces em últimas circunstâncias e perguntas impróprias, apesar da cara feia do Messias, não se conteve e indagou:

- Por que estão tão presas uma à outra?

- Ela tem um débito comigo, de encarnação passada e teria que me educar como filha para corrigir isso,

dando-me a formação que não permitiu que tivesse, na vida anterior.

O presidente voltou a insistir:

- E não poderia nos revelar que débito é esse?

O espírito calou-se. O presidente insistiu na pergunta. Para evitar a terceira vez, a entidade falou categórica:

- Não!

Messias perdeu a paciência:

- Por que é que o senhor não deixa o espírito falar?

Ante tanta irreverência, o presidente ousou perguntar ao próprio Messias:

- Você não quer saber de quem a entidade está falando?

- Eu sei. - Foi a resposta seca.

Fez-se um ligeiro silêncio; pouco depois, como autômato, o espírito informou sussurrando:

- Ele sabe. - Tomou fôlego e complementou a comunicação: - O marido tem ciúmes dela. Avise-o de que ele vai começar a pagar desde esta vida. O resgate lhe será imposto com muito sofrimento. Mas diga-lhe também que não sou eu que me vingo: é o destino dele, pelo que fez, porque as leis Superiores são imutáveis. Quando eu me afastar, ela terá que ir comigo, porque estamos juntas. Ele sempre pensou que eu fosse um menino, talvez, por isso, o ciúme; eu nasceria sendo menina e ele iria gostar muito mim porque eu seria muito carinhosa com ele.

Falou as últimas palavras com a voz embargada, cortando a comunicação; logo a seguir, o médium desperta com uma cara de quem não sabia de nada.

Messias saiu dali e foi direto falar com Sula; contou-lhe tudo, tim-tim por tim-tim.

- De quem o espírito falava?

- Tenho quase que certeza de que é de Anabela.

- E mesmo. Ela está muito mal. Você não gostaria de visitá-la comigo? Ela foi hospitalizada.

- Iremos amanhã.

Combinaram e foram para o hospital. Ela estava num quarto particular, dopada de analgésicos e o marido, fiel a seu amor, grudado a seu lado, segurava-lhe um das mãos e com a sua outra livre, alisava-lhe a fronte. Estava muito consternado. Vendo a cunhada e o companheiro, levantou-se da cadeira para falar com eles; notando-a ainda lúcida, sem que ninguém ouvisse, a irmã pergunta:

- Por que você foi fazer tantos abortos?
- Quem lhe disse isso? - Sussurrou a enferma, para ouvir como resposta:
- Aquela que ia nascer como sua filha.

Anabela olha espantada para a irmã e volta a sussurrar:

! Filha! |

- Sim, filha. Seu marido sempre pensou que fosse filho. Não é?

A enferma nem tinha forças para falar; limitou-se a um simples aceno de cabeça, concordando.

A irmã voltou a lhe falar quase num sussurro:

- Você angariou um débito terrível; que loucura! Como pôde fazer isso?

- O Quim não queria, para não atrapalhar nossa felicidade. O primeiro ia ser neto dele. Tive medo de que nossos pais não me aceitassem e pedi para tirá-lo, o resto...

A enfermeira entrou com uma série de seringas numa bandeja cirúrgica; tomou uma delas e aplicou-a na paciente e comentou com as visitas:

- Todos vão sair, para que ela possa descansar.

Quim era a forma carinhosa por que Ana tratava o marido. Ao largo, Messias conversava com ele, que, aos prantos, confessava:

- Eu sei que foi meu egoísmo, por isso é que não me conformo. Você não vai entender...

Messias olhou aquele homem angustiado e compreendeu porque iria começar a pagar seu débito. Disse-lhe, então, carinhosamente:

- Eu sei de tudo: mesmo que não acredite, aquela que seria sua filha foi até a reunião espírita que freqüente e confessou que não pôde nascer porque o pai não deixou; ela não lhe tem rancor porque sabe que o senhor fez isso por amor em demasia, à que seria sua mãe.

- O pranto daquele homem fez com que Messias embargasse a voz. Não conseguiu falar mais nada. A um aceno simultâneo de Sula e da enfermeira, foi saindo atrás das duas. Já no corredor comentou:

- Coitado! Como sofre.
- Parece que o castigo contra o aborto é terrível!
- Mata-se uma criança completamente indefesa no ventre materno sem lhe dar nenhuma alternativa.

Anabela desencarnava três dias depois, na sala do CTI.

Transfigurado, Quim abraçava a todos que tentavam confortá-lo, no velório. Quando viu Messias entrar, agarrou-se nele e, em prantos convulsivos pedia:

- Me leva lá, que eu quero pedir perdão à minha filha.

Começava o resgate.

| * *

Messias acabara se casando com Sula que deixara o trabalho na clínica do cunhado para atender, apenas, por diletantismo, aos animais dos amigos. Sua cunhada Mag, irmã de Messias, vinha constantemente, com seu marido, visitá-los. Eram só os dois irmãos: seu Souza, pai deles, desencarnara pela idade e, logo depois, também sepultavam a mãe, dona Ingrácia. A tia Conceição é que ficara para semente e morava com Messias que fazia questão de manter um quarto em seu casarão, só para ela. Casara-se muito mais moça do que o “velho marinho”, seu esposo, e essa diferença de idade se refletia então.

Naquela noite, Sula teve uma vontade súbita de acompanhar o marido quando este saiu para ir à sessão mediúnica; como nunca se mostrasse interessada pelo assunto nem pelo estudo doutrinário, Messias também não insistira para que freqüentasse as reuniões, por isso, como, naquele momento, partia dela a iniciativa, de imediato, prontificou-se a levá-la.

Com isso, como a esposa não estivesse preparada para sair, demorou um pouco, arrumando-se devidamente, motivo por que se atrasaram. Quando chegaram à sala dos trabalhos, já todos estavam prontos para fazer a prece inicial; só deu tempo de entrarem e cerraram-se as portas; não foi possível fazer nenhuma apresentação.

Às tantas, pelo médium Luiz, manifesta-se um espírito conturbado dizendo que havia sido irmão de uma das presentes e que não soubera aproveitar a oportunidade que tivera; a comunicação foi cortada, surgindo, a seguir, a guia do médium que explicou:

- Esta entidade veio acompanhando uma pessoa que, nessa encarnação, foi sua irmã de criação e queria lhe dar uma mensagem, só que não foi possível, pelo estado em que se encontra. Foi morto em situação difícil, sentindo-se abandonado pela família e, até agora, ainda guarda essa mágoa que não lhe permitiu dar sua comunicação.

Messias arriscou perguntar:

- E quem estamos pensando?

- Sim. Ele não era para ser adotado pela família; não havia nenhuma conexão para isso. Foi um grande erro

tê-lo feito, porque, por falta desses vínculos e de preparo da família, não teve o carinho necessário para que lhe servisse de ajuda efetiva. Foi sempre um revoltado; sentia-se desprezado pelos demais, como, de fato, o foi, ou melhor, não teve a atenção que deveria receber, o que fez angariar um vínculo que repercutirá na próxima encarnação, com um débito que não precisava ter existido. Nem sempre acolher crianças, dessa forma, é realizar missão, porque, neste caso, ela foi falha. Muitos erram, com essa maneira de agir, pensando que estão ajudando a um ser necessitado, quando, em verdade, os que assim agem é que estão precisando de orientação. Já falei demais.

Calou-se, como se, de fato, estivesse dizendo coisas que não conviessem.

Messias e Sula saíram dali meditando no fato; ele ainda falou para a companheira:

- Isso serve de lição, mas tenho a certeza de que, mesmo que se dê ciência a todos, desse fato, muitos irão repetir o mesmo erro dos seus pais, os meus sogros, adotando filhos sem ter amor e capacidade para criá-los.

Os dias se passavam repetitivos e nada parecia modificar aquela rotina monótona do cotidiano.

Num sábado, antes da manhã acabar, a campainha do portão toca. Sula estava tratando de um cão que uma vizinha levava para ela ver. Moravam num bairro muito pitoresco, onde os arranha-céus ainda não haviam invadido o ambiente. O velho apartamento paterno do edifício sem elevador fora vendido no inventário, para que não ficasse pendente; com a parte que lhe coube, Messias comprou aquela nova residência. Ao ouvir o toque da campainha, ela pediu ao marido para ver quem era. Messias estava lendo o jornal; levantou-se displicentemente e, da porta, notou que um garoto, com um cão ao colo, insistia no botão da campainha. Dali mesmo, falou para a esposa:

- Deve ser um cliente seu.
- Vai ver pra mim, bem; estou aqui ocupada.

Abriu a porta, largou o jornal que ainda estava em suas mãos, passou por uma pitoresca varanda cheia de samambaias e foi abrir o portão para que o menino entrasse com seu cãozinho já meio velhusco. Antes de falar qualquer coisa, o menino interpelou:

- É aqui que mora seu Messias de Souza?
- Sou eu.

Estendendo-lhe o cão e um envelope, o menino informou:

- Aqui: mamãe mandou lhe entregar.

Messias pega o animal que parecia conhecê-lo, pede ao menino para entrar e abre o envelope. Ato contínuo, o

garoto abaixa-se, pega uma pequena bolsa e entra na casa, trazendo-a consigo.

Numa letra que jamais ele esqueceria, diante dele está uma carta dizendo-lhe:

Quando esta lhe chegar às mãos, meu corpo já estará na sepultura; não ligue. O médico não pôde me esconder a doença; lembre-se que eu fui enfermeira: estou com leucemia e tenho poucos dias de vida. Minha mãe já desencarnou, faz tempo, deixando-me a casa como herança. Escrevo-lhe para me despedir de você e lhe devolver o Pirata, para que ele não fique abandonado; cuide, também, do menino: ele é fruto do nosso amor e começou a ser gerado naquele dia em que nos despedimos. Foi o mais rápido dos encontros e o maior de todos os prazeres da minha vida!

Não precisa dizer para ninguém; cuida do nosso filho, que ele só tem você no mundo.

Nesse ponto, as lágrimas invadiram sua face. Olhou ternamente para o menino e lhe perguntou:

- Sabe quem eu sou?
- Mamãe me disse que eu deveria procurar meu padrinho, que ele cuidaria de mim e do Pirata.

Messias não se conteve: abaixou-se, apertou o menino nos braços e confessou-lhe:

- Eu sou seu pai.

Atônito, o menino ficou sem entender nada daquilo. Querendo se justificar, sendo verídico, Messias ainda ponderou:

- Sua mãe jamais me disse nada, por isso é que eu nunca o procurei. Só agora é que ela me escreve, depois de tanto tempo, falando que você existe.
- Mamãe morreu.
- Não, meu filho, não morreu não: ela está aqui, bem perto de nós, feliz, vendo-me abraçá-lo e reconhecê-lo.

Ela vai continuar velando por você, ao nosso lado.

Nosso enredo termina aqui, quando começa uma outra história, a do *“cão de colheira*

(*) Colheira é o termo escoreito para definir a gargantilha que cinge o pescoço do cão; provém do latim *collarium* (de *collaris*, e - terceira declinação), que passou pelo francês como *collier* (a exemplo do famoso livro *Chiens sans Colliers*, que mereceu a tradução portuguesa denominada *Cães Perdidos sem Colheiras*).

Coleira — registrado nos dicionários contemporâneos, é a atualização morfológica de *colleira*, o adorno, como o colar, que envolve o pescoço e prende a medalha, o medalhão ou qualquer outro pendente pousado sobre o colo (do latim *collum*, l - da segunda declinação).

(Notas do autor)